

VAMPIRE GIRL



KARPOV KINRADE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR



Você acha que é seguro andar sozinho à noite. Não é.
Você acha que a única ameaça são outros seres humanos.

Não são.

Monstros são reais. Demônios são reais. Vampiros são reais.

E estou prestes a me tornar um deles.

Meu nome é Arianna Spero. Eu era uma garota comum,
vivendo uma vida normal, até a minha mãe entrar em coma.

Agora sou sua única esperança. Ela fez um acordo com o
diabo, e no meu aniversário de 18 anos ele veio para cobrar.
Mas há uma maneira de salvá-la. Há algo que os príncipes do
inferno querem mais que minha mãe.

Eu.

Então eu vendi minha alma e prometi escolher um príncipe
para casar. Eu faria o juramento de sangue, me tornaria um
deles e daria a eles um herdeiro. Eu me tornaria uma
princesa do inferno e minha mãe viveria.

Eu esperava fogo e enxofre. Eu esperava dor e miséria. Eu
não esperava beleza. Eu não esperava magia.

Eu não esperava amor.

Mas os príncipes estão guardando segredos de mim.

Segredos que poderiam destruir tudo.

Para quem sonha em fazer o juramento de sangue.

Os Príncipes do Inferno estão vindo por você.

Você está pronto?

A woman with long dark hair, wearing a long red cape over a white dress, stands in a snowy, misty forest. She is looking towards the camera. The background is a soft-focus winter scene with snow-covered trees and a misty atmosphere.

Capítulo 1

THE ROXY

“Nós somos o oásis no deserto, o porto seguro na tempestade, o lugar onde qualquer um é bem-vindo, contanto que você não seja um idiota para os servidores”.

— Arianna Spero

A chuva cai em cascatas do lado de fora da minha janela no segundo andar, como cachoeiras em camadas. Eu abraço meus joelhos em meu peito e pressiono minha bochecha contra o vidro frio enquanto observo o mundo lá fora se embeber na névoa e água de Oregon.

Minha mãe está lá embaixo cozinhando algo que cheira maravilhosamente bem. Waffles e bacon, eu acho. Meus favoritos. Café da manhã para o almoço? Ou seria jantar? Trabalhar à noite estraga todo o meu cronograma. Eu checo o relógio. São quase três da tarde, então talvez um almoço tardio? Ou lanche da tarde? Eu rio do meu próprio humor estúpido. Eu tenho sido uma adulta agora por quinze horas. Eu nasci à meia-noite na lua cheia durante uma tempestade, ou assim minha mãe me diz.

Há pessoas do dia e pessoas da noite. Eu sou uma pessoa da noite. Uma coruja. Um vampiro. Um ser das trevas. Uma deusa da lua.

Eu ouço minha mãe vasculhando a cozinha, cantarolando a música sem nome que ela sempre cantarola quando está sozinha. Sinto um tipo estranho de melancolia hoje, mas não sei por quê. É meu aniversário, eu deveria estar feliz. Por que não estou?

Eu puxo a camisa enorme que uso para dormir, puxando-a para baixo das minhas canelas enquanto eu estremeço. O aquecedor parou de funcionar novamente, bem a tempo de um inverno muito frio.

— Ari! Café da manhã! — A voz da minha mãe é estridente. Frivolidade forçada. Ela está no limite também, provavelmente por causa daquelas notas finais de aviso que eu vi em seu quarto.

Ela não sabe que eu deixei a faculdade para trabalhar em tempo integral no The Roxy. Ela não sabe que já paguei a conta de luz para que não fosse desligada. Ela vai ficar chateada quando descobrir, mas pelo menos ainda teremos eletricidade.

A faculdade pode esperar.

Não é como se eu estivesse atrasada, já tendo me formado um ano antes e completado três semestres de graduação. Mas tenho uma estrada longa e cara à minha frente se eu quiser realizar o meu sonho de me tornar advogada. E ainda não tenho tempo nem dinheiro para esse sonho. Ela vai entender um dia.

Eu espero que entenda.

— Estou indo, mãe!

Eu viro minhas pernas para fora do banco da minha janela e pego um jeans no chão. Leva apenas alguns segundos para puxá-lo e amarrar meus longos cabelos em um rabo de cavalo. Alguns fios negros caem e eu os coloco atrás das orelhas e desço as escadas.

Minha mãe sorri quando me vê, mas seus olhos estão vincados de preocupação. — Feliz Aniversário, Arianna! — Ela está segurando um prato de waffles e bacon, com dezoito velas acesas saindo do waffles.

— Obrigada, mãe. — Eu ando e apago as velas, perdendo a última enquanto fico sem ar. Eu não fiz um desejo, então isso realmente não importa.

— O que você desejou? — ela pergunta.

Eu sorrio, esperando que meus olhos não traíam minha estranha ansiedade. — Se eu disser não se tornará realidade.

Ela assente. — Claro. — Minha mãe e eu não somos muito parecidas. Ela é selvagem, com cabelo ruivo encaracolado, sardas e olhos castanhos. Eu me pareço com meu pai, ela diz. As poucas fotos que vi dele provam que ela está certa. A pele pálida, cabelos negros, características élficas e olhos verdes são quase idênticos. Eu posso ter conseguido minha aparência do meu pai, mas eu tenho a determinação e teimosia da minha mãe.

Ela manca ao redor da cozinha servindo nosso café da manhã, e eu resisto à vontade de ajudá-la, e insistir que ela se sente. Eu sei que ela está com dor. Eu posso ver isso a corroendo, nas expressões apertadas em seu rosto e no cansaço dos olhos dela. Tem piorado ao longo dos anos, e os analgésicos são cada vez menos eficazes. Mas apesar de tudo, ela não me deixa ajudar. Minha mãe não é nada senão orgulhosa e ferozmente independente.

Nós nos sentamos em nossa mesa de cozinha de duas pessoas cercada por paredes amarelas descascadas com pinturas baratas de flores e frutas decorando-as. Eu amo a nossa cozinha, tão pequena e velha como é. É alegre e sempre cheira a canela e mel.

Eu estou no meio de uma mordida quando minha mãe olha para cima, seu sorriso vacilante. — Que horas você tem aula hoje?

Eu odeio mentir para ela, mas hoje não é o dia para lhe dizer a verdade. — É sexta-feira — eu digo. — Sem aulas. Apenas trabalho.

Seus olhos se iluminam. — Oh, talvez você pudesse tirar o dia de folga? Poderíamos passear? Ou talvez ir ao museu?

Eu quero dizer sim. Eu realmente, realmente quero. Mas não posso me dar ao luxo de perder um dia de pagamento. Não quando eu sei que o aluguel está atrasado e estamos recebendo avisos de despejo. Mas

não posso dizer isso a ela. Ela trabalha tão arduamente para nos ajudar, e sei que iria quebrar seu coração se ela achasse que eu estava preocupada. Então, em vez disso, dou de ombros e tento agir de maneira casual. — Eu não posso, me desculpe. Eu não seria capaz de conseguir alguém para me cobrir tão de última hora. Mas que tal sair para comer depois do meu turno? Eu pago.

Eu posso ver a decepção em seu rosto, mas ela cobre rapidamente com um sorriso. — Isso seria divertido. Mas eu pago. Sem argumentos. Você só faz dezoito anos uma vez.

— Combinado. — Eu levo meu prato para a pia e lavo, então a beijo na bochecha e depois subo as escadas. — Eu vou me preparar para o trabalho. Vejo você de manhã.

— Eu não gosto de você trabalhando nesses turnos noturnos, Ari — ela diz enquanto eu estou no meio da escada. — Pessoas tão estranhas indo e vindo. Não é seguro.

Eu paro e olho para ela por cima do meu ombro. — Shari cuida de nós. Não se preocupe. Estou bem. — Mas suas palavras me dão um arrepio na espinha.

Se eu soubesse como o dia iria progredir, eu teria ficado. Eu teria gasto cada minuto com ela que eu pudesse. Eu teria tentado encontrar uma maneira de mudar o destino. Mas esse é um pensamento tolo de uma garota tola que não sabia de nada, não é?

Eu me visto rapidamente em meu jeans skinny preto padrão e camiseta preta apertada. Eu uso meu desconfortável sutiã para dar aos meus seios mais decote do que eles naturalmente têm. Gorjetas melhores desse jeito.

A única joia que uso é o anel de arenito azul que minha mãe me deu quando fiz treze anos. Ela disse que é uma pedra estelar, muitas vezes chamada de “fada cintilante” durante o Renascimento e acredita-se ser abençoada pelas fadas. Eu sempre uso, e embora não acredite nas

propriedades mágicas de algum atributo das pedras, ainda me sinto mais feliz e afortunada com ele.

Eu volto minha atenção para o meu cabelo, puxo-o em uma trança e, em seguida, aplico batom vermelho, sombra preta e rímel preto nos meus olhos, até que eu pareça uma garçonete do Roxy.

Era uma longa caminhada para o trabalho, e ainda assim eu tenho sorte de morar tão perto do centro. Minha mãe conseguiu um apartamento bem barato quando eu era bebê – algum amigo com uma conexão com amigos – e tivemos apenas alguns aumentos de aluguel em todo esse tempo. É a única maneira de ainda termos condições de viver nesta parte de Portland.

Eu ficava atenta ao meu redor enquanto andava, mesmo nesta cidade amistosa. Eu ando com um andar determinado, olhos focados, sentidos alertas para tudo ao meu redor. Mulheres andando sozinhas sempre precisavam ter cautela em nosso mundo, infelizmente. Mas não sou uma pessoa inerentemente paranoica, e ainda assim meus sentidos estão em alerta máximo.

Alguém está me seguindo.

Eu não consigo ver, ou mesmo ouvir, mas alguém está me observando, me espreitando, e todo meu instinto está gritando em perigo.

Ando mais rápido, meu coração martelando no meu peito, minhas palmas ficando suadas. Eu pego o spray de pimenta da minha bolsa e seguro na minha mão. Eu não vou ficar em silêncio, como eles pensam. Minha bota preta ressoa contra o pavimento molhado. Eu tento aquietar minha respiração para que eu possa ouvir se alguém se aproxima, mas tudo que ouço é o zumbido constante da chuva lavando a cidade.

No momento que entro no louco mundo que é The Roxy, minha fina jaqueta está encharcada e estou tremendo, embora não apenas pelo frio. A lanchonete está zumbindo com as pessoas, e o calor e o cheiro deixam meus nervos à vontade como nada mais pode. Eu olho para fora, mas não vejo nada incomum. Talvez tudo estivesse apenas na minha cabeça.

Um dos nossos clientes regulares diz oi, e eu sorrio e aceno, pegando um guardanapo para secar o rosto depois da chuva. Eu aprecio as personalidades ecléticas que entram em todas as horas. Eu adoro interagir com eles, descobrir sobre suas vidas, dando a eles exatamente o que precisam para passar as próximas horas. Eu sempre achei que trabalhar aqui fosse meu destino. Não é um destino fascinante, como as coisas correm. Eu nunca faria milhões ou mudaria o mundo servindo cafês e lanches para a fome de cafeína, privação de sono, massas de ressaca, mas é um trabalho gratificante que eu aprecio. Isso não conta muito? Quando a maioria das pessoas tem medo de acordar de manhã e encarar o dia, acho que amar o que você faz e com quem você faz é um presente. Mas eu nunca senti contente em minha própria pele, ou em minha própria vida. Eu sempre achei que era porque eu precisava realizar alguma coisa maior que eu. Ajudar outros. Fazer a diferença. Eu escolhi a lei pensando que faria isso. Minha passagem para a paz e a felicidade, mas estou começando a duvidar que haja algo neste mundo que possa me fazer sentir essas coisas.

Esmeralda estava realmente frenética quando cheguei, seus longos cílios piscando rapidamente. — Querida, você está atrasada! — ela diz em seu sotaque sulista que eu sei que é falso. Ela nasceu e cresceu em Los Angeles antes de se mudar para o Oregon, mas nunca contei isso a ninguém. Ela é muito protetora de suas raízes ficcionais do sul. Ela me puxa, acenando uma longa unha vermelha na minha cara. — Estamos quase explodindo!

Eu olho em volta e vejo que ela está certa. O turno noturno é sempre louco. Os alcoólatras profissionais saem para comer antes de beber e entram aqui para comer. Retardatários alinham-se aos balcões prontos para algo gorduroso, frito ou assado para saciar qualquer desejo que eles estão tendo, e à medida que a noite passa, os assentos vão fluindo. Nós somos o oásis no deserto, o porto seguro na tempestade, o lugar onde qualquer um é bem-vindo, enquanto você não é um idiota para os servidores. Shari, a proprietária, deixa uma coisa muito clara: o cliente nem sempre está certo, e se você desrespeitar sua equipe, você

está fora daqui. Fim da história. Eu a amo por isso. Trabalhei em um restaurante diferente antes de conseguir esse emprego e parei depois de uma semana. O gerente tratava os empregados como escravos. Eu não sou serva de ninguém.

— Shari está muito brava? — Eu pergunto para Es.

Es apenas revira os olhos. — Por favor. — Ela pega o guardanapo da minha mão e esfrega embaixo dos meus olhos. — Olhe para cima — ela diz, enquanto conserta minha maquiagem. — Querida, você precisa conseguir um carro ou aprender a apreciar o transporte público. Este não é o tempo para caminhar por aí.

Antes que eu possa discutir, ela se afasta. Eu suspiro e olho para Jesus pendurado na cruz. Ele sempre parece tão reprovador, como se dissesse: “Você acha que tem problemas?” mas, novamente, talvez ele esteja apenas verificando as esculturas nuas atrás do bar. A decoração de The Roxy é quase tão famosa quanto a insolente equipe e os alimentos destruidores de artérias. Eu corro para a parte de trás para me arrumar. Mas quando viro a esquina, há um pequeno grupo de pessoas, Shari e Es incluídas, segurando um Bolo de Chocolate com velas acesas. Eles começam a cantar uma canção mórbida de feliz aniversário sobre a morte e então riem ruidosamente e alguém me dá um tapa enquanto me inclino para apagar as velas.

Shari me abraça. — Feliz Aniversário, garota. Você não tinha que vir hoje.

Eu a abraço de volta. — Sim, eu tinha. Mas obrigada.

Es me abraça em seguida, seu corpo alto me ofuscando. Ela era um homem alto certa vez, e faz uma mulher ainda mais alta, com estereótipos sociais. Mas ela é toda mulher e uma das minhas melhores amigas no mundo. Ser transgênero em um mundo binário não deve ser fácil, e todo dia admiro a coragem necessária para que ela seja apenas ela mesma. Talvez seja por isso que nos tornamos melhores amigas quase instantaneamente no dia em que comecei a trabalhar aqui, porque, a nosso modo, cada uma de nós sente essa desconexão com a vida em que

nascemos. Eu tenho lágrimas nos olhos quando olho para ela. — Você deveria ter me avisado — eu repreendo.

— Nunca! — Ela diz, um brilho nos olhos castanhos enquanto tira o cabelo loiro do rosto.

Shari me entrega uma fatia de bolo. — Coma. Os clientes podem esperar.

Como se com a sugestão, alguém do bar levanta a voz, reclamando sobre o serviço. — O que leva tanto tempo? O que todos vocês estão fazendo aí atrás, girando os polegares?

O rosto de Shari endurece enquanto ela sai para dar a esse cliente um conversa do que passa em sua mente. — Eu sinto muito. Não sabia que nos casamos em uma vida passada.

É uma frase que ela usa muito. Às vezes funciona, mudando o humor para feliz. Quando isso não acontece, o cliente é expulso e colocado na lista negra do melhor restaurante de Portland. Ele quem perde.

Desta vez funciona. O cliente pede desculpas, Shari é gentil, e tudo está bem no mundo do The Roxy.

Eu adoro isso aqui. Esta é minha família. Minha segunda casa. Eu vivi sozinha com minha mãe toda a minha vida. Meu pai morreu quando eu era criança e não temos outros parentes. Morte, doença, vida... roubou todos. É só aqui, no The Roxy, que tenho uma família de verdade para chamar de minha, fora a minha mãe.

Termino meu bolo e verifico quais são as minhas mesas. Estou pronta.

A noite é longa, mas divertida. Nós temos os nossos clientes regulares, o cara que quase nunca fala, usa a mesma coisa todos os dias, mas sempre deixa uma boa gorjeta e é gentil com todos nós, a drag queen que gosta de flertar com nosso cozinheiro, aqueles saindo de seus turnos em outros bares, que estão muito sóbrios e adequadamente vestidos para beber a noite toda... Eu os cumprimento pelo nome, sirvo-lhes o que mais gostam, brinco com eles apenas para fazê-los sentir-se cómodos, como se este fosse o lugar deles também, porque é assim.

Mas quando ele entra, é como se o tempo parasse. Ele não é regular. Ele nunca esteve aqui antes. Eu não sei como eu sei disso, mas sei que ele está aqui por mim. E minhas mãos tremem quando ando até ele, sentado em uma cabine sozinho, sem olhar para o cardápio. Ele tem cabelos escuros como a noite e olhos como a lua e o mar. Sua pele é pálida e perfeita e ele parece ter sido esculpido em mármore. Ele usa um terno sob medida perfeito demais para ser comprado em prateleiras. Lidamos com todos os tipos no The Roxy, mas não o seu tipo.

E ele me deixa nervosa.

— O que eu posso servir para você? — Eu pergunto, minha língua tropeçando em si mesma.

Ele olha para mim e sorri. — Você está no cardápio?

* * *

Esta não é a primeira vez que eu fui cantada no The Roxy. É uma ocorrência regular. Eles flertam, eu flerto ou sou insolente, dependendo do meu humor. O que eu não faço, o que nunca faço, é gaguejar.

Até agora.

Eu literalmente gaguejo. Minhas axilas estão suando, minha cabeça está quente e posso ter uma febre repentina. Também posso vomitar. O que há de errado comigo? Gagueira é uma doença? Porque se for, eu claramente contrai.

Ele parece divertido. — Você está bem? — Sua voz é profunda e ele tem o sotaque mais sexy, uma espécie de cruzamento entre britânico e sul-africano. Ele levanta o copo de água para mim, seus dedos longos e esbeltos bem cuidados. — Beba.

Eu pego o copo e nossas mãos se tocam. Um calafrio percorre meu corpo e quase derrubo o copo. O que estou fazendo? Eu não posso beber a água de um cliente. Eu coloco de volta na mesa. — Eu estou bem. Apenas... quente.

— De fato — ele diz, seus lábios em um sorriso, olhos brilhando.

— Você... uh... decidiu em seu... o que você quer? — Cala a boca, Ari. Você parece uma idiota.

Ele sorri, uma covinha se formando em seu queixo. — O que você recomendaria?

— Depende — eu digo, diminuindo a minha respiração para que eu não desmaie. — Você está com vontade de salgado ou doce?

Tudo o que eu digo de repente parece ter um duplo sentido com esse homem.

— Me surpreenda. — Ele me entrega seu cardápio e puxa a manga de seu paletó.

— Você não parece um homem que geralmente gosta de surpresas — eu digo, estudando-o mais de perto enquanto recupero minha compostura.

Ele levanta uma sobrancelha perfeitamente formada para mim. — Sério? Que tipo de homem eu pareço?

— Um homem orgulhoso que gosta de controle.

Há um lampejo de surpresa em seu rosto, antes de sua máscara voltar ao lugar. Como eu sei que é uma máscara? Como sei essas coisas sobre ele? Eu não faço ideia. Eu sou bastante intuitiva sobre as pessoas, mas deixo a leitura da sorte para o namorado de Es, Pete. Ele tem o dom, ou assim todo mundo diz. Eu sempre fui muito medrosa para que ele me lesse.

Ao contrário desse homem diante de mim, eu gosto de surpresas. A vida é muito sombria sem elas.

— A maneira como você se veste — eu digo.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Você usa um terno italiano caro em uma lanchonete. Suas unhas são bem cuidadas. Sua pele é bem cuidada. Tudo sobre você grita controle. Precisão. Não há nada que indique que você gosta de espontaneidade ou surpresas.

Ele não responde, apenas olha nos meus olhos por muito tempo. Eu olho em volta para escapar do seu olhar penetrante. Meus olhos caem para a mesa, para suas mãos elegantes. O punho de seu paletó foi

erguido, expondo um estranho tipo de cicatriz ou tatuagem em seu pulso. — Isso significa algo especial? — Eu pergunto, apontando para ela. Ele olha para baixo e rapidamente puxa seu paletó para cobri-la.

— Apenas uma marca de nascença.

Eu corro e olho para longe. — Eu apenas vou... encontrar algo para você comer. — Eu saio correndo e me escondo na parte de trás, até que posso desacelerar meu coração selvagem.

Es corre, mãos cheias de pratos, mas faz uma pausa quando me vê. — Qual é o problema com você, querida? Você não vai ficar com a gripe que está por aí, vai? Vômito não é uma boa ideia.

Eu balanço a minha cabeça. — Eu não estou doente. Apenas... confusa. Eu não sei. É estranho. Eu estou bem.

Ela levanta uma sobancelha para mim, em seguida, olha para a minha mesa. — Oh, entendo. Querida, esse homem é um presente do Universo. Ele é seu presente de aniversário, todo embrulhado em seda e cetim. Você deveria dar seu número!

— De jeito nenhum. Definitivamente não é meu tipo.

— Mesmo? Alto, moreno e sexy como o pecado não é seu tipo? Diga qual é? — Ela se inclina para mais perto de mim e eu posso sentir seu perfume caro. — Olha, querida. Você é a coisa mais próxima de uma virgem que o Roxy já viu há mais de dezesseis anos. Você precisa pegar um pouco antes de murchar.

Eu levo minha mão ao meu peito em ofensa fingida. — Eu não sou virgem!

Ela revira os olhos. — Garotos do ensino médio atrás das arquibancadas não contam. Agora pegue alguma coisa para aquele homem delicioso comer, e eu não estou falando sobre nada do nosso cardápio.

Apesar das minhas palavras ousadas, eu corro, porque ela não está errada. Para uma garçonete no The Roxy, eu sou inexperiente quando se trata de homens.

Mas agora, o tempo está passando, minhas outras mesas estão se enchendo, e eu preciso descobrir com o que alimentar esse homem

estranho, quando meus olhos pousam no meu bolo de aniversário. Eu corto uma fatia e levo para ele. Seus olhos se enrugam quando ele vê. — Boa escolha — diz ele.

— É o meu bolo de aniversário — eu digo. Porque eu sou uma criança de cinco anos com sua primeira paixão do jardim de infância, aparentemente.

— Feliz aniversário — ele diz, dando uma grande mordida no bolo. — Meu irmão adoraria este lugar. Decadente o suficiente para ele.

— Você não gosta de decadência? — Eu pergunto.

— Eu prefiro trabalhar, para não me distrair com prazeres temporários. E você, Arianna? Do que você gosta?

Eu estreito meus olhos. — Como você sabe meu nome? Nós não usamos crachás no The Roxy.

— Eu ouvi o seu colega mencionar isso — ele diz sem parar. — Mas você não respondeu a minha pergunta. Do que você gosta?

— Clientes que dão uma gorjeta grande — eu digo, me virando para ir embora.

Eu o ouço rir enquanto paro para anotar o pedido da minha próxima mesa.

Quando eu volto, ele se foi, apenas uma mordida faltando em seu bolo, mas ele deixou uma pilha de notas de vinte dólares sob o copo de água, com um cartão de visita. Eu olho para isso em descrença, em seguida, conto rapidamente. Trezentos dólares? Por uma fatia de bolo? Minha respiração engata. Ele fez isso de propósito? Quem é esse cara? Pego o cartão e o estudo. É um cartão pesado com letras prateadas gravadas. Sem nome, apenas número de telefone e um bilhete escrito à mão que diz: “Até breve” em um estilo cursivo formal em tinta preta grossa. Eu coloco o cartão e o dinheiro no meu bolso enquanto um homem bêbado do outro lado da lanchonete chuta a jukebox.

Es lida com ele, explicando com a mão no quadril o comportamento apropriado no Roxy. Eu pego seu olhar e gesticulo para os fundos, depois escapo dos clientes.

Ela me encontra pairando sobre os restos do meu bolo de aniversário, olhando para o dinheiro. — Oh meu Deus! Aquela coisa sexy deixou isso para você?

Eu aceno, ainda incapaz de falar.

— E você deu a ele o seu número? Diga que você deu seu número!

Eu balancei minha cabeça. — Mas ele me deu o dele. — Eu mostro o cartão para ela.

Ela assobia baixinho. — Garota, é melhor você ligar para ele. Se você não ligar, eu vou.

Separei algumas notas de vinte e coloquei-as na mão de Es. — Para o seu fundo.

Seus olhos se enchem de lágrimas e ela bufa enquanto delicadamente as afasta. — O que você está fazendo, menina? Sabe quanto tempo leva para fazer o meu rosto? Você não pode me dar isso. Você precisa muito mais.

Eu balancei minha cabeça. — Es, você está economizando para a sua cirurgia de mudança de sexo há anos. Estou fazendo minha pequena parte para ajudar. Você vai chegar lá.

Ela está usando hormônios e fez o aumento de peito, mas há uma última peça em sua transição que ela ainda não conseguiu fazer, e está desesperada para isso.

Ela me abraça e depois se afasta, resmungando sobre reaplicar seu rímel. Sorrio, e pego um pedido de uma das minhas mesas.

O resto do meu turno voa, e meus pés e costas ficam doloridos quando amanhece. Es beija minhas bochechas e coloca uma pequena caixa na minha mão, quando estou saindo. — Feliz aniversário — ela diz.

Eu agradeço a ela e abro a caixa. Dentro está um pingente em uma corrente de prata. A pedra é linda – uma mistura de verdes e azuis. Eu deslizo sobre minha cabeça.

— Pete disse que você precisaria disso. É labradorite. É a proteção contra poderes psíquico, e ajudará a despertar seus próprios poderes.

Eu não acredito na maioria dessas coisas, mas mantenho o pingente enquanto caminho de volta para o meu apartamento. Há gelo

no chão, a chuva congelando com a queda da temperatura. Tomo cuidado enquanto ando, e puxo meu casaco fino ao redor do meu corpo, tentando ficar um pouco seca. Não funciona. Vou precisar de orçamento para um novo casaco de inverno em breve. Eu me lembro do maço de dinheiro no bolso e sorrio apesar do frio.

Estou na metade do caminho para casa quando mais uma vez sinto a presença de alguém me seguindo. Dessa vez, não quero correr. Em vez disso, viro spray de pimenta na mão e desafio meu perseguidor invisível. — Quem está aí? O que você quer?

Eu espero, minhas pernas na largura dos ombros, pronta para lutar. Eu não ouço nada, não vejo nada. Me sentindo tola, eu refaço meus passos, mas está nebuloso e não posso ver muito. — Eu sei que você está aí!

Minha voz soa tão alta, tão grosseira na manhã silenciosa, antes do amanhecer.

Ainda nada.

Eu suspiro e viro, caminhando rapidamente para o meu apartamento.

O resto do mundo estará acordando para o fim de semana em breve, mas meus olhos estão pesados, e estou pronta para dormir. Então lembro que prometi a minha mãe que comeríamos alguma coisa. Eu bocejo, me estico e tento me acordar quando abro a porta. — Mãe! Eu estou em casa. Só vou tomar banho e me trocar e depois podemos sair.

Eu me apresso para cima e tiro minha roupa de trabalho. Minha ducha é rápida e puxo meu jeans e um suéter e uso maquiagem para me fazer parecer um pouco menos cansada antes de ver minha mãe. Ela sempre se preocupa por eu estar trabalhando demais e sem dormir o suficiente. Ela não está errada, mas não posso deixar que ela saiba disso.

Espero encontrá-la na sala de estar ou na cozinha. Quando não o faço, bato na porta do quarto dela, o único quarto à esquerda, além do nosso banheiro compartilhado. Não há resposta.

— Mãe?

Eu abro a porta e olho para dentro. Eu vejo seu pequeno pé pendurado na cama, então eu empurro a porta todo o caminho. Ela não deve ter acordado ainda.

— Mãe? — Eu me aproximo, não tenho certeza se devo acordá-la ou deixá-la dormir. Ela está deitada de costas, a cabeça virada para longe de mim, os cobertores em torno dela. Eu só posso ver a parte de trás de sua cabeça, e meu coração bate mais forte, como se soubesse algo que eu não sei.

Minha voz fica mais em pânico. — Mamãe! — Eu a alcanço, minha mão pousando em seu ombro. Não se move. Eu escovo o cabelo longo do rosto dela. Seus olhos estão fechados, mas ela ainda não responde. Eu grito para ela, mas seu corpo está imóvel. Sem vida.

Alcanço meu celular e disco 9-1-1. — Por favor, me ajude. Eu acho que algo aconteceu com a minha mãe. Eu acho que ela está morta.



Capítulo 2

O HOSPITAL

“Às vezes lobos vêm em pele de cordeiro”.

— Fenris Vane

Os médicos encontraram um pulso quando chegaram, e fizemos um tempo rápido até o hospital na ambulância. Agora estou sentada esperando. Eles a levaram para um quarto particular, ligaram-na em máquinas, agulhas presas nela para circular seu sangue. Eles me pediram para sair, esperar no lobby e alguém viria com uma atualização em breve. Eles jogaram palavras ao redor como acidente vascular cerebral, ataque cardíaco, aneurisma cerebral, mas ninguém parece saber de nada. Suas palavras são como bolhas surgindo no ar. Nenhuma substancial, apenas ideias.

Ombros caídos, cabeça latejando, eu segui as ordens deles, cansada demais para discutir. De coração partido para lutar com alguém.

Isso foi há uma hora. Ainda estou esperando. Exausta. Apavorada. O medo arde no meu sangue como uma febre, infectando cada parte de mim com um medo profundo do que está por vir.

Meu telefone vibra e eu olho para baixo. Eu tinha esquecido que ainda estava segurando-o. É Es, mandando uma mensagem para mim.

Eu sei que você está exausta, mas quer festejar pelo seu aniversário?

Meu dedo paira sobre as letras tentando pensar em como responder. Eu decido pela verdade.

Mamãe no hospital. É ruim. Não posso deixá-la.

Sua resposta é instantânea.

Pete e eu estaremos aí. Xo

Eu realmente não quero companhia, mas também é um alívio saber que não estarei sozinha para isso. Eu perambulo pelos corredores de hospital à procura de uma máquina de café. Quando a encontro, percebo que não tenho dinheiro comigo. Eu saí da casa sem nada. Eu inclino minha cabeça contra a máquina, uma sensação esmagadora de desesperança se chocando contra mim. É o golpe final que quebra a compostura que eu tenho me agarrado nesse tempo todo. Minha respiração engata, as lágrimas estão ameaçando meus olhos, mas se eu começar a chorar agora, não poderia parar. Eu tento segurar, mas um soluço escapa do meu corpo, como se um soco no meu intestino forçou-o para fora. Meus dedos apertam o metal frio da máquina de café enquanto eu luto para controlar minhas emoções.

— O café aqui realmente não é tão bom. Você pode conseguir algo melhor.

A voz atrás de mim é masculina, profunda e grave e britânica, e eu viro, envergonhada por ter sido exposta em tal demonstração pública de pesar. Eu limpo meus olhos com o punho da minha blusa e guardo minha dor, tentando mascarar isso na presença desse estranho.

O homem à minha frente é alto, com músculos magros que se projetam através do jeans preto e camiseta preta que ele usa sob o seu casaco preto comprido. Seu cabelo é ligeiramente comprido e desgrenhado, castanho com reflexos de cobre que acentuam seus olhos azuis. Seu rosto parece esculpido em rocha, e mesmo quando ele sorri, há uma dureza que me faz dar um passo para trás. Ele poderia ser um

deus grego e pulsa com algum tipo de energia feroz, como um animal selvagem. Ele parece fora de lugar neste ambiente hospitalar estéril. Como um lobo rondando entre as ovelhas.

— Peço desculpas — diz ele, dando um passo para trás. — Eu não queria assustar você.

Eu tento sorrir, mas acho que isso é mais uma careta. — Não assustou. Eu estou apenas... minha mãe está aqui e... eu não durmo há muito tempo. Eu acho que eu precisava do café mais do que percebi. — Estou balbuciando e mordo a língua para me calar. Me afasto da máquina quando percebo que ele provavelmente está esperando sua vez de pegar um copo.

Ele coloca um copo de papel na bandeja, coloca um pouco de dinheiro na fenda e aperta um botão. Ele entrega o copo para mim quando está cheio. — Você precisa disso mais do que eu, acho.

— Oh, eu não posso tomar seu café.

Ele coloca outro dólar dentro. — Eu tenho troco para dois.

Ele estende a mão. É grande e calejada com algumas cicatrizes. — Eu sou Fen — ele diz, esperando.

— Ari. — Eu estendo minha mão e quando minha pele toca a dele, um calafrio corre pela minha espinha.

— O que aconteceu com sua mãe?

Eu lhe dou uma versão rápida da minha manhã, me perguntando por que estou dizendo qualquer coisa a esse estranho.

Seu rosto é estoico, sério, quando eu termino. — Sinto muito por sua mãe. Eu... — Ele parece hesitante em falar. — Eu perdi meu pai recentemente. Nunca é fácil.

Enquanto eu tenho empatia com sua dor, suas palavras me picam. — Minha mãe não está morta. Ela vai passar por isso. Mas... — Eu paro, percebendo que pareço uma idiota. — Sinto muito sobre o seu pai. Isso é horrível. É por isso que você está aqui?

— Não. Eu estou aqui por outros assuntos.

Algo sobre seu tom me faz pensar que há mais em sua história.

— Você trabalha aqui?

— Eu sou um contratante independente — diz ele. — Segurança pessoal. — Parece que ele quer dizer mais, como se tivesse algo terrível e escuro que ele precisa compartilhar, mas balança a cabeça e segura o café. — Cuide-se, Ari. E tome cuidado. Às vezes, lobos vêm em pele de cordeiro.

Ele se vira para ir embora, e assisto até ele desaparecer ao redor de uma esquina, intrigada com o seu estranho aviso. Afinal, o que isso quer dizer? E como é estranho que ele trouxesse lobos e ovelhas para a conversa, quando era exatamente o que eu estava pensando sobre ele. Eu ainda posso sentir o calor da mão dele contra a minha, a força que pulsava através dele. Estou perdida em pensamentos enquanto caminho de volta para a sala de espera e afundo em uma cadeira no canto para continuar meu purgatório de espera. O café é horrível, mas eu bebo de qualquer maneira, esperando que dê clareza à minha mente confusa.

Quando Es e Pete entram carregando uma sacola da Painted Lady Coffee House, eu levanto para abraçar os dois. — Obrigada por vir.

Pete beija minha bochecha. — Nós não apenas viemos. Nós trouxemos provisões. — Ele olha em volta do hospital, seu nariz se enrugando de desgosto. — Espero que você não tenha tocado em nada nem ninguém aqui.

Eu rio. — Claro que não. Eu estive flutuando para evitar os germes.

Es me entrega uma sacola e um copo fumegante de café. — Coma. Beba. Você precisará da sua força.

Cada um deles me flanqueia enquanto nos sentamos. Eu tomo um gole no café e suspiro. — Melhor de Portland.

— Alguma novidade? — Pete pergunta. Ele é um homem baixo com cabelos ruivos encaracolados e óculos. Ele parece que poderia ter sido escolhido como um dos Weasley nos filmes de Harry Potter. Há muitas sobrancelhas levantadas quando ele e Es estão juntos em público, mas eles não parecem se importar. Pete me disse que já foi espancado por ser gay. — Eu não sou gay — disse ele. — Es não é um homem, ela é uma mulher. Mas isso realmente não importa. Eu amo como ela é,

qualquer que seja seu corpo. As pessoas podem ser tão restritivas quando se trata de amor, mas onde está o sentido nisso?

Eu acho que me apaixonei por Pete um pouco naquele dia. Depois de algum tempo, ele se juntou às pessoas que mais amo no mundo. Eu digo a eles que não sei nada, que ainda estou esperando que o médico me atualize.

— Eu mandei uma mensagem para o Roxy — diz Es. — Você está fora do trabalho durante o tempo que precisar.

Eu dou meio sorriso para ela, meu coração afundando ainda mais quando as ramificações do que aconteceu hoje me atingem. Minha mãe não vai poder trabalhar. Eu precisarei cuidar dela. Nós mal estamos sobrevivendo como está. Como vou passar por isso? Mas não posso me preocupar com isso agora. Primeiro, só preciso ter certeza de que minha mãe está bem. Nós vamos lidar com o resto mais tarde.

Pete pega a sacola das minhas mãos e retira um sanduíche. — O seu favorito. Queijo grelhado com bacon. Coma um pouco.

Ele acena o sanduíche ao redor como se eu fosse uma criança que ele tem que coagir para comer, então dou uma mordida. Parece incrível, mas hoje tem gosto de cinzas na minha boca, e sinto vontade de vomitar. Eu forço a comida a descer a garganta e tomo outro gole do café. — Eu aprecio isso, mas não consigo comer agora. Não até que eu saiba que ela está bem.

Ele assente e coloca os restos do sanduíche de volta na sacola. E esperamos. Em silêncio. A televisão ligada em um talk show diurno soa em segundo plano enquanto meus amigos oferecem o apoio.

Finalmente, uma médica sai e chama o meu nome. Eu levanto, me sentindo um pouco tonta, e caminho rápido até ela. Ela é uma mulher mais velha, com longos cabelos grisalhos puxados para trás em um coque.

— Olá, Srta. Spero, eu sou a Dra. Cameron. Sinto muito que você teve que esperar tanto tempo.

— Como está minha mãe? — Eu pergunto.

— É uma situação complicada — diz ela, olhando para um arquivo em suas mãos. — Sua mãe tem histórico de uso de medicação para a dor? Ela foi ferida em um acidente de carro há anos atrás, não é.

Meu corpo começa a suar frio em memórias que possivelmente não podem ser minhas, mas sinto-as visceralmente no entanto. Eu sinto o cheiro da carne queimada. Ouça o barulho de metal contra metal. Provo a fumaça e o sangue na minha boca. — Sim, ela foi ferida gravemente.

A médica assente. — Seus exames de sangue revelaram altos níveis de narcóticos em seu sistema. Ela estava usando medicação para a dor?

— Ela estava com muita dor. Estava piorando. Mas ela não estava abusando de nada, e eu não vejo como isso pode explicar sua condição atual.

— Talvez não — diz a médica. — Estou apenas tentando entender o histórico médico dela.

— E estou tentando entender o que há de errado com ela. Como uma mulher relativamente saudável cai assim sem nenhuma provocação? O que aconteceu?

— Sua mãe está em coma — Dra. Cameron diz. — Além disso, ela está essencialmente com morte cerebral. Seu corpo está funcionando, mas por pouco. Sem suporte de vida, ela não estaria viva agora. E com isso... eu temo que ela esteja aqui apenas no corpo. Você terá que fazer uma escolha difícil.

Meus joelhos se dobram e Es e Pete me pegam antes que eu caia. Estou tremendo, meus músculos balançando sob a pressão do ar ao meu redor. — Você está dizendo que eu tenho que decidir se devo desligar a minha mãe?

Ela me entrega uma pilha de papéis. — Esses formulários explicam suas opções, e alguém do faturamento irá ajudá-la com o seguro e as despesas de suas escolhas. Sinto muito pela sua perda, Srta. Spero.

— Eu quero vê-la. Eu quero ver minha mãe.

A médica assente. — Eu vou pedir a uma enfermeira para acompanhá-la até o quarto dela.

Ela me deixa lá sozinha, presumivelmente para encontrar uma enfermeira, e Pete coloca um braço em volta do meu ombro. — Os médicos não sabem de tudo — diz ele.

— O que você quer dizer?

Ele olha para mim, uma expressão ilegível em seu rosto. — Há muitos estudos de pessoas em coma. Muitas evidências sugerem que eles estão cientes e nos ouvem. Alguns até têm memórias de conversas quando finalmente acordam.

— Ela disse que minha mãe está com morte cerebral. — As palavras afundam como pedras na minha garganta, me sufocando.

— Há muita coisa que a ciência não pode explicar. Não perca a esperança.

— Esperança. Você sabia que é o que meu sobrenome significa? Spero é esperança em latim. Minha mãe sempre diz que é um lembrete para nunca perder a esperança, não importa quão sombria seja a situação, *Dum spiro spero*.

— Enquanto eu respiro, eu tenho esperança — ele diz, me surpreendendo com a tradução em inglês do latim.

— É o que ela me diz.

— É bom ter esperança — diz ele.

Um enfermeiro chega para me levar de volta.

Es e Pete seguem em meus calcanhares, mas o enfermeiro balança a cabeça. — Sinto muito, só família é permitida para além deste ponto.

Es aperta minha mão. — Nós estaremos aqui esperando por você, querida. Leve o tempo que precisar.

Eu aceno e sigo o enfermeiro pelos corredores e ao redor de uma esquina. Ele para na frente de uma porta e fala, com a mão no trinco. — Nós a deixamos tão confortável quanto possível.

— Obrigada.

Ele abre a porta e eu entro com determinação. Eu não vou desistir. Não vou deixar de acreditar que ela está em algum lugar. Ela ainda está respirando. Ainda há esperança.

Minha mãe está deitada na cama quando entramos, conectada a máquinas e monitores. A pele dela está pálida, o rosto em branco, inexpressivo, o cabelo vermelho e selvagem espalhado sobre o travesseiro. Eu ando e alcanço a mão dela, segurando, orando por algum sinal de que ela possa me ouvir. — Oi, mãe. É Ari. Estou aqui agora e tudo vai ficar bem.

O enfermeiro verifica o prontuário da minha mãe e caminha até a porta. — Eu vou deixar você sozinha com ela. Toque a campainha se precisar de alguma coisa.

— Qual é o seu nome? — Eu pergunto, quando ele está prestes a sair. — Eu sou Tom, e vou estar no turno do resto do dia. Eu vou cuidar bem de sua mãe.

— Obrigada, Tom.

Eu olho para minha mãe e afasto o cabelo dos olhos dela. — Eu preciso de você. Você não pode me deixar ainda. Eu posso ser adulta, mas eu ainda preciso de você.

Eu aperto a mão dela, virando-a na minha, e percebo alguma coisa no interior de seu pulso. Um design que eu nunca vi antes. Uma espécie de número estilizado, sete com duas linhas paralelas ao topo. Não é uma tatuagem ou uma queimadura. Quase parece... como uma cicatriz, mas não realmente. Está levantada e pálida, quase brilhando. Assim como o símbolo do estranho no The Roxy na noite passada. Bem, o design atual é diferente, mas o estilo, a estranheza, é a mesma. Eu pego meu telefone e tiro uma foto, em seguida, envio uma mensagem de texto para Es e Pete.

Qualquer um de vocês viu algo assim?

Pete envia a mensagem de volta primeiro.

Precisamos conversar o mais rápido possível!

Eu franzo a testa com sua resposta.

Você sabe algo sobre este símbolo?

Ele não responde. Eu bato na tela do meu telefone, como se isso fizesse ele responder mais rápido. Quando não faz, eu suspiro e olho para minha mãe. Ela está tão quieta. Eu quero acreditar. Ter esperança.

Estou prestes a sair, procurar Pete e descobrir o que ele sabe, quando uma pequena mulher de terno executivo entra com uma prancheta. — Srta. Spero, eu preciso obter algumas informações sobre o seguro de sua mãe.

Eu não posso acreditar que tenho que lidar com a banalidade do dinheiro e do seguro quando minha mãe está lutando por sua vida, e trinta minutos depois eu quero gritar. Seu seguro não cobrirá nem uma fração do que seria necessário para mantê-la em suporte vital a longo prazo. E o custo. Todos esses zeros. Não consigo nem pensar em como vou conseguir o dinheiro.

Tudo na esperança de que ela um dia possa acordar.

Pego os papéis que a mulher me entrega e fico em pé. — Eu vou ter que pensar sobre isso — eu digo, contornando a porta.

Eu acho Es e Pete se aconchegando na sala de espera assistindo a vídeos de gatos no telefone de Pete. Quando eles me veem, ambos ficam de pé. — Precisamos conversar — diz Pete.

Eu aceno.

Pete olha em volta como se alguém estivesse observando. Como alguém se importasse com a nossa conversa. — Mas não aqui.

Reviro os olhos e o sigo do hospital. Ele está estacionado na frente.

Eu congelo. — Por que nós simplesmente não andamos?

Es pega minha mão. — Está na hora, querida. Você tem que superar isso.

Hoje? Eu realmente tenho que fazer isso hoje? Mas enquanto estou lá, uma torrente de chuva cai do céu, encharcando todos nós. Para seu crédito, meus amigos estão lá na chuva, encharcados, frios, tremendo, esperando por mim.

Eu aceno e subo na parte de trás do carro. — Onde estamos indo?

— Sua casa deve estar segura o suficiente. Se estiver tudo bem? Nosso colega de quarto está em casa e não é confiável para essa conversa — diz Pete, saindo na rua.

— Como vão as coisas com o colega de quarto? — Eu pergunto, apoiando minhas mãos contra a parte de trás do assento de Pete, meus dedos ficando brancos.

Es olha por cima do ombro para mim, revirando os olhos. — É um pesadelo. Eu juro por Deus, assim que eu tiver o dinheiro para a minha cirurgia, nós estamos fora de lá. — Ela pega a mão livre de Pete. — Está na hora de termos nosso lugar.

As estradas estão escorregadias e Pete dirige como uma velha, pelo que sou grata. As minhas unhas deixam marcas no tecido de couro sintético, e não paro de tremer até pararmos em frente ao meu apartamento. Quando eu saio do carro, fico tonta com as lembranças irregulares que me cortam como se fossem de vidro.

Es e Pete esperam pacientemente enquanto respiro fundo várias vezes. Quando sinto que posso andar sem cair, aceno com a cabeça e os conduzo até a porta, que ainda está destrancada; ninguém iria querer roubar nada do que temos. Ainda assim, tranco-a atrás de mim quando nós entramos.

Es se dirige direto para o aquecedor, para ligá-lo. — Desculpe, está quebrado — digo a ela. — Nós vamos ter que ficar empacotados.

Ela sorri. — Não se preocupe com isso. Que tal eu fazer um café quente para nós e podemos nos sentar e descobrir isso juntos.

Es vai para a minha pequena cozinha, e eu afundo no sofá da sala. De repente, meu corpo inteiro dói, e sinto as horas de exaustão sem sono tomar seu pedágio em mim, mas estou nervosa demais para realmente dormir. O apartamento está muito quieto. Até o zumbido irritante da geladeira está faltando, e eu me pergunto se também parou de funcionar. Há pequenos sinais de minha mãe em todo lugar. Suas botas na porta da frente, uma deitada de lado. A jaqueta sobre as costas de uma das cadeiras da cozinha. Suas revistas favoritas espalhadas sobre a mesa de centro em frente ao sofá.

Pete senta na namoradeira em frente a mim, e Es nos traz cafés e se senta ao lado dele.

Agora que estamos todos assentados, eu me inclino para Pete. — Ok, derrame tudo.

Pete pega o telefone para olhar a foto que eu enviei. — De quem é esse pulso?

— Minha mãe.

Ele franze a testa. — Há quanto tempo ela tem essa marca?

— É nova — eu digo. — Eu nunca vi isso até hoje.

— Então não estava lá antes que ela caísse nesse coma? — ele pergunta.

— Não.

— Isso é ruim, Ari. Muito ruim.

Eu sopro o meu café e tomo um gole, tentando controlar minha impaciência. — Chega com os presságios assustadores. Basta me dizer.

Ele abre um navegador em seu telefone e me mostra imagem após imagem da marca no pulso da minha mãe. — Esta é a Marca de Caim. Você conhece a história de Caim e Abel? Da Bíblia?

Eu assinto, relembrando velhas histórias da Bíblia da minha infância. Uma antiga vizinha costumava tomar conta de mim quando eu era pequena e minha mãe estava trabalhando. Ela me arrastava para a igreja com ela, e era dedicada à ideia de que minha alma precisava ser salva. Não grudaram, mas lembro de algumas histórias.

— Foi dito a ambos por Deus para fazerem sacrifícios a ele, ou algo assim. Abel foi aceito por Deus, mas Caim foi rejeitado. Ele e Abel lutaram e Caim matou seu irmão e foi marcado por isso.

— Essa é a essência. Mas alguns acreditam que há mais na história. Alguns acreditam que a marca fez mais do que apenas servir como um sinal para os outros de que ele merecia a morte. Alguns acreditam que a marca o transformou.

— Transformou no quê? — Eu pergunto.

— Em um demônio. Aquele que se alimenta da dor dos outros. Que ele estava condenado a passar a eternidade torturando os outros, ou ele se sentiria torturado, dia após dia, para todo o sempre.

Eu balanço a cabeça. — É por isso que a religião não faz sentido para mim. Que tipo de Deus pede sacrifícios, então pune as pessoas que não o fazem?

— Um Deus vingativo — diz Pete.

— Então, o que isso tem a ver com a minha mãe? — Eu estremeço, sentindo uma premonição maligna me atingir.

— Se ela carrega a Marca de Caim, então ela é dele. — Pete sussurra tão silenciosamente que me leva um momento para entender as palavras dele.

— Você acha que minha mãe está sendo mantida prisioneira por Caim... um demônio?

Ele não responde, mas eu posso ver no rosto dele exatamente no que ele acredita. Eu olho para Es em busca de ajuda. Claramente ela não pode acreditar nesse absurdo? Mas ela desvia os olhos, os ombros caídos, a mão repousando no joelho de Pete. Ela acredita nele.

— Vocês dois perderam a cabeça? Essas histórias não são reais. É tudo apenas um monte de lendas com moral para assustar as crianças – e os adultos – a se comportar da maneira que quem estiver no comando quer.

Pete balança a cabeça. — Eu sei que você é uma cética, e eu nunca tentei empurrar minhas crenças em você, mas... você tem que abrir os olhos. Existem coisas neste mundo que desafiam a lógica.

Eu quero argumentar, dizer a ele que há uma explicação muito lógica e racional para o que aconteceu com minha mãe, dizer a ele que vou encontrar uma maneira de salvá-la com a ciência. Mas eu não posso. Minha mente retorna ao homem no The Roxy. O homem com o mesmo tipo de marca, mas com um design diferente. O homem com os olhos estranhos e o sotaque que eu não pude reconhecer. O homem que sabia meu nome, meu nome completo quando ninguém no trabalho me chama Arianna, só Ari.

— Eu tenho que ir! — Eu digo, pulando. — Eu preciso ver minha mãe novamente.

Pete me leva para o hospital, e na urgência de ver minha mãe novamente, eu tolero estar no carro com menos terror do que o normal. Quando chegamos, Pete tenta estacionar, mas digo a ele e a Es que voltem para casa e descansem. — Preciso de um tempo para processar as coisas e vocês precisam dormir. Eu ligo mais tarde, ok?

Eles cederam e partiram, me deixando em um monte de neve recém caída na porta da frente do hospital. O sol já se pôs, marcando o fim de um dia que parecia uma eternidade. Eu corro e encontro o quarto da minha mãe. Ela ainda está deitada lá, assim como estava antes. Eu viro o pulso dela e olho para a marca. Esta é realmente a marca de Caim? Poderia a história ser verdade?

Eu pego o cartão de visita do homem estranho e disco o número.

— Eu estava esperando a sua chamada, embora admito, eu pensei que chegaria mais cedo — diz ele antes mesmo de eu ter a chance de falar.

— Quem é você? O que você fez com minha mãe?

— Eu não fiz nada para a sua mãe. Mas sem mim, ela ficará perdida para sempre. Sem mim, sua alma sofrerá por toda a eternidade. — Sua voz ecoa ao meu redor, e olho para cima para vê-lo em pé na porta do quarto da minha mãe, segurando seu telefone no ouvido.

Quando ele me vê, ele sorri e afasta seu telefone. — Olá, Arianna Spero. Está na hora de conversamos. Diga-me, você quer salvar sua mãe?

A woman with long dark hair, wearing a long red cape over a dark dress, stands in a snowy, forested landscape at night. The background is dark with snow-covered trees and a few small lights. The overall mood is mysterious and cold.

Capítulo 3

PERIGO PERIGOSO

“Vamos colocar a culpa onde ela pertence, não é?”

— Arianna Spero

Meu telefone fica mudo, então coloco de volta no meu bolso e olho para o homem na frente. Ele está vestido tão impecavelmente hoje quanto estava ontem – um terno italiano feito sob medida, desta vez em cinza e prata, com uma pasta de couro pendurada ao seu lado. Foi ontem que ele veio ao The Roxy? Parece que foi há muito tempo.

Mas desta vez não estou intimidada por sua perfeição, por sua beleza, pela absoluta alteridade dele. Desta vez, estou apenas chateada. Eu marcho até ele e dou um tapa no seu rosto. Forte.

Ele esfrega sua mandíbula, embora eu tenha a nítida impressão de que a palma da minha mão dói muito mais do que a bochecha dele.

Eu sacudo a dor na minha mão o mais discretamente possível. — Diga o que está acontecendo antes de eu fazer você ser preso.

Seus olhos se arregalam de surpresa, mas ele parece mais divertido do que com raiva. — Você realmente não é o que eu esperava.

Eu olho para ele, meus punhos em meus quadris. — Por que você estava esperando alguma coisa? Quem é você? — Meu queixo dói de ranger os dentes.

— Você pode me chamar de Asher, e eu sou o único que pode salvar sua mãe. Com sua ajuda.

Eu olho para ela ainda deitada na cama do hospital. — O que há de errado com ela?

— Seu amigo estava certo, na maior parte. Ela carrega a Marca de Caim e está em uma dimensão infernal por toda a eternidade. — Ele fala de maneira calma, como se isso fosse apenas uma piada para ele.

Eu recuo e franzo a testa. — Certo. Claro. Isso faz todo o sentido. Marcas de Caim. Dimensões infernais. Demônios. O que acontece a seguir? — Eu levanto a mão antes que ele possa falar. — Não, espere, deixa eu adivinhar. Você me diz que sou algum tipo de escolhida e em troca da minha alma ou algum absurdo assim, você salvará minha mãe. Há provavelmente uma profecia envolvida, e algum perigo, e você acha que seus encantos sexys vão superar tudo isso e me influenciar na sua maneira de pensar, né? Desculpe, cara. Eu vi o filme.

Ele tenta falar, mas sua boca está meio aberta, nenhum som saindo. Ele tem um olhar confuso no rosto, mas se recupera rapidamente, fechando a boca e olhando para mim, seus olhos ilegíveis. — O que você é?

— O que eu sou? Você está mesmo me perguntando isso? Depois de tudo que você acabou de tentar me vender?

Seus olhos percorrem a sala e pousam em minha mãe. — Você tem uma maneira estranha de ver a verdade das coisas — diz ele. Ele retorna o seu olhar para mim. — Seja como for, você não está totalmente errada. A alma de sua mãe está presa. Você é a única esperança. E... — ele se aproxima de mim e sorri. — Eu estou feliz que você, pelo menos, acha que sou sexy.

Agora é a minha vez de olhar boquiaberta. — Eu nunca...

Ele pisca para mim. — Você disse. Você me acusou de ter “encantos sexys”. Perto o suficiente. Então, agora que estamos na mesma página, vamos ao cerne disso, tudo bem?

Eu cruzo meus braços sobre o peito. — Qual é o ponto crucial disso? O que você quer de mim?

— Sua alma, é claro.

Eu reviro os olhos. — Vocês, malvados, deveriam criar falas melhores.

Ele puxa um pergaminho para fora de uma pasta e entrega para mim. — Isto é o que eu quero de você, em troca da alma de sua mãe.

Eu desenrolo o pergaminho de aparência antiga. É tão antigo que temo que se desintegrará em minhas mãos, o papel enrugado e com membranas. Até cheira a velho, como tinta e castelos antigos. Eu começo a ler. Leva algum tempo, a fonte é uma espécie de caligrafia que não estimula exatamente a leitura rápida. Ele poderia aprender sobre escolhas de fontes e seu impacto na leitura.

Quando eu termino, enrolo e empurro-o de volta para ele. — Estou sendo enganada?

Ele olha para o pergaminho em sua mão em confusão. — O quê?

— Enganada? Ou algo assim? Existe algum novo reality show em que eu sou a estrela? Eu não posso imaginar que minha mãe faria parte disso, mas talvez por dinheiro suficiente ela faria. Isso é uma piada? Alguma conspiração para me tentar me convencer a acreditar em Deus e nos demônios e no sobrenatural?

Eu não acredito nas minhas próprias palavras. Eu vi minha mãe, e ela está bem e verdadeiramente ausente de seu corpo, mas nada disso faz sentido. Eu me sinto presa em alguma realidade alternativa surreal, onde nada está certo. Tudo está errado. Isso está errado.

— Eu não sei o que você quer dizer com 'reality show', mas posso garantir que eu nunca me associaria com uma coisa tão grosseira. Isso é mortalmente real.

Minha bravata está desaparecendo, porque ele não parece o tipo de homem que faz brincadeiras, e minha mãe não parece estar fingindo

um coma, e este hospital é inteiramente real. Eu aponto para o papel em sua mão. — Isso diz que minha mãe fez um acordo com um demônio, que ela trocou sua alma, e agora a única maneira que eu posso libertá-la é dar-lhe... a mim.

O homem concorda. — Meus irmãos e eu... estamos em uma situação difícil, e você é a nossa única esperança. — Ele sorri como se soubesse o que essa palavra significa para mim.

— E quem são você e seus irmãos? — Eu olho em volta por as câmeras, procurando alguma evidência de que estou sendo enganada. Talvez esse cara tenha escapado da ala psiquiátrica. Isso explicaria muito.

— Você ainda não percebeu? — Seus olhos mudam de cor, tornando-se mais brilhantes. — Nós somos os Príncipes do Inferno. E você será uma princesa para um de nós e, finalmente, rainha.

— Do inferno — eu digo.

Ele assente. — Do inferno. Embora tenhamos nossos próprios nomes para o nosso mundo. Inferno é um termo muito mundano e humano que não significa o que você pensa que significa.

— Você é um demônio.

Ele se curva regamente. — Ao seu serviço.

— E esse contrato que eu teria que assinar. Seria para a eternidade?

— Sim.

— E eu teria que escolher um de vocês para me casar?

— Sim.

Eu olho para o pergaminho ainda na minha mão. — E dar a esse príncipe um herdeiro.

— Correto.

— O que acontece depois que eu morrer? Em, digamos, setenta anos?

Ele ri. — Você não entende? Você nunca vai morrer. Ao concordar com isso, você concorda em fazer o Juramento de Sangue. Você se tornará uma de nós.

— Uma de vocês? Você quer dizer um demônio. Eu teria que me tornar um demônio.

— De certa forma, sim. — Meu estômago treme de nervoso por suas respostas. — E meu filho? Este herdeiro que estou prometendo... e se eu não puder engravidar? Isso cancela o contrato?

Ele avança e levanta a mão na minha bochecha, afastando uma mecha de cabelo. — Haverá oportunidade de trabalhar nisso. Não se preocupe.

Minhas mãos estão tremendo. Minha garganta está seca. O mundo não faz mais sentido. Isso não é mais engraçado. Eu coloco minhas mãos em seu peito... e empurro. — Saia.

É como empurrar uma pedra. Ele só se move porque ele escolhe. Eu não tenho ilusões sobre isso.

— É um tipo interessante de ironia que você de todas as pessoas não acredita em demônios. — Ele parece sombriamente divertido, seus lábios enrolando-se em um sorriso zombeteiro.

Quando ele se move de novo, é com tal velocidade que sequer registro seu movimento até que ele esteja pressionado contra mim, minhas costas agora batem contra a parede. — Mas se você quer salvar sua mãe, eu sugiro que você afaste sua descrença e abrace a verdade. Existem monstros no mundo, Arianna. Eles são reais. — Seus olhos brilham novamente, desta vez prateados, e ele sorri. — *Eu sou real.*

Eu engulo, mas minha garganta está muito seca. Eu não consigo respirar.

Seus olhos me perfuraram, em seguida, caem para a veia latejante no meu pescoço. Seus dentes se alongam até que ele tem... presas. Sua mão envolve meu pescoço e ele abaixa sua boca na minha garganta, seus dentes roçam contra a minha pele.

Eu estou tremendo tanto, minha respiração vem rapidamente. Eu fecho meus olhos, esperando por... algo. Morte. Ele me comer. Isso não mais parece uma brincadeira, mas minha mente não consegue entender essa realidade.

— Sua mãe vai sofrer por toda a eternidade se você não aceitar este acordo — ele sussurra contra o meu pescoço. — E eu sugiro que você não demore muito para decidir. Eu sinto o cheiro da morte nela. Mesmo com aquelas máquinas, ela não sobreviverá a semana.

Um soluço se forma em minha garganta, e eu abro meus olhos, pronta para gritar, arrancar seus olhos, fazer algo para me proteger. Mas a pressão na minha garganta desaparece e quando minha visão clareia, estou sozinha no quarto do hospital com minha mãe. O estranho se foi.

Mas o pergaminho está apoiado na mesa ao lado da cama do hospital. Ao lado está um envelope de papel pardo com uma nota rabiscada. *Quando você estiver pronta para entender o motivo, leia este arquivo. Ele responderá às perguntas do seu passado. Ele mostrará a você que isso não é um truque.*

Eu caio no chão, tremendo, lutando contra as lágrimas, tentando clarear minha mente para que eu possa pensar direito. Isso não pode ser real. Esse tipo de coisas não existe.

Demônios.

Vampiros.

Eles não existem.

Eu limpo os olhos e me levanto, então respiro fundo. Hora de obter algumas respostas. Eu corro para fora do quarto e para o corredor, para a recepção. — Havia um homem no quarto da minha mãe. Alto, terno sob medida, cabelos escuros, olhos claros. Por que ele foi permitido aqui?

A enfermeira olha para mim em confusão. — Ninguém esteve lá, além de você e a equipe do hospital.

— Você tem certeza? — Eu pergunto, olhando em volta freneticamente. — Eu acabei de vê-lo.

— Este é o único caminho de entrar e sair, e estou aqui sem parar por horas. Tenho certeza. — Ela olha mais de perto para mim. — Você está bem? Você precisa de um médico? Você parece pálida.

Eu bufo. — Eu sempre estou pálida. Obrigada, de qualquer maneira.

Volto para o quarto da minha mãe e me sento ao lado da cama, ignorando os arquivos que o homem deixou. Eu acaricio a mão dela, meu polegar correndo sobre a marca em seu pulso. — O que está acontecendo, mamãe? O que você fez?

O quarto do hospital parece estar se aproximando de mim. Posso sentir o perfume de sua colônia, como se ele ainda estivesse lá, espreitando, espiando, esperando para atacar. Eu fecho minha mente por enquanto. Não há espaço na minha atenção para considerar a existência de vampiros e demônios. Para enfrentar a possibilidade de que minha mãe esteja sob uma maldição que prenderá sua alma por toda a eternidade e matará seu corpo.

Quando Tom entra para checá-la, ele me estuda pensativamente — Você deveria descansar um pouco, querida. Cuidaremos bem dela.

Estou acordada há dois dias. Ele está certo, eu deveria dormir, mas não sei como. — E se algo acontecer?

— Ela parece estável, mas vamos ligar se alguma coisa mudar. Eu estou de plantão a noite toda, então vou ficar de olho. Não é bom para ela se você ficar doente.

Eu aceno e pego minha bolsa. Meus olhos caem para o pergaminho e o envelope. Eu não olhei para eles ainda e não estou pronta para fazer isso, mas eu não quero que mais alguém tenha acesso ao que quer que eles contenham, então os enfio na bolsa, me inclino e beijo minha mãe na testa, e depois saio rapidamente do quarto.

Mal posso esperar para escapar do hospital e, quando uma tempestade de inverno me saúda, sorrio. Eu posso congelar a caminho de casa, mas eu amo neve. Eu amo o jeito como o mundo parece quando está coberto de pó branco. Mágico.

O sol já se pôs e as luzes da rua projetavam longas sombras sobre as calçadas nevadas. Minha respiração está branca quando eu exalo, e eu cruzo os braços para preservar o pouco calor que eu tenho.

Enquanto caminho pelo estacionamento até a calçada, alguém chama meu nome. Eu me viro e vejo Fen em pé ao lado de uma motocicleta preta e prateada. Ele já está encharcado. — Você vai achar a sua morte por aí — diz ele.

Eu dou de ombros. — Não é tão ruim. — Embora eu mal possa sentir meus dedos do pé ou meu nariz mais, mas seja o que for.

— Vamos — diz ele, olhando para o assento atrás dele. — Eu tenho um capacete extra.

— Hum. Eu não posso. Eu não moro longe. Vou ficar bem andando. — Eu posso sentir o pavor à espreita com o pensamento de estar em uma moto. Isso é ainda pior que um carro. Eu respiro fundo.

Ele inclina a cabeça, mas em vez de discutir, ele tira o casaco e me entrega. — Se você insiste em andar, pelo menos use roupas apropriadas.

— Você está vestindo uma camiseta — eu digo. — Isso é menos do que eu estou vestindo.

Ele ri. — Estou acostumado com o frio. É muito pior de onde eu venho. Use-o.

Quero argumentar, devolvê-lo a ele, mas sinceramente, estou congelando e ele já está ligando a sua moto. — Fique segura, Ari.

Antes que eu possa agradecê-lo ou dizer adeus, ele se foi. Eu olho para o casaco, e em seguida coloco-o. Está aquecido pelo calor do seu corpo e cheira como ele, um perfume almiscarado que me faz pensar em árvores altas e ventos. Eu adoro a lã grossa quando ela cai aos meus pés, trazendo o calor de volta para o meu corpo.

A caminhada para casa é muito mais agradável agora que eu não estou congelando até a morte. Estou perdida em pensamentos, aproveitando a sensação da neve esmagando sob meus pés enquanto ando pelo caminho familiar para casa, quando alguma coisa me faz parar.

Não é um som. Não realmente. Mais como aquela sensação de desgraça iminente. Alguém está me seguindo de novo. É o homem do hospital? O... eu não consigo nem mesmo dizer o que quer que ele fosse. Eu só preciso manter a calma e chegar em casa. Eu estarei segura lá.

Talvez seja apenas minha imaginação me enganando. Não durmo há tanto tempo, que provavelmente estou tendo alucinações ou algo assim. Talvez não seja nada.

Mas, ao passar pelo beco ao lado da minha unidade de apartamento, alguém me agarra e me puxa para as sombras.

Tento gritar, mas uma mão cobre minha boca. — Vai ser melhor se você parar de lutar.

Eu mordo a mão e ouço o homem xingar, mas ele não me solta. Meus olhos procuram freneticamente por uma saída, por uma arma, por qualquer coisa. Mas tudo que vejo são mais duas pessoas vestidas de preto se aproximando. Máscaras de inverno cobrem seus rostos, e eu sei que eles estão aqui por mim.

Um deles puxa uma agulha.

Por que não uma arma? Eu afundo meus braços no atacante e bato o calcanhar do meu sapato no joelho dele. Seu aperto solta, e eu giro em seus braços e levanto meu joelho para fazer contato com sua virilha. Ele cai de dor, mas isso não o impede de me puxar de volta.

Estou esperando que os outros me ataquem, mas eles estão distraídos com outra coisa. Não, alguém.

Os dois de preto são jogados para o lado como bonecas, e eu sinto a agulha espetar meu pescoço, assim que meus olhos se prendem na pessoa que os atacou.

O reconhecimento surge bem quando minha consciência se desvanece.

Minha cabeça está latejando e minha boca parece que alguém encheu de bolas de algodão e me disse para engolir. Eu tento manter minha respiração firme e mantenho meus olhos fechados. Ainda não sei onde estou e não quero que meus captores saibam que estou acordada.

Por que ainda estou viva? Não por uma boa razão, tenho certeza.

Não escuto nada no começo, mas pequenos sons aparecem. Alguém está na sala comigo, andando de um lado para o outro. Eles têm botas pesadas que não são abafadas pelo carpete. Estou deitada em algo irregular e de veludo cotelê. Algo que reconheço.

Ouçó mais de perto e ouço: o leve zumbido da minha geladeira. Começou a trabalhar novamente. Eu estou no meu sofá.

Um telefone toca e um homem responde com uma voz profunda, grave e britânica. — Eu estou com ela. Ela está segura.

Pausa.

— Não, eu não.

Pausa.

— Havia três deles e minha prioridade era proteger a garota.

Pausa.

— Muito bem.

Ele para de falar, e espero alguns momentos antes de eu respirar fundo como se estivesse acordando. Eu tento abrir meus olhos em seguida.

Grande erro.

A luz dói.

Eu gemo, levantando minha mão para proteger meu rosto.

As luzes se apagam e alguém se aproxima de mim. — Não se mova muito rápido. Você ainda está se recuperando do sedativo que eles lhe deram.

Mãos grandes seguram minhas costas e cabeça e me ajudam a sentar. Quando eu finalmente ergo meus olhos, olho para cima e vejo o homem que me resgatou dos meus atacantes.

Fen.

— O que aconteceu? — Eu pergunto, esfregando minha cabeça.

Ele me entrega um copo de água e se senta à minha frente. — Você foi atacada. Eu intervi e trouxe você para casa. Os efeitos do sedativo devem passar em breve. Você vai se sentir cansada e confusa, mas vai ficar bem.

Eu ergo a mão para o meu pescoço, onde a agulha entrou em mim. Está coberto por uma bandagem.

— Obrigada. — Quando meu cérebro acorda, tenho muitas perguntas, mas começo com as mais óbvias: — Quem é você? E como é que aconteceu você estar por perto quando fui atacada?

— Meu nome é Fenris Vane. Meus amigos me chamam de Fen. Quando eu vi você sair do hospital para caminhar sozinha, eu me preocupei que algo pudesse acontecer.

Eu estreito meus olhos para ele. — Sério? Você viu alguém me seguindo? Por que você faz isso com um estranho aleatório?

— Fique agradecida, garota. Fazer perguntas só leva a problemas.

— Parece que estou com problemas, não importa o que eu faça. Primeiro minha mãe entra em coma misteriosamente, e agora estou sendo atacada e drogada. E você aparece, todo robusto e violentamente protetor. Isso parece uma coincidência para você?

— Para mim parece que você precisa ser mais cuidadosa. — Ele fica lá, tão arrogante, tão cheio de si mesmo. Eu só quero dar um tapa nele.

— *Eu* preciso ser mais cuidadosa? E que tal as outras pessoas pararem de me atacar? Que tal isso? Vamos colocar a culpa onde ela pertence, não é?

Ele suspira e se levanta. — Você está exausta, e eu fiquei aqui mais tempo do que deveria. Eu fiz algo para comer na cozinha. Se você começar a sentir náuseas ou tonturas, procure um médico. E tente não se matar.

Ele caminha até a porta e meu coração dispara. De repente eu estou com medo de ficar sozinha. Minha bravata drena para fora de mim como a água de um copo com vazamento. — Espere.

Ele para e vira para mim, sua mão na maçaneta da porta.

— Não vá. Por favor. Eu estou... — Eu engulo, odiando admitir isso para qualquer um, muito menos para esse homem. — Eu estou assustada. — Minha voz some e uma lágrima vaza. — Eu não sei o que está acontecendo. Eu não entendo porque alguém está tentando me

machucar ou a minha mãe, e eu... eu não quero ficar sozinha esta noite. Você pode ficar?

Eu posso ver que ele está lutando consigo mesmo, e sinceramente nem tenho certeza porque eu acho que essa é uma boa ideia. Ele é um estranho sobre o qual não sei nada. Ele poderia me roubar, me matar, me estuprar. Mas ele me salvou. Me levou para casa e cuidou de mim até que acordei. Se ele ia me machucar, teria feito isso agora.

— Tudo bem. Vou ficar por algumas horas, mas devo sair antes do amanhecer. Eu tenho um lugar para ir.

Eu sorrio e afundo de volta no sofá, exausta de repente. — Obrigada.

Ele se senta novamente e me observa em silêncio.

Depois de alguns momentos, eu me sinto totalmente autoconsciente. — Quer assistir a um filme?

— Um filme? — Ele pergunta.

— Sim. Comédia? Romance? Drama? Ação? — Pego o controle remoto e clico na TV, depois tiro meu estojo de DVDs. — Do que você está a fim?

— Caça — ele diz, baixinho.

— Um filme sobre caça? — Estou confusa.

— Ação — ele esclarece. — Algo com ação.

— Claro. Mas você deve tentar um bom romance algum dia. Você pode descobrir que gosta.

Ele faz uma carranca para mim, e apenas rio e coloco algo com muitas armas e combates e perseguições de carro. Ele tem que sentar ao meu lado para ver a televisão, e então estamos perto, nossas pernas e braços se tocando, enquanto assistimos ao filme. Eu acho chato, e Fen honestamente não parece tão interessado, então na metade do filme, eu começo a fazer perguntas sobre ele. Suas respostas são vagas e percebo que ele é um homem privado, difícil de se conhecer.

Desisto e me concentro no filme, mas ainda estou tão cansada e minhas pálpebras ficam muito pesadas.

Quando acordo de novo, minha cabeça está no colo de Fen, e sua mão grande está na minha cabeça, os dedos emaranhados no meu cabelo. Eu posso ouvi-lo respirando profundamente. Ele está dormindo.

Sua perna é como um tronco sob minha cabeça, todo músculo. Eu sorrio e me deito, apreciando o som de sua respiração.

Quando ele finalmente acorda, me move suavemente. — Eu devo ir — ele sussurra no escuro, enquanto coloca um travesseiro debaixo da minha cabeça para tomar o lugar do seu colo.

Eu ainda estou exausta, e cansada demais para protestar ou me levantar, então eu apenas o vejo sair e me pergunto se voltaria a ver esse homem misterioso novamente.

Na próxima vez que eu acordo, me sinto mais forte, mais descansada. Eu me alongo, uso o banheiro, depois vou para a cozinha comer. Fiel à sua palavra, Fen cozinhou. Frango frito com legumes e arroz. Eu aqueço o prato no micro-ondas e sento para comer, minha mente vagando para a noite passada e tudo o que aconteceu.

Eu tomo meu tempo comendo, porque a próxima coisa que tenho que fazer será difícil. Eu mando uma mensagem para Es e pergunto se ela e Pete podem vir. Por mais que eu odeie admitir, vou precisar de uma carona para o hospital mais tarde. Eu não quero andar depois do que aconteceu ontem à noite. Parte de mim acha que devo denunciar o ataque à polícia, mas não o faço. Porque, por mais que eu não queira admitir isso, isso tem que ter algo a ver com vampiros e demônios. E como poderia explicar isso para a polícia?

Es e Pete chegam alguns minutos depois. Eles trazem comida, mas eu estou cheia e peço para eles comerem. — Obrigada por terem vindo. Eu vou arrumar algumas coisas da minha mãe para deixá-la mais confortável no hospital. Vocês esperam?

Eles concordam e os deixo no andar de baixo enquanto vou para o quarto da minha mãe. Essa é a parte difícil.

Há roupas empilhadas em uma cadeira no canto que ela pretendia guardar. Sua gaveta da cômoda ainda está entreaberta. Eu ando passando a mão sobre a madeira desbotada até que cai em uma foto

emoldurada de 8x10 da minha mãe e meu pai sorrindo para mim quando eu era apenas um bebê. Todos parecíamos tão felizes. Tão livres. Eu pego a foto e estudo, procurando por segredos escondidos. Se o que o homem no hospital disse é verdade, como minha mãe saberia como fazer uma barganha com um demônio? Nada disso faz sentido.

Eu coloco a imagem para baixo suavemente e me movo para a cama dela, que ainda está uma bagunça. Posso ver as impressões de seu corpo de onde ela estava deitada quando a encontrei.

Sento na cama e deito a cabeça no travesseiro. Cheira como o xampu dela. Quando fecho os olhos, quase posso imaginar que ela ainda está aqui, cantarolando enquanto dobra a roupa ou limpa a casa.

As lágrimas que tenho lutado tanto para manter à distância finalmente se soltam, e uma vez que elas começam, eu não consigo pará-las. É uma onda de emoção que exige seu tempo. Meu coração se parte, minha dor se esvai enquanto eu agarro seu travesseiro e desejo um resultado diferente.

Estou me afogando no mar de meu desgaste emocional quando meu celular toca. — Senhorita Spero, sou o Tom, o enfermeiro de sua mãe. Você precisa vir rapidamente. Sua mãe está mostrando sinais de angústia.

Eu pulo, meu coração martelando. Eu quero fazer mais perguntas, mas não posso perder tempo. Pego minha bolsa e desço as escadas para onde Es e Pete estão assistindo televisão. — Algo está errado com minha mãe. Temos que voltar para o hospital.



Capítulo 4

NÃO HÁ LUGAR COMO O INFERNO

“Há monstros no mundo, Arianna. Eles são reais. Eu sou real”.

— Asher

Eu estou no quarto da minha mãe, observando as máquinas bombearem vida para ela enquanto a médica explica o que está acontecendo.

— O corpo dela está falhando — diz a Dra. Cameron. — Receio que ela não tenha muito mais tempo.

— Eu não entendo. — Eu ando e seguro sua mão, meu dedo mais uma vez roçando a estranha marca em seu pulso. — Por que as máquinas não podem mantê-la viva por mais tempo? As pessoas não podem viver por anos dessa maneira?

— Algumas sim — diz o médico. — Mas nem todo mundo. Às vezes o dano é muito grande. O corpo está muito fraco. — Ela é firme, calma, segura de si e de seu diagnóstico.

Mas não posso aceitar isso. O final da história dela. — Quanto tempo ela tem? — Eu pergunto, minha voz trêmula.

— Horas, no máximo. — Ela olha para o prontuário da minha mãe. — Talvez menos. — Quando ela olha para cima, os olhos são compassivos, mas de um modo distanciado, médico. Ela deve ver a morte o tempo todo. — Sinto muito. Eu gostaria que houvesse mais coisas que pudéssemos fazer. Vou deixar você em paz para se despedir.

Tom, o enfermeiro que sempre foi tão gentil comigo, aperta minha mão enquanto ele segue o procedimento. — Me desculpe, querida.

Quando eles saem e a porta está fechada firmemente atrás deles, eu afundo na cadeira ao lado da minha mãe. Eu não estou pronta para dizer adeus. Ainda não. Não para sempre.

Meus olhos caem para minha bolsa. Eu ainda tenho o arquivo que Asher me deu. Seu bilhete dizia que me mostraria a verdade. Eu alcanço e abro, espalhando os papéis na borda da cama da minha mãe. Há recortes de jornais e relatórios policiais. Eu os leio rapidamente, depois novamente mais devagar.

Então, mais uma vez. Palavra por palavra.

Dezessete anos atrás, um acidente de carro em Seattle, Washington, custou a vida de David Stranson e sua filha de dois anos. A mãe, Camilla, sobreviveu com ferimentos graves. Anexo ao relatório da polícia estão as certidões de óbito do pai e da filha.

O artigo de jornal também apresenta uma foto da família. Uma mãe e pai sorrindo para seu bebê.

É a imagem que congela o meu sangue. Isso para meu coração. Isso encurta minha respiração.

É a foto que minha mãe tem em sua cômoda.

A foto minha com meus pais.

Eu estudo cada documento cuidadosamente. Os nomes são diferentes, mas todo o resto é o mesmo. Datas, aniversários, descrições físicas.

Fecho meus olhos enquanto meus pesadelos passam pela minha mente. Metal estridente. O cheiro de borracha queimada. Sangue por toda parte. Gritos. Dor. Escuridão.

— Você está lembrando. Isso é bom.

Meus olhos se abrem e pousam no misterioso homem – o demônio... o vampiro – de pé do outro lado da cama da minha mãe. — O que é isso? — Eu me levanto e seguro os papéis no meu punho. — Como isso pode ser verdade?

— Eu já te disse — Asher diz, sua voz suave, polida, hipnótica. — Você morreu naquele dia no acidente. Sua mãe fez um acordo, a alma dela para salvar sua vida. Ela era esperta. Ela barganhou mais tempo, tempo para você chegar à idade adulta. Então seu pagamento foi devido, e negócios feitos com demônios não podem ser quebrados.

Minha mão está tremendo quando deixo cair a papelada na cama e desmorono na cadeira. — Então é tudo verdade? Isso é real?

— É. E você deve decidir em breve se quer salvar a vida dela. — Ele olha incisivamente para minha mãe. Como se na sugestão, seu monitor começa a apitar.

— Você fez isso? — Eu pergunto.

— Não. O corpo dela está falhando. Faça a sua escolha, Arianna. Assine o contrato e deixe que isso seja feito. No momento que você assinar, ela se estabilizará.

Pego a papelada e coloco na minha bolsa antes da equipe do hospital vir para verificar os monitores. — E o seu contrato garante a segurança física dela e sua alma é devolvida a ela? — Eu pergunto enquanto puxo minha bolsa para mim. — Ela não vai morrer por qualquer meio? Ela retornará ao seu corpo com saúde total?

— Como você deseja — ele diz.

Eu puxo o pergaminho da minha bolsa e entrego a ele. — Escreva isso. Inclua isso especificamente. Que ela será restaurada à saúde plena e perfeita quando acordar. Que ela não vai morrer ou ser prejudicada enquanto estiver em coma. Que você vai ter certeza de que ela tem os melhores cuidados médicos e que todas as suas contas serão cobertas.

Ele levanta uma sobancelha. — Muito bem. — Puxando uma caneta, ele acrescenta algumas linhas no pergaminho do contrato.

Minha mente está girando. Minha mãe está morrendo. Eu tenho que me apressar, mas uma vez que eu assinar isso, acabou. Eu não terei

espaço para negociação. — Além disso, eu quero ser capaz de voltar aqui um dia toda semana para ver minha mãe e ver meus amigos.

Asher sacode a cabeça. — Você pede demais. Isso não é tão simples quanto ir de carro até a próxima cidade.

Eu estreito meus olhos para ele. — Você com certeza parece andar rápido o suficiente quando quer. Não pode ser tão difícil. Eu tenho que ser capaz de verificar a minha mãe, para ter certeza de que você está mantendo sua parte do acordo. Eu não sei por que sou tão importante para seus planos, e tenho certeza de que vou descobrir de alguma forma misteriosa e nefasta, mas enquanto isso, se você realmente precisa de mim, então faça isso acontecer.

— Não toda semana — diz ele. — Isso é demais. Uma vez por mês. E só por meio dia.

— Tudo bem, uma vez por mês, mas por um dia inteiro.

— Meio dia, ou nada — diz ele, e posso ver em seus olhos que não tenho mais espaço para negociar.

Eu engulo e assinto.

— Muito bem — ele resmunga, acrescentando os meus termos. Ele entrega o pergaminho de volta para mim quando Tom entra.

O monitor ainda está apitando, mais alto agora. Tom olha entre mim e Asher. — Somente a família é permitida aqui — ele diz.

— Eu sou da família — Asher diz, sorrindo.

Tom me olha como se para ter certeza que está tudo bem. Eu aceno e ele encolhe os ombros e verifica os monitores, seu rosto empalidecendo quando vê as leituras. — Eu preciso chamar o médico. Volto logo.

Ele corre para fora, e eu olho para o pergaminho, lendo as mudanças. O corpo da minha mãe convulsiona e o médico entra apressado com duas enfermeiras. Eles nos dizem para sair do caminho, e Asher e eu nos afastamos para dar-lhes espaço. Ele me entrega uma pena com uma ponta afiada que mais parece uma faca, e se inclina para sussurrar em meu ouvido. — É preciso sangue para nos unir.

Eu me afasto da equipe do hospital e coloco o pergaminho em uma mesa rolante, então corto meu braço com a pena. O corte arde e meus olhos enchem de água enquanto a ponta afiada da caneta absorve o sangue. Eu encontro o lugar destinado ao meu nome, e com meu próprio sangue fresco, eu assino.

No momento que eu assino o 'i' em Arianna, as máquinas ligadas à minha mãe ficam em silêncio. Eu sugo minha respiração quando um flash quente de dor queima o interior do meu pulso direito. Eu levanto o punho da minha blusa e vejo um símbolo em relevo se formando na minha carne.

Asher corta seu próprio pulso. — Você pertence a nós agora — ele diz ameaçadoramente. Ele pega o pergaminho da minha mão e coloca-o em seu terno, então se curva. — Eu vou te dar hoje para resolver seus assuntos terrenos. Esta noite você conhecerá sua nova casa no inferno.

Eu olho para minha mãe, que ainda está deitada na cama sem vida, mas há cor em seu rosto que não havia antes. Ela parece mais saudável. Mais viva. O médico e as enfermeiras a examinam, expressões perplexas em seus rostos.

— Sua mãe se estabilizou, contra todas as probabilidades — diz o médico. — Eu nunca vi nada parecido.

Quando me viro para dizer alguma coisa para Asher, ele já se foi. Em vez disso, vou até minha mãe e seguro sua mão, sentindo um pavor repugnante pelo que acabei de fazer, mas também um estranho tipo de esperança. Se ela viver, se ela voltar ao seu corpo restaurada, curada e não sentir mais dor, então valerá a pena.

Assim eu espero.

Eu passo as próximas horas pensando em uma mentira para minha ausência iminente que não vá fazer eu parecer insana. E eu me pergunto sobre a logística. Eu mantenho meu apartamento para se e quando minha mãe se curar? Empacoto as coisas? Quais são os

protocolos sociais para fugir para o inferno depois de fazer um acordo com um demônio vampiro?

Quando saio do hospital e me dirijo para o The Roxy, eu estou preparada, mas ainda não é fácil quando digo que estou me demitindo.

Há abraços e lágrimas e Shari me puxa para o lado e esconde um envelope cheio de dinheiro em minha bolsa. — Cuide-se, garota. E não seja uma estranha. Comida grátis por toda vida, bem aqui.

Eu a abraço e beijo sua bochecha. — Obrigada.

Es está no trabalho naquele dia, e ela ouve as notícias primeiro. A notícia é minha história falsa sobre como aquele estranho rico que veio para o The Roxy na outra noite me ofereceu um emprego bem remunerado em seu escritório de advocacia depois de descobrir meu interesse em direito, mas isso significa viagens internacionais e estar longe por muito tempo. — Isso também significa um melhor seguro de saúde. Minha mãe será cuidada, e eu poderei apoiá-la quando ela se recuperar — eu explico.

Es está uma bagunça soluçante, me abraçando e me fazendo prometer manter contato. Uma ideia ocorre e eu sorrio. — Você e Pete gostariam de morar no meu apartamento enquanto eu estiver fora? Eu sei que você tem o seu colega de quarto. Isso lhe daria privacidade, e preciso de alguém para cuidar de lá. Você pode ter meu quarto.

Os olhos dela brilham, mesmo através da maquiagem borrada. — Isso seria... incrível. Mas você tem certeza? Tem todas as suas coisas. E a sua mãe...

— Tenho certeza. Não quero deixar vazio enquanto estiver fora. Pegue. Você estaria me fazendo um favor. — Ela realmente já tem uma chave, então eu apenas digo a ela que vou sair naquela noite, e vou arrumar meu quarto para que ela tenha espaço para suas coisas.

Nós nos abraçamos novamente e eu saio, meu coração pesado pelas despedidas. Existe Wi-Fi neste mundo do inferno? Será que eu veria minha mãe e meus amigos de novo? Minhas habilidades de negociação de contrato podem ter me dado o que eu queria, mas isso não significa que os príncipes vão honrá-lo quando eu estiver no mundo deles. Eles

podem fazer o que quiserem quando eu estiver lá, e ninguém jamais saberá. Minha atenção é atraída pela estranha nova marca em meu pulso. Eu não sei se é apenas minha imaginação, mas eu quase posso sentir o poder em minha pele me amarrando aos príncipes e minha nova vida, me ligando a eles por toda a eternidade. O pensamento de que este pode ser o último adeus quase me paralisa, mas eu não posso deixar Es ver isso. Eu tenho que ficar firme, só mais um pouquinho.

Eu não sei o que esperar, ou o que levar. Arrumo meu quarto, coloco as caixas no quarto da minha mãe, e coloco algumas coisas na minha bolsa para levar comigo. Principalmente os itens sentimentais que não posso substituir, além de meus jeans e blusas favoritas e um moletom.

Meus pensamentos vão para Fen enquanto espero Asher chegar. Eu teria gostado de dizer adeus, mas não tenho como entrar em contato com ele. Tentei procurá-lo da última vez que estive no hospital, sem sucesso. Eu considerei deixar uma nota para Es entregar a ele, caso ele voltasse enquanto eu estivesse fora, mas o que eu diria? *Desculpe, eu senti sua falta. Vivendo no inferno agora. Queria que você estivesse aqui?*

Isso provavelmente não funcionaria. Então eu apenas envio uma mensagem silenciosa para ele, agradecendo-lhe por sua ajuda e desejando-lhe boa sorte, onde quer que ele estivesse.

Eu ando pela minha sala por mais uma hora, esperando, quando finalmente a campainha toca. Eu não tinha certeza se o vampiro iria realmente bater ou apenas magicamente aparecer como ele costuma fazer.

Eu abro a porta e Asher está parado ali, sorrindo, parecendo ter acabado de sair de uma revista QG. — Vamos para o inferno?

Eu não estou preparada. De modo nenhum. Mas ele me leva a uma limusine estacionada na frente do meu apartamento, e eu congelo. — Não podemos... eu não sei... andar?

Ele franze a testa, olhando para mim. — Andar? Você acha que podemos andar para onde estamos indo?

— Bem, eu não acho que podemos chegar lá através de limusine também — eu digo. — Então você deve estar me levando para algum lugar... humano... onde nós usaremos qualquer magia negra que você use para entrar no seu mundo. Então não podemos caminhar até o seu lugar humano?

— Não. Entre.

Eu suspiro e entro, segurando minha bolsa no meu colo enquanto me sento desajeitadamente nos assentos de couro macio. Eu nunca estive em uma limusine antes, mas Asher parece estar acostumado com isso.

Ele me oferece uma taça de champanhe enquanto o motorista sai do estacionamento, mas eu balanço a cabeça. — Estou bem, obrigada.

— Você parece apavorada. Como é que, quando eu a exponho aos monstros de pesadelos, você responde com astúcia, mas quando eu coloco você em um veículo, você estremece de medo? — Leva apenas um momento para que a lâmpada proverbial acenda em sua cabeça. — Entendo. O acidente. Você ainda está traumatizada. Lamentável. Você é muito feroz e inteligente para viver sob o peso daquele momento por toda a sua vida. Você realmente deve seguir em frente.

Eu bufo. — Claro, príncipe. Eu vou passar direto por isso.

Ele franze a testa para mim e não conversamos novamente pelo resto da viagem. Demora cerca de vinte minutos para chegar a uma grande propriedade cheia de árvores altas que bloqueiam o céu. Quando chegamos a um elaborado portão projetado na forma de uma bela árvore com raízes, o motorista abaixa a janela para inserir um código no sistema de segurança. O portão se abre, dividindo a árvore ao meio, e atravessamos. É então que vejo a casa... ou melhor, a mansão.

— Eu não achava que tivéssemos algo assim em Oregon— eu digo.

— Ninguém sabe que está aqui, e gostaríamos que continuasse assim. Essa é a nossa casa quando estamos no reino dos mortais a negócios. Será sua casa quando você vier aqui, sob guarda, é claro, para

visitas mensais. Você nunca deve trazer ninguém aqui. Ninguém deve saber sobre isso.

— Vocês garotos devem ter uma vida de festa — eu murmuro.

Ele me ignora enquanto nos aproximamos da porta da frente.

— Vou me encontrar com todos vocês agora? — Estou nervosa com a perspectiva de estar no mesmo cômodo com sete vampiros demoníacos, um dos quais devo escolher como companheiro. Eu acho que é um medo razoável neste momento.

— Não, o resto está ocupado no momento. Vou levá-la para o nosso mundo e até o Castelo Principal.

Um castelo? — Como é? No Inferno?

— Você verá em breve.

Eu ainda estou segurando minha bolsa com força quando entramos na mansão e ele me dá um tour ridiculamente rápido. Eu tento acompanhar tudo na minha cabeça. Tetos altos, móveis lindamente polidos, tapeçarias e pinturas penduradas nas paredes, uma enorme lareira de pedra nos aposentos com sofás profundos e poltronas em tecido vermelho e dourado. A cozinha é um sonho, abastecida com tudo que um cozinheiro gourmet precisaria para fazer uma obra-prima.

— Os vampiros comem?

— Comemos — diz ele. — A vida só de sangue é um mito. Precisamos de sangue, mas também precisamos de comida.

Pelo menos quando for transformada, não terei que desistir da comida. Isso é uma boa notícia.

— E quanto ao sol?

— Não podemos estar no sol humano. Ele nos queima. Mas o nosso mundo tem seu próprio sol que não nos faz mal.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que tudo isso? O sangue. O sol. Por que nosso mundo seria tão inóspito para você, ao mesmo tempo que é tão necessário para sua sobrevivência?

— Maldições não são para ser agradáveis — ele diz, rindo.

— Quem amaldiçoou vocês?

— Nosso tio, é claro. Sêrio, é como se você não soubesse nada. — Eu tento argumentar, mas ele continua. — Venha agora. Temos que nos apressar. — Ele me conduz pelos corredores e me mostra porta atrás de porta, explicando a qual príncipe elas pertencem. Ele para na frente da última porta do corredor. — Este é o seu quarto.

Eu abro e vejo uma cama de dossel com cama creme e dourada. Um fogo ruge perto da janela e um pequeno sofá, cadeira e mesa estão de lado. Um armário e cômoda com uma penteadeira estão colocados do outro lado.

— Você tem seu próprio banheiro privado — diz ele, apontando para uma porta ao lado da cômoda. — Eu vou deixar você se refrescar e então nos aventuraremos. Eu tomei a liberdade de fornecer roupas adequadas para você. Por favor, use-as.

Eu olho para o meu jeans e camiseta. — O que há de errado com o que eu estou vestindo?

— Você será apresentada ao nosso povo como a futura Princesa e Rainha. Você não pode aparecer assim.

Quando ele sai, coloco minha bolsa no chão e olho através da cômoda e armário. Está cheio de sedas, cetins e sapatos que não sei se posso usar. Ouço uma batida na porta e, antes que eu possa responder, uma mulher mais velha entra. Ela está vestida com um longo vestido preto que é totalmente funcional. Seu cabelo está ficando grisalho e puxado em um coque apertado. — Meu nome é Sra. Landon, e eu fui enviada para ajudá-la a se vestir — diz ela com sotaque britânico.

— Tenho certeza de que posso me vestir sozinha, mas obrigada.

— Bobagem — ela diz. — Estou aqui para ajudar. — Ela abre o armário e tira um vestido branco sem mangas. — Isso combina bem com a sua tez. Agora tire suas roupas.

Enquanto eu me dispo, ela me entrega calcinha de renda e sapatos que combinam com o vestido. Uma vez que coloco minhas roupas de baixo, ela me faz entrar no vestido, depois aperta a fileira de botões de cetim nas minhas costas. Não há zíperes, e me pergunto como vou

conseguir tirar isso. Assim que estou pronta, ela puxa meu cabelo em um coque francês e, em seguida, me direciona a sentar na frente da penteadeira enquanto ela faz meu cabelo. Eu mal me reconheço quando ela termina.

Ela me entrega um longo casaco de pele branca macia – falso, espero – e acena com a cabeça. — Isso vai servir. Saia agora. O príncipe está esperando.

— Por onde eu vou? — Eu mal me lembro do layout deste lugar.

— Desça as escadas. Apenas continue descendo. Você vai encontrar uma porta na parte inferior. Bata e ele vai deixar você entrar.

Eu pego minha bolsa, mas ela balança a cabeça. — Você não deve levar nada com você. Apenas o que você está vestindo.

— Tudo bem, mas eu quero o meu colar. — Eu coloco o pingente antes que ela possa protestar, em seguida, puxo o casaco em meus ombros e saio do quarto.

Eu encontro o corredor das escadas e o sigo. Ele para em diferentes níveis na mansão, mas continuo caminhando até me encontrar em pé diante de uma elaborada porta de madeira esculpida. Eu bato e espero. Asher a abre. Ele está vestido formalmente em um smoking, mas não moderno. Parece feito sob medida e como algo que a realeza usaria antes das roupas serem produzidas em massa.

Ele levanta uma sobrancelha quando me vê. — Você parece bem limpa.

— Eu não estava suja — eu digo, entrando na sala com ele.

Não é nada grandioso. Uma sala pequena – relativamente falando – com paredes de pedra, prateleiras de livros a sua frente, uma mesa solitária com uma cadeira no canto e um espelho. O espelho é a peça mais notável. É alto e liso, feito de madeira dourada esculpida em belas imagens ao redor do vidro. Sereias, dragões, fadas e todos os tipos de cenas de contos de fadas aparecem nos desenhos. Eu corro a mão sobre a madeira rica e estremeço.

— Essa é a nossa porta para sua nova casa — diz ele.

— Como um portal?

— Exatamente.

Eu posso me ver no espelho, meus lábios vermelhos e vestido branco, pele pálida e cabelo preto puxado para cima. Asher fica ao meu lado, mas ele é invisível no espelho. — Então é verdade? Vampiros não têm reflexos?

— Nós temos — diz ele. — Só não em espelhos. Nós apareceremos em reflexos de filmes e água. Mas espelhos, todos os espelhos, são portas para nós, e assim não permitem reflexos, mas vislumbram outra realidade.

— Então poderíamos ter chegado ao seu mundo por qualquer espelho? Até mesmo um em minha casa?

— Nós poderíamos chegar lá usando um espelho de bolso se nós escolhermos assim, entretanto esse tipo de viagem é um pouco... apertada.

— Então por que tudo isto? — Eu pergunto, acenando com a mão no espelho extravagante diante de nós.

Ele encolhe os ombros. — O que posso dizer? Nós temos um surto para o dramático. Você está pronta?

— Se eu não estiver, isso mudaria alguma coisa?

— Não. Nada. Eu estava apenas tentando ser educado.

— Não combina com você — eu digo.

— Vou manter isso em mente.

— Por que eu não posso trazer minhas próprias coisas? — Eu pergunto. Eu estou quase sentindo falta do meu telefone. Minha única linha de vida para meus amigos e minha mãe.

— Você vai ver em breve. A tecnologia moderna não funciona em nosso mundo. Não podemos trazer nada conosco que foi feito com máquinas ou avanços que nosso mundo não tem.

Eu franzo a testa para isso. — Por quê?

— É parte da nossa maldição.

Ele me oferece seu braço, e eu aceito, tentando não deixar minha mão tremer demais.

E então ele me puxa para o espelho.

Eu fecho meus olhos, meio que esperando bater no vidro, mas em vez disso eu afundo em um líquido grosso. Não é molhado, e eu ainda posso respirar.

Minha cabeça gira, e luzes e sombras brincam contra minhas pálpebras. Estou com medo de abrir meus olhos, ver para o que eu entreguei minha alma.

— Você pode olhar agora, Princesa — Asher diz. — Você está em casa. Bem-vinda ao inferno.

A woman with long dark hair, wearing a long red cloak over a white dress, stands in a snowy, forested landscape. To her right, a white wolf is partially visible. The background is a soft-focus winter scene with snow-covered trees and a pale sky.

Capítulo 5

PRINCÍPE DA GUERRA

“Cuidado com os príncipes do inferno”.

— O Guarda

Eu abro meus olhos e sugo minha respiração. Eu estava esperando fogo e enxofre. Dor e sofrimento. Tortura infinita. O que vejo é algo saído de um conto de fadas. Nós estamos à margem de um lago, tendo acabado de passar por um espelho grande e ornamentado que combina com o da mansão. É noite e lua cheia está fora. Outra lua, uma crescente, paira ao seu lado. As estrelas são brilhantes e grandes no céu escuro, muito maiores do que as do meu mundo. Diante de nós, a água se estende na distância, brilhando ao luar, e sob a superfície escura algo brilha de um azul pálido.

— Aqueles são peixes da lua — Asher diz, notando meu olhar.

Eu olho em volta e vejo mais deles. Eu quero mergulhar minha mão para tocar neles, mas pelo que sei eles podem ser carnívoros e comeriam tanto quanto brincariam comigo. É um momento de paz, mas não esqueci onde estou e por quê.

— Não chamamos esse lugar de inferno — diz Asher. — Aqui é conhecido como a Ilha da Inferna. — Ele vira de volta para o espelho de onde acabamos de sair e coloca uma mão sobre ele. Quando ele afasta a mão, a imagem do espelho se desloca, o vidro girando em cores até que uma nova imagem apareça. A princípio, não consigo dizer para o que estou olhando.

— Isso é Inferna — diz Asher, apontando para o que agora posso ver como um mapa. Parece uma ilha flutuante com sete anéis concêntricos no meio. Eu toco o centro, que todos os anéis parecem proteger, e o mapa amplia, me mostrando um close-up tridimensional de um grande castelo.

— Esse é o Castelo Principal — diz Asher. — Eu vou levá-la diretamente para lá.

Eu mudo o dedo para ter uma visão mais ampla novamente. — O que são esses círculos?

— Esses são os sete reinos, cada um governado por um dos príncipes. Há outros mapas de nosso reino, mas é melhor visto de um espelho encantado. Por razões de segurança, no entanto, não há espelhos dentro dos reinos. Qualquer um que deseje viajar pelos portais deve vir aqui, para a borda da região externa, e então usar os canais para chegar onde querem ir.

É quando eu vejo um barco flutuar até a praia e parar diante de nós. — Não estamos um pouco vestidos demais para viajar de barco?

Há neve no chão, e meu calcanhar afunda enquanto sigo Asher em direção ao barco. Eu teria ficado em meus jeans se soubesse que estaríamos viajando assim.

Ele me olha de lado. — Seu vestido vai ficar bem.

Eu suspiro quando Asher sobe primeiro. Almofadas coloridas estão artisticamente arrumados nos assentos de madeira, e o príncipe afunda nelas, observando com divertimento enquanto eu ando em direção a madeira flutuante precária. Isso balança e eu fico parada, um pé em terra, um no barco.

— Está encantado para sempre ficar em pé. Você não pode virá-lo nem se tentar. — Para provar seu ponto de vista – ou me aterrorizar – eu sinceramente não tenho certeza de qual, ele agarra os lados e balança o barco.

Ele se move, mas só um pouco. Ele sorri. — Vê? Você está segura.

Encorajada apesar de sua atitude, eu subo e recosto contra meus próprios travesseiros. Eles são surpreendentemente confortáveis. Asher diz algo em voz baixa assim que eu me acomodo e o barco começa a deslizar pela água.

— Eu nunca estive em um barco antes, mas tenho certeza que geralmente envolve motores ou remos.

— Seu mundo pode ter as maravilhas da eletrônica, mas nós temos magia. Em uma disputa entre os dois, eu sempre escolho o último.

Meus olhos se arregalam. — Magia? Magia real? — Por alguma razão, isso é mais difícil de entender do que demônios e vampiros, embora não saiba por quê. Particularmente considerando que eu acabei de viajar para outro mundo através de um espelho encantado.

— Verdadeira magia. Empunhada cuidadosamente, é claro. Nas mãos erradas, a magia é perigosa. Existem leis sobre o uso adequado da magia, para a proteção de todos.

— Então você pode usar magia?

— Não exatamente. Eu – na verdade qualquer um – pode usar um feitiço uma vez lançado. Mas vampiros e demônios não podem lançar magia.

— Então quem lança os feitiços?

— Os Fae — ele diz, então fica em silêncio.

Tenho tantas perguntas, mas ele não parece estar com vontade de falar, então me entretenho conhecendo meu novo mundo. O lago em que estivemos flutuando começa a estreitar, levando-nos a um canal com florestas de ambos os lados. Nós passamos entre duas paredes gigantes que se estendem até onde eu posso ver. Com pelo menos seis andares, parecem esculpidos em uma massa de pedra cinzenta. Acima de nós,

conectando as duas paredes, está um portão de metal forjado a partir de vigas entrelaçadas.

Asher observa meu olhar. — Esse é para que possamos fechar os canais durante um ataque.

— De quem? — Eu pergunto.

— Inimigos que meu povo fez. Eles vivem no limbo, as Terras Distantes, além dessas paredes.

Eu levanto uma sobrancelha. — E com que frequência você é atacado?

— Há ataques ocasionais. Mas primeiro, eles precisam lidar com os arqueiros nas paredes. Se conseguirem passar, temos soldados no chão. — Ele fala casualmente, como se este fosse o dia a dia de sua vida. Eu também, um dia, falarei de ataques e batalhas tão facilmente?

Nós passamos pelas paredes, e a temperatura cai, e eu puxo meu casaco em volta de mim, tremendo pela mudança brusca no clima.

— Entramos no reino de meu irmão, o Príncipe da Guerra — diz ele. — É miseravelmente frio aqui nesta época do ano.

Montanhas majestosas cobertas com montes de neve chegam ao céu, e árvores tão altas que não posso ver os topos alinham-se na costa. Ao longe, um castelo forjado a partir de pedra foi esculpido na lateral de um enorme pico. As bandeiras roxas voam de duas torres, representando um lobo branco.

— Outras pessoas moram aqui? — Eu pergunto em voz alta.

— Sim. Cada reino tem suas aldeias, seu centro e sua população. A maioria são demônios, mas há outras pessoas aqui também. É importante que você sempre fique dentro dos reinos. Nós não somos a única raça que habita esta terra, e acredite ou não, somos os mocinhos. Você não quer ir além dos portões, se você valoriza a sua vida. Ou a da sua mãe.

A voz de Asher cai para um estrondo baixo, e eu estremeço com o peso das palavras em sua boca. Que tipos de criaturas vivem fora dos reinos que teriam vampiros com medo deles? Eu não posso nem imaginar. — Falando da minha mãe, quando eu vou vê-la?

— Nós iremos para lá primeiro, para deixar sua mente à vontade. Então você será designada a um reino para começar sua estadia conosco. Meus irmãos se reuniram para decidir a ordem enquanto eu recuperava você.

— A ordem?

Asher olha para mim e sorri. — Sim, a ordem. Você deve passar um tempo com cada um de nós antes de fazer sua escolha. Você terá um mês com cada príncipe. No final dos sete meses, você decidirá quem entre nós será seu companheiro e futuro rei.

— Então minha mãe tem que viver como uma prisioneira por sete meses? E se eu decidir mais cedo?

Seu sorriso desaparece e ele se inclina para mais perto de mim, sua colônia fazendo minha cabeça girar. — Seja muito cuidadosa, princesa. Meus irmãos são demônios implacáveis que viveram mais vidas do que você imagina. Eles têm seus próprios planos e farão o que for preciso para alcançá-los. Não se apresse nisso. Você não está apenas selando seu próprio destino por toda a eternidade, mas o do nosso reino também.

— Por quê?

Ele pisca. — Por que o quê?

— Por que deixar uma decisão tão importante para um humano comum? Por que não lutar ou usar magia ou algo assim para decidir o próximo rei?

Ele se inclina para trás e cruza as mãos sobre o colo. — Por que, de fato. Para começar, você é muito menos comum do que imagina. E então, é claro, você sabe o resto da resposta. — Ele ri — Você é a escolhida, há uma profecia, e perigo, e, claro, meus encantos sensuais. Não foi isso que você disse no hospital? Você não estava errada, princesa. Você não estava totalmente certa, mas não estava errada também.

Eu olho para ele. — Obrigada. Isso esclarece tudo.

Nosso barco vira e a paisagem muda novamente. Ainda está frio, mas não o clima de antes. Nós não estamos mais cercados pelas florestas selvagens. Em vez disso, nós viajamos por uma cidade cheia de edifícios

altos que parecem feitos de pedra e árvores. Uma torre de mármore branco bloqueia uma das luas, videiras verdes em espiral a partir de sua base. Jardins imaculados adornam quase todas as moradas, cheias de flores prateadas e roxas, seus doces aromas frescos ao vento. Tudo parece liso e polido: símbolos elegantes esculpidos nas paredes, arcadas delicadas que atravessam ruas de paralelepípedos. Desta vez, vejo uma pessoa ocasional andando por aí, sozinha ou com um ou dois companheiros. É tarde, mas a cidade está iluminada com a luz de orbes azuis brilhantes que parecem pairar no ar.

— O que é este lugar? — Eu pergunto.

O príncipe sorri, e pela primeira vez parece estar com prazer genuíno. — Este é o meu reino. Lindo, não é?

— Muito — eu digo honestamente.

— É o meu orgulho — diz ele, depois ri. — Afinal, eu sou o Príncipe do Orgulho.

Eu não posso deixar de rir com ele em seu próprio humor estúpido, e por um momento nós compartilhamos uma camaradagem muito normal de duas pessoas desfrutando de algo adorável juntos.

— Minha localização é menos que ótima — diz ele, — colocada entre as terras selvagens da Guerra e a monotonia da Inveja. Honestamente, ele realmente precisa fazer algo com sua vida. Sua terra pode ser bonita, à sua maneira. É pesada com barro vermelho que sangra como sangue na neve no inverno, e ele recebe as tempestades mais terríveis, mas as formações rochosas que cobrem suas linhas costeiras são realmente dramáticas e impressionantes, se combinadas com a arquitetura correta. Infelizmente, ele não tem nenhum talento para design e, assim, seu reino define com seus cuidados desinteressados. — Sua voz é cheia de desânimo dramático, como uma criança petulante que não conseguiu o brinquedo que queria no feriado. — Você verá o que quero dizer em breve. Estamos quase lá.

O canal se contorce para a direita e nosso barco segue magicamente. À medida que avançamos, as árvores se tornam mais dispersas, e em vez disso a água é emoldurada por colunas de rocha e

pedra, cinza ardósia e desgastada pelo tempo e pelos elementos. Nosso barco balança e para subitamente, me enviando em espiral para Asher, que me pega em seus braços.

— Não precisa se atirar em mim ainda — ele diz com um sorriso. — Teremos nosso tempo juntos em breve.

Reviro meus olhos e empurro para longe dele. — Espertinho. — Nós ainda não estamos nos movendo, mas não posso ver o que nos fez parar. — A mágica falhou? — Eu pergunto.

Ele balança a sua cabeça. — Não é possível. — Seu rosto perde sua arrogância crônica e cai em um olhar de preocupação real enquanto seus olhos examinam o canal. Ele mergulha a mão na água, fundo o suficiente para que sua manga molhe. — Há uma árvore derrubada na parte inferior bloqueando o barco — diz ele, puxando a mão para fora. — Precisamos movê-la antes que possamos continuar.

— Eu assumo que é aqui que a mágica vem a calhar.

Ele ri com humor. — Seria, se qualquer um de nós pudesse manejá-la. Infelizmente, teremos que fazer as coisas do jeito antigo.

— Aposto que você está feliz por termos nos vestidos para essa festa agora, não é? — Eu pisco para ele enquanto o barco desliza para as margens.

Ele se levanta e sai com cuidado, depois oferece sua mão. — Pano pode ser limpo. Não é importante.

— Certo. — Eu percebi que ele odeia isso, e isso de alguma forma torna meu desconforto mais suportável. Eu daria tudo para estar em jeans agora. Meu vestido branco permanece praticamente ileso enquanto eu saio do barco e fico na frente de uma laje gigante de pedra cinza, mas meus sapatos não se saem tão bem ao afundar na lama do canal. Eu desisto e os tiro, jogando-os de volta no barco para que eu possa andar descalça.

Asher parece pronto para discutir, mas eu levanto a mão. — Você quer trocar de sapatos? Não? Então, cale-se.

Ele faz a escolha inteligente, e sua boca se fecha. Ele se inclina para puxar o barco para fora da água e sobre a árvore caída. Estou prestes a oferecer ajuda para levantar, mas...

Ele não precisa da minha ajuda. De alguma forma, Asher consegue levantar o barco inteiro sozinho. Seus músculos tremem sob suas roupas, mas seu rosto não mostra nenhum sinal do esforço que deve ser feito para erguer algo tão pesado.

Ele está colocando de volta na água do outro lado da árvore, quando ouço um galho se quebrar.

Eu começo a girar, mas sou muito lenta.

Alguém me agarra por trás, cobrindo minha boca com um pano para que eu não possa gritar. Eu mordo, e a mão solta, mas só por um momento. Os braços ao meu redor se contraem e, embora eu tente o máximo, não consigo afastá-los. Eu luto de qualquer maneira, não querendo me tornar um alvo mais fácil do que eu já sou.

Há algo sobre o pano na minha boca, um cheiro químico, e isso me faz pensar.

Alguém está tentando me sequestrar. Alguém me seguiu até aqui.

Meus olhos se arregalam de pânico, mesmo quando começo a perder o controle de meus membros, ficando flácida no aperto do meu agressor. Imagens borradas entram em minha visão, mais invasores, pelo menos dez. Eles sacam espadas.

Asher se vira e grita, um som primitivo não de medo, mas de raiva. Ele avança rápido. Eu mal posso vê-lo enquanto ele se arremessa ao redor, desarmando um oponente e pegando sua espada. Sons de aço. Respingos de lama. Sangue jorra sobre meu rosto.

Meu captor me arrasta para trás, para longe da luta, entre torres de pedra. Ele usa peles marrons e um capuz de couro, cobrindo seu rosto. Eu não posso fazer mais nada; meus olhos ficam pesados.

Meu atacante tropeça.

Me concentro em toda a minha força restante.

E enfio a parte de trás da cabeça no rosto dele.

A dor explode no meu crânio e ouço o ruído de ossos. Provavelmente o nariz dele. Ele xinga, me solta e eu caio, batendo no cascalho. Eu grito a plenos pulmões, esperando que alguém neste reino se importe e venha ajudar. Eu não consigo andar, então rastejo, meus joelhos raspando contra a rocha, minhas mãos sangrando por minúsculos cortes.

À distância, três homens cercam Asher, mas ele se mantém lutando com tal velocidade e agilidade que meus olhos não podem seguir. Mas eles são rápidos também, e eu me pergunto se vampiros podem ser mortos.

A droga que eles usaram em mim entorpece todos os meus sentidos, e eu desmorono perto da água.

Então eu ouço.

O som de cascos.

De lobos uivando. De guerreiros gritando.

A voz de Asher é forte com alívio, mas ainda está cheia de seu sarcasmo normal. — Bom você finalmente se juntar a nós, irmão.

Espadas colidem. O sangue se infiltra na terra.

As coisas se misturam ao meu redor. É difícil respirar. Difícil pensar.

Então tudo fica quieto.

E um nariz molhado cutuca meu rosto. Eu abro meus olhos e vejo o rosto de um grande lobo branco me encarando, seus olhos dourados inteligentes demais para o conforto.

— Ele normalmente odeia todo mundo exceto eu. — A voz é familiar. Reconfortante. Profunda e grave.

Braços me tiram do chão e quando minha cabeça cai para trás, eu vejo o rosto que eu sabia que estaria lá. — Fenris?

Fen olha para mim. — Você realmente deveria parar de ser drogada e quase sequestrada.

Eu sinto alguma indignação, embora possa dizer que não ficarei consciente por muito mais tempo. — As pessoas realmente deveriam parar de me drogar e quase me sequestrar — eu murmuro.

É a risada dele que eu ouço quando a escuridão me leva.

Eu acordo em lençóis de seda que parecem muito macios, muito escorregadios para serem totalmente confortáveis. A cama é grande e fofa e estou vestida com... algo que não reconheço. Minha cabeça não dói tanto desta vez quando eu abro meus olhos.

A sala cintila com a luz de um fogo dançando nas paredes. Eu me levanto na cama para olhar em volta.

— Beba isso. — Um cálice de estanho é entregue a mim.

Eu olho e vejo Fen sentado em uma cadeira ao lado da minha cama, um enorme lobo branco dormindo aos seus pés. Ou, pelo menos, fingindo dormir. Tenho a sensação de que o lobo está bem ciente de tudo o que acontece nesta sala e além dela.

— Você! — Eu empurro a taça e olho para Fen. — Você é um deles e mentiu.

— Eu nunca menti para você. Eu apenas não lhe contei tudo. Aliás, você também não compartilhou todos os seus segredos naquele dia, não é? — Seus olhos azuis captam a luz do fogo e parecem acender. Ele está vestido de maneira diferente da última vez que o vi. Calça e camisa de couro marrom, pesadas botas de pele.

— Bem, não. Mas isso é diferente. Eu não sabia que você sabia sobre essas coisas. Você sabia que eu sabia.

— Justo o suficiente — diz ele, ainda segurando a taça para mim. — Mas o meu trabalho era mantê-la segura. Era o trabalho de Asher te trazer aqui por vontade própria. Eu não podia interferir. Agora, beba isso antes que sua dor de cabeça piore.

Eu pego o cálice da mão dele e cheiro, então enrugo meu nariz. — Isso é horrível. O que há nele?

— Você não quer saber, mas você quer beber. É a razão pela qual você não se sente como se tivesse sido drogada, mas a dose que você tomou antes já está quase passando o efeito.

Eu lembro de quanto tempo demorei para me recuperar da última vez, então aperto meu nariz e engulo o líquido vil, quase engasgando no processo. Não tem um gosto tão ruim quanto cheira, é pior ainda.

Eu jogo a taça em Fen quando termino, mas ele pega com a mão enquanto dá risada. — Sentindo-se determinada, vejo.

— Ainda com raiva de você por mentir para mim. Eu confiei em você.

Ele se levanta, balançando a cabeça. — Você não deve confiar em ninguém aqui, princesa. Que essa seja sua primeira lição. — Ele caminha até a porta, seu lobo seguindo-o.

— Nem em você? — Eu pergunto.

— Especialmente em mim — ele diz, abrindo a porta. — Agora se vista. Asher está esperando por você na biblioteca. Eu vou te levar lá e me certificar de que ninguém mais tente te matar enquanto isso.

— E quem está tentando me matar?

Ele faz uma pausa. — Os Fae que habitam as Terras Distantes.

Fae? Eles são o inimigo perigoso que Asher falou? Os manejadores de magia. — E por que eles estão atrás de mim?

— Eu suspeito que é porque eles sabem da sua importância. Se você for levada, então nós não teríamos um rei, e nosso reino permaneceria desorganizado. Agora, se apresse e se troque.

Eu olho para a camisola prateada que alguém me vestiu. — Onde estão minhas roupas? Como eu acabei nisso?

— Você estava coberta de sangue e lama. Eu pensei que você ficaria mais confortável assim. Há roupas no guarda-roupa que devem servir em você. Este será seu quarto quando você estiver no Castelo Principal.

Meu rosto queima. — Você me trocou? — Estou tentando imaginar como isso aconteceu enquanto eu estava inconsciente, mas minha mente continua congelando toda vez que imagino suas mãos no meu corpo. Nu.

— Relaxe. Eu não toquei em nada que não deveria. Sua virtude está intacta.

Eu bufo. — Eu não estou preocupada com a minha virtude. Em que século você acha que estamos? Estou preocupada com o consentimento.

Ele levanta uma sobrancelha, em seguida, atravessa a sala em dois passos largos até que ele está inclinado sobre mim. — Eu garanto, Princesa, se alguma vez consumarmos qualquer coisa entre nós, será totalmente mútuo.

Sua presença, a pura leveza de seu cheiro, de seu corpo tão perto do meu, me deixa tonta, mas me recomponho rápido o suficiente para responder antes que ele se afaste. — Como deveria ser.

Há uma pausa entre nós que parece demorar-se além dos limites do tempo, onde só ele e eu existimos. Eu tenho que lutar contra o desejo de levantar minha mão e correr contra sua mandíbula, para sentir o restolho de sua barba. Para puxá-lo para mais perto de mim.

Seus olhos estão trancados nos meus, mas então seu lobo rosna na porta e nosso momento é quebrado. Antes que eu possa piscar, Fen vira para a porta e Asher se aproxima.

— Acalme-o, Fen. Sou apenas eu. — Asher entra na sala e fica ao lado do fogo, deixando bastante espaço entre ele e o lobo. — Eu vejo que nossa garota está acordada. Excelente. Há lugares para ver, pessoas para conhecer, coisas para fazer.

— Eu quero ver minha mãe — eu digo, saindo da cama. Minhas pernas estão bambas, mas fora isso me sinto bem. Aquele remédio realmente funciona.

Asher franze a testa. — Sobre isso...

— Não. Eu não vou fazer mais nada até confirmar que ela está aqui e segura. — Eu tranco os olhos com ele, meus braços cruzando sobre meu peito. Eu não vou recuar sobre isto.

Fen se inclina contra a parede, sorrindo para Asher.

O Príncipe do Orgulho franze a testa de novo. — Você acha que isso é divertido, irmão? Espere até chegar sua vez de lidar com ela.

Fen ri. — Sou eu quem continua a resgatá-la, enquanto ela deveria estar sob seus cuidados. — Seu lobo mostra os dentes para Asher.

— Tudo bem, chega de brigas — eu digo. — Ambos para fora. Eu preciso me trocar. — Eu os levo até a porta e a fecho atrás deles, então respiro fundo. É hora de ver no que eu me meti.

Quando saio do meu quarto, Asher e Fen ainda estão lá, parecendo levemente desconfortáveis um com o outro, Asher franze a testa quando vê o que eu estou usando, mas o lábio de Fen se contrai, e eu posso dizer que ele está satisfeito.

— Este não é um traje adequado para uma princesa! — diz Asher. Eu juro que ele está prestes a torcer as mãos em angústia, e quase rio.

Havia vestidos em abundância no guarda-roupa, mas escondido na parte de trás de uma das gavetas, achei algo melhor. Calça de couro preta, botas e um espartilho vermelho com uma capa preta. Me sinto muito foda, para ser honesta. E embora não seja a roupa mais confortável que eu já usei, estou feliz nela. Meu cabelo está preso em tranças, e coloco batom vermelho para combinar com meu espartilho. Eu só preciso de uma espada e estarei pronta.

Espadas parecem ser úteis aqui. Fen carrega uma em seu quadril. Sim, eu definitivamente preciso da minha própria espada. E preciso aprender como usá-la.

— Eu acho que ela parece a princesa perfeita — diz Fen.

Eu tento não sorrir com seu elogio. Eu ainda estou com raiva dele por mentir para mim, mas há tanta coisa acontecendo que eu não entendo. Eu não tenho certeza de como me sentir sobre alguém agora.

Asher apenas balança a cabeça para nós e começa a andar pelo corredor. Eu o sigo e Fen anda logo atrás de mim, presumivelmente agindo como guarda. Eu deveria me sentir mais nervosa com ele e aquele lobo se arrastando atrás de mim, mas eu não sinto. É reconfortante saber

que ele está lá. Eu não consigo ver muito do castelo, principalmente corredores, cobertos de murais retratando batalhas e colheitas. Acima de uma porta extravagante, havia a pintura gigante de um homem mais velho, o cabelo preto e riscado de cinza, o rosto pálido e suave. Ele usava um colete preto e capa, seus botões dourados.

— Quem é esse? — Eu peço.

Fen não olha para a pintura, franzindo a testa por algum motivo.

— Nosso pai, o rei Lucien. Ele poderia ser... difícil, às vezes, mas sempre foi justo.

Fen ri, embora não haja humor nisso. — Justo para você, talvez.

— Vamos lá irmão. Esta não é a hora para brigas.

— Hora da verdade, talvez.

Asher sacode a cabeça, virando-se para mim. — Desculpe meu irmão. A perda de nosso pai afetou todos nós de maneiras diferentes. — Ele enfrenta Fen. — Vamos levar a princesa para a mãe dela. Podemos discutir isso mais tarde.

Fen acena, embora eu gostaria que ele não tivesse. Eu quero saber mais sobre o que aconteceu com o rei.

Asher passa direito por um corredor e puxa uma chave de ferro grossa do bolso. Ele abre uma porta preta empoeirada, revelando uma escada descendente. O caminho é iluminado por tochas que cintilam com uma luz azul, mas ainda tropeço, batendo em Asher, que me pega e me estabiliza antes de continuar. Eu ouço o lobo de Fen rosnar quando Asher me toca, e Asher franze a testa para a fera.

Descemos mais fundo até alcançarmos outra porta. Asher a abre e entramos em um corredor escuro, cheio de pedras e barras de metal.

— Vou esperar aqui e vigiar a entrada — diz Fen, parando junto à porta.

Asher franze a testa. — Claro.

O lobo senta aos pés de Fen, orelhas atentas, dentes à mostra na masmorra.

Está quente, as paredes de pedra estão manchadas de vermelho, e eu nem quero pensar no que causou aquelas marcas.

Eu tusso. — Isso é enxofre?

— Sim — diz ele.

— Que decepcionante e previsível. Uma masmorra demoníaca que cheira a enxofre.

— Tem seus usos — diz ele, mas posso dizer que ele se incomoda por ser considerado decepcionante e previsível. Ele é o Príncipe do Orgulho afinal de contas.

Há um som de correntes que se fecham quando nos aproximamos de um canto, e o maior homem que já vi aparece diante de nós. Ele não é realmente um homem, entretanto. Ele tem pelo menos dois metros e setenta de altura, inchado com músculo em todo lugar. Sua cabeça é careca e seu corpo coberto de tatuagens tribais. Grandes chifres negros se projetam de seu crânio. Suas pupilas são muito estreitas como as de um réptil. Seus dentes estão afiados em pontos mortais e, quando ele fala, sua voz soa como cascalho.

— Meu Príncipe, como posso atendê-lo?

Ele não olha para mim, mas eu percebo que ele está ciente da minha presença. Eu sei que ele vê tudo que eu poderia fazer antes mesmo de eu fazer isso. Este homem-animal me apavora.

— Por favor, permita que a senhorita Spero veja a alma de sua mãe, e então nós partiremos.

O demônio faz uma pausa, a incerteza em seu rosto. — Você acha que é sábio, Sua Alteza?

— Apenas faça isso. Estou com um pouco de pressa e devo continuar com isso.

— É claro.

Ele nos leva através de mais corredores manchados com os restos de seus últimos ocupantes e abre uma porta gradeada, as dobradiças de metal rangendo ruidosamente no silêncio misterioso. A sala é grande, como um armazém subterrâneo, e cheia de gaiolas gigantescas penduradas no teto até o chão. Cada um tem a forma etérea e brilhante de um humano deitado sobre ela. Deve haver centenas delas, pelo menos. Talvez mais.

— Ela está aqui — diz ele, caminhando para uma gaiola no meio.

Eu me movo para frente, meu corpo tremendo. Eu vejo a alma da minha mãe, encostada nas barras frias. É transparente, fantasmagórica, mas é ela. Ela parece o mesmo que seu corpo, e chego para tocá-la, mas minha mão não encontra nada.

— Ela não está aqui em forma — diz Asher. — Apenas em espírito.

— Posso falar com ela? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça. — Se ela for acordada, sofrerá muito. Meu pai recentemente ordenou que todas as almas permanecessem adormecidas durante seu tempo conosco. Costumava ser uma prática padrão que elas permanecessem acordadas, torturadas e na miséria. Alguns demônios se alimentavam dessa dor.

— Isso é bárbaro. — Minha voz treme apenas de imaginar minha mãe, ou qualquer outra pessoa, suportando uma existência tão apavorante.

— É provavelmente por isso que o Rei acabou com isso — diz Asher, e eu posso ouvir em sua voz um tom suave quando fala de seu pai. — Ele mudou de ideia perto do fim. Eu ainda... não importa.

— O quê?

Seus olhos são escuros e pesados. — Eu ainda me pergunto porquê. Por que um eterno demônio mudou seus modos?

Ele olha para mim, seu olhar penetrante. — O que mudou seu coração?

Nós dois ficamos em silêncio por um momento, e eu me afasto, a intensidade de seu olhar esmagador.

— Ele deveria ter mantido as coisas como estavam — diz o guarda demônio.

Asher arregala os olhos, e ele vira para o guarda, agarrando-o pelo pescoço. Ele aperta, sufocando o gigante, trazendo-o de joelhos. As presas de Asher descem. — Você se atreve a falar de seu rei, da família real, desse jeito?

Eu assisto, maravilhada. Asher é impressionante por si só, mas nada comparado à besta da masmorra, e ainda assim, o demônio parece aterrorizado com o príncipe.

— Desculpas, Mestre. Isso não acontecerá de novo.

— Cuide para que isso não aconteça, ou você sofrerá um destino muito pior do que aquelas almas pesarosas tiveram alguma vez.

Volto minha atenção para minha mãe e a observo por mais alguns segundos, antes que Asher ponha uma mão no meu ombro. — Você a viu. Eu cumpri minha promessa. Devemos ir agora.

Ele se vira para sair e eu o sigo, mas quando chego ao final da sala, o demônio pega meu cotovelo. Eu me afasto, pânico instantâneo enchendo minhas veias. Seus olhos se alongam e suas pupilas se dilatam, mas ele não tenta me morder. Em vez disso, ele se inclina para sussurrar no meu ouvido.

— Cuidado com os príncipes do inferno. Nenhum deles está satisfeito sobre você decidir quem será o próximo rei. Nem todos eles desejam você viva.



Capítulo 6

OS SETE REINOS DO INFERNO

“Não deixe que as bugigangas bonitas enganem você, Princesa. Nós ainda somos demônios. Este ainda é um lugar perigoso”.

— Fenris Vane

Eu saio correndo pela porta e vou para os braços de Fen.

O ar imediatamente esfria e eu respiro fundo contra o peito de Fen. Ele endurece de surpresa e percebo o que estou fazendo e recuo. — Er... desculpe por isso. O, guarda me assustou e... — Minha voz me trai e eu realmente não tenho ideia do que dizer em seguida, então dou outro passo para trás, mas acabo batendo na parede de pedra atrás mim. Fenris ainda está me encarando, seus olhos azuis me puxando para ele enquanto se aproxima. Seu lobo está ao seu lado e corre para frente com seu mestre, olhando para nós dois.

Fen está tão perto de mim agora que posso sentir o cheiro da selvageria que se agarra a ele como uma colônia. Ele inala profundamente, seus olhos ilegíveis e dilatados. Seus olhos caem para o meu pescoço, e eu sei que deveria estar com medo. Um vampiro está me checando como se eu fosse jantar. Mas não estou com medo. Estou em

transe. Um grunhido vibra em sua garganta quando ele se inclina. — Você deveria ter mais cuidado, Princesa.

Sua respiração roça no meu pescoço, enviando um arrepio na minha espinha. — Meu nome não é Princesa, ou garota, é Ari. Arianna, se você quiser ser formal.

Fen olha para mim com uma expressão estranha, como se estivesse tentando descobrir o que eu sou.

— Hora de ir — diz Asher do topo da escada, mais uma vez interrompendo algo que parece forte. O lobo, cujo nome eu devo aprender em breve, reverte para sua posição defensiva.

— Seu lobo basicamente odeia todo mundo menos você? — Eu pergunto.

Fen olha para ele. — Normalmente sim. Você parece ser a exceção.

Asher limpa a garganta. — Desculpe interromper vocês dois, mas Dean está esperando e você sabe como ele é paciente.

Fen se afasta de mim e vira para encarar Asher. — Dean pode esperar o tempo que for necessário. Eu me preocupo pouco com as demandas que ele tem em seu tempo.

— Seja como for, ainda devemos ir. A menos que vocês dois estejam planejando ficar na masmorra a noite toda?

Eu tremo com o pensamento, e o lobo se afasta de Fen para se aproximar de mim, empurrando sua cabeça grande contra a minha perna até que eu o acaricio. Ambos os príncipes olham para nós, surpresos, por vários segundos.

Asher é o primeiro a quebrar o silêncio. — O que o...?

Fen cruza os braços sobre o peito. — Ele está assim desde que ela chegou aqui. Eu nunca vi nada parecido com isso.

— Os outros irmãos não vão gostar disso, Fenris. Eles vão sentir que você está tomando liberdades para inclinar as coisas a seu favor.

Observar os dois é como assistir ao Polo Norte e ao Sul em uma dança estranha. Eles são diferentes – Asher, com seus trajes finos e refinamento, e Fen, com sua selvageria e couro – mas de algum modo eles se complementam de uma maneira estranha.

Fen zomba das palavras de Asher. — Eu me importo tanto com esse maldito trono quanto com a última conquista de Dean, nem um pouco. Eles deveriam saber disso. Este não é o meu jogo, é todo seu.

— Seja como for, isso vai irritar.

Fen afasta os olhos de mim e do lobo para virar para Asher. — Vou fazer mais do que irritar se qualquer um deles ousar me desafiar.

O aviso do guarda ecoa em minha mente. Fen é um daqueles descontente com a minha presença?

Asher levanta as mãos em sinal de rendição. — Eu estou do seu lado nisto, irmão. Você sabe disso.

Fen assente uma vez, e começa a subir a escada de volta para o castelo principal. Seu lobo fica ao meu lado até que Fen vira, com o rosto franzido de irritação. Ele assobia e o lobo se esfrega contra mim novamente, choramingando.

— Oh, pelo amor de tudo que é profano, o que há de errado com você, Barão?

Estou começando a me sentir mal por Fen, então eu cutuco Barão com a minha mão. — Vá em frente. Eu vou ficar bem.

Ele olha para mim, seus olhos tão inteligentes, e quase acena, então se move lentamente para Fen, mas continua olhando para trás para ter certeza de que estou indo. Sufoco um sorriso e subo correndo as escadas enquanto Fen amaldiçoa e se afasta de nós. Asher observa com uma mistura de diversão e preocupação em seu rosto.

Enquanto nos dirigimos para onde quer que Asher esteja nos levando, eu faço a pergunta que estava querendo uma resposta há algum tempo. — Vamos falar sobre o fato de que esses Fae continuam me atacando?

— Não — diz Fen, rispidamente. Eu acho que ele ainda está bravo por seu lobo não obedecê-lo.

— Se eles conseguirem me sequestrar, o que eles estão planejando fazer?

— Calá-la, eu espero.

Sim, ele ainda está bravo.

— Olha, eu sinto muito que seu lobo goste de outra pessoa pela primeira vez na vida, mas isso não é motivo para agir como uma criança petulante. Há assuntos sérios para discutir aqui.

Asher ri alto. — Ela tem razão, irmão!

Fen vira e agarra-o pelo colarinho, empurrando-o contra a parede de pedra. — Isso é o bastante para você, *irmão*. Eu fiz tudo o que você pediu. Eu a mantive segura. Eu a trouxe aqui. Eu já terminei.

Ele solta Asher, que não parece nem um pouco assustado, e foge, nos deixando sozinhos na passagem. Seu lobo o segue dessa vez, embora com relutância quando ele vê que eu não estou me juntando a ele.

Asher ajusta sua roupa e afasta as rugas causadas pelo manuseio brusco de seu irmão. — Fen é um pouco temperamental — Asher diz calmamente. — Príncipe da Guerra e tudo mais. Você entende.

— Eu entendo que uma família de vampiros imortais tem toda a eternidade e ainda não consegue descobrir como crescer — eu digo. Estou cansada de briga, então ando para frente, mas assim que chegamos à porta que nos trouxe aqui, eu paro, sem saber para onde estamos indo.

Asher sorri, piscando para mim, e me conduz pelos corredores alinhados com portas e pinturas douradas e elaboradas portas esculpidas em pedra, mármore ou madeira em belas formas. Paramos em um corredor com um fogo aceso na maior lareira de pedra que já vi: há almofadas e tapetes em frente à lareira para relaxar, com mesas cheias de bebida e comida, e móveis elegantes colocados artisticamente por toda a sala para criar recantos de leitura e conversa. Uma parede é revestida de livros e outra com um mural pintado de uma bela paisagem com um Pegasus voando por uma tempestade de inverno. No centro da sala está um dos homens mais bonitos que já vi.

Ele tem o tipo de beleza física que é literalmente deslumbrante. Cabelos dourados que caem em torno de seus ombros em ondas grossas. Olhos tão penetrantes que dói olhar. Pele esculpida em mármore dourado. Uma face que poderia matar exércitos com sua beleza. Um corpo tão perfeito que parece irreal. Tipo, eu não consigo andar mais, porque eu estou *literalmente* atordoada.

Quando ele me vê, sorri e eu quase engasgo com a minha própria língua.

Asher vê minha resposta e apenas suspira. — Arianna, este é Dean. Dean, esta é a princesa.

Dean pega a minha mão e leva-a aos lábios. O beijo é suave, terno e fica na minha pele como um presente. — Olá, Princesa Arianna. É um prazer finalmente conhecê-la. Estou ansioso por nosso tempo juntos e espero que você se divirta em *todos os sentidos*.

Partes do meu corpo que eu negligenciei a maior parte de minha vida são incendiadas por suas palavras, e não tenho resposta, a não ser ficar ali parada, com os joelhos fracos e agitada.

Dean ainda está segurando minha mão, e não me afasto até que Asher me cutuca. — Arianna, o conselho escolheu Dean, Príncipe da Luxúria, para ser seu primeiro guia em nosso mundo. Você passará um mês com ele e então passará para o próximo reino com outro príncipe.

Eu pisco, lembrando a mim mesma quem eu sou e por que estou aqui. — É claro. É bom conhecer você, Dean. — Respiro fundo para me equilibrar e finalmente afasto minha mão. Ainda queima com os seus lábios, e acho isso muito desconcertante. Não é como se Fen e Asher fossem feios. Eles são espécimes masculinos bonitos de seu próprio jeito. Mas posso ver porque Dean recebeu o título de Príncipe da Luxúria.

Um grunhido desvia a atenção de Dean de mim, enquanto Barão se aproxima de nós. Ele cutuca contra o meu lado e minha mão cai em sua cabeça. Sua presença clareia minha mente, me salvando de qualquer nevoeiro de desejo que Dean lança por mera proximidade.

— Na verdade, isso é incorreto — diz Fenris, juntando-se a nós. — O conselho escolheu a mim como sua primeira escolta, então ela virá para o meu reino.

Dean franze a testa para Fenris. — Você renunciou ao seu direito de ser o primeiro. Acredito que suas palavras exatas foram: “Eu não serei um pião neste jogo que vocês estão jogando, então vão embora e fiquem com ela”.

— Fiquem com ela? — Eu pergunto, fogo queimando no meu estômago. — Eu não sou uma coisa para ser possuída por nenhum de vocês! Não com charme — eu digo, olhando para Asher — Ou força bruta, — que era para Fen — Ou por um rosto bonito. — Eu olho para Dean que parece tão chocado quanto Fen quando seu lobo se aconchegou em mim. — Vocês têm que parar de agir como idiotas e começar a se comportar como homens razoavelmente inteligentes, ou eu não tenho ideia de como vou cumprir o contrato de escolher qualquer um de vocês!

— Bem, irmão — Asher diz para Fen através de um sorriso — Parece que você tem um mês interessante pela frente.

— Espere um segundo agora, eu não concordei em desistir da minha vez — Dean diz.

Asher dá de ombros. — Você não precisa. Fen está certo. O conselho o escolheu e ele tem o direito de levá-la.

Dean se vira para Fen, com o rosto franzido. — Você é um idiota, sabia? Há uma razão para ninguém gostar de você.

Asher ri quando Dean sai da sala, mas o rosto de Fen está todo sério. Acho que as palavras de seu irmão o incomodaram, ou talvez ele já esteja se arrependendo de sua “reinvindicação” sobre mim.

Quando Dean está fora do alcance para ouvir, Asher se acalma e se vira para Fen. — O que está acontecendo? Isso não é como você.

— É meu trabalho mantê-la segura — diz Fen.

— E você fez um trabalho admirável — diz Asher. — Mas apesar da arrogância e da vida frívola de Dean, ele é tão capaz quanto qualquer outro de lutar. Nenhum dano acontecerá com ela em seu reino.

Fen suspira. — Você não juntou tudo ainda? Como os Fae conseguiram chegar ao Reino da Inveja para tentar outro sequestro? Por falar nisso, como os Fae chegaram ao Castelo Principal para assassinar nosso pai? Você não se perguntou?

Asher franze a testa. — Claro que sim, mas... — Seus olhos se arregalam. — Você não está sugerindo o que eu acho que está?

Fen assente. — O *único* jeito é se um de nós deixá-los entrar.

— Fenris, esta é uma acusação séria. Você está sugerindo que um de nossos irmãos não apenas tramou o sequestro de Arianna, mas também ajudou no assassinato do nosso pai?

— Não estou sugerindo isso — diz Fen. — Estou dizendo que foi exatamente isso que aconteceu.

— Se você tem tanta certeza, então por que compartilhar suas suspeitas comigo? Como você sabe que eu não sou o culpado? — Asher pergunta. — Por falar nisso, como eu sei que não é você?

— Você sabe que não sou eu, porque não quero ser o Grande Rei. E eu tenho certeza que não é você, porque confio em você mais do que na maioria. Isso e você teve muito tempo com Arianna em seu mundo e nunca fez nada. Você poderia ter facilitado muito o sequestro dela, mas não o fez. Então deve ser um dos outros.

Os príncipes encaram um ao outro. Eu poderia muito bem não estar aqui, a não ser por Barão parado ao meu lado. As ramificações do que eles estão dizendo lentamente afundam em minha mente. Eu tenho que passar um mês com cada irmão. Se um deles é um traidor, então goste ou não, eu acabarei sendo sequestrada. E ainda não sei por que os príncipes me queriam aqui para começar.

— Eu entendo porque os Fae estão atrás de mim. Basicamente vocês colocaram um alvo na minha cabeça quando decidiram que eu, e somente eu, poderei decidir o destino deste reino. Mas vocês ainda não explicaram por que me escolheram. Por que *eu* sou tão importante para *vocês*?

Asher franze a testa. — Para responder, seria necessário trazer nosso pai de volta dos mortos. Ele ditou os termos da ascensão em seu testamento. Foi ele quem negociou o contrato para a alma da sua mãe. E foi ele quem exigiu que você fosse trazida para casar com um de nós antes que um novo reinado pudesse acontecer. Não sabemos por que, e isso causou uma considerável agitação entre nossos irmãos, que não estão felizes com seu destino... e o fato do destino deste reino, estar nas mãos de uma garota humana.

— É por isso que — Fen diz, — devemos deixar este lugar. Eu preciso levá-la ao meu reino, onde você estará segura enquanto resolvemos isso e descobrimos quem nos traiu.

Fenris assente para Asher e se vira para sair do quarto. Asher pega a minha mão. — Esteja segura, Arianna. Eu vou vê-la novamente em breve.

Eu sigo Fen para fora, seu lobo se arrastando ao meu lado, e ele me leva para a entrada do castelo. Um candelabro está pendurado no teto, feito de galhos de cristal e folhas brilhantes lançando sombras nas paredes. As portas são altas, largas e feitas de madeira grossa e esculpidas com um símbolo de árvore. Fenris abre e Barão me cutuca.

Ainda está escuro, bem depois da meia-noite, e o céu está brilhando com as luas e estrelas. Mais uma vez, sou levada a um barco. — Este é realmente o modo mais rápido de transporte que você tem?

— Sim. Entre.

É muito mais fácil de calça e botas do que com um vestido e saltos. O lobo pula ao meu lado e coloca sua grande cabeça no meu colo quando o barco começa a mover magicamente através da água. É uma noite quente, que eu não estava esperando. Tiro meu manto preto e o deixo ao meu lado. — O ar cheira diferente aqui — Eu digo. — Mais... seco do que no outro reino.

Fen levanta uma sobrancelha. — Você tem o nariz de um rastreador. Isso poderia ser útil. Estamos prestes a entrar na terra de Niam. O Príncipe da Ganância, como você irá conhecê-lo. É uma terra deserta que não oferece muito no caminho da exportação, mas administra todo o comércio do nosso reino.

— Então Niam é o cobrador de impostos? Ele deve ser popular.

Fen ri. — Você pode dizer isso. Ele também é o banqueiro. Tudo sobre dinheiro, esse é Niam.

Viajamos pelo reino dele, e embora estivesse escuro, posso distinguir o centro da cidade através das ondas de areia. É lindo à sua própria maneira, com uma catedral no centro feita de arenito e um

mercado repleto de cabines exibindo mercadorias. Agora elas estão fechadas, mas posso imaginar o tumulto de tudo.

Eu tenho tantas perguntas, mas estou exausta e cansada demais para perguntar agora. Fen está inclinado contra os travesseiros com os olhos fechados, mas posso dizer que ele está tão alerta como sempre. Será que esse homem alguma vez relaxa? Estou pensando que não.

Eu discretamente acaricio Barão, que se aconchega mais perto de mim, com o nariz cutucando minha mão em busca de mais carinho.

— Deve haver algo especial em você — diz Fen.

— Por causa do testamento do seu pai?

Ele abre os olhos para olhar para mim. — Não. Por causa do Barão. Ele nunca foi atraído por ninguém, além de mim. Eu o encontrei quando era um filhote. Caçadores das Terras Distantes haviam matado sua ninhada, mas ele sobreviveu por algum milagre, embora estivesse quase morto. Nosso curador disse que foi tocado por uma magia especial, mas que sua condição era grave. Eu cuidei dele, sem nunca sair do lado dele por quase duas semanas. Se ele gosta de você, o que é claro, deve haver algo especial em você.

— É por isso que você interveio com Dean? Porque seu lobo gosta de mim?

— Eu lhe disse por que fiz isso.

— Para me proteger? Eu não acho que seja toda a verdade. Dean tem bastante efeito sobre as mulheres, não é?

Fen grunhe. — Não apenas mulheres. Mas sim. Ele tem. É parte de seus encantos demoníacos.

— E quais são os seus encantos demoníacos? — Eu pergunto.

— Matar.

— Huh. Isso é menos encantador do que você imagina.

A paisagem muda ao nosso redor quando o deserto começa a se transformar em um clima mais tropical e exuberante. — Quem mora aqui? — Eu pergunto.

Há uma qualidade sensual neste reino que permeia as vistas, sons e cores. Do barco podemos ver o centro da cidade e, ao contrário do reino

de Niam, este lugar ainda está animado no meio da noite, as mulheres andam em trajes de banho dourados, prata e púrpura, com lenços finos, transparentes e coloridos envoltos em torno de seus corpos ágeis. Os homens estão vestidos de forma semelhante, com músculos volumosos oleados e brilhando sob as luzes. Música toca, uma batida rítmica profunda e muita dança, os movimentos quase sexuais, enquanto seus corpos se esfregam.

— Espere, me deixe adivinhar? Luxúria?

— Sim. E a fonte da maior parte do entretenimento em nosso reino. O de Dean é o reino mais inútil se você me perguntar.

O ar é perfumado com óleos e flores perfumadas, e eu inalo profundamente. — Eu não sei sobre isso. Há algo a ser dito sobre toque, amor, riso, entretenimento. Pelo menos para os humanos, essas coisas são importantes. Eles nos alimentam, alimentam nossa imaginação, acalmam nossas almas. Talvez o seu povo não seja diferente.

— Estas são todas distrações, para humanos ou demônios, não importa.

Ele fica em silêncio, braços cruzados sobre o peito, mas eu ainda tenho perguntas. — Como esses climas tão diferentes são mantidos?

Fen encolhe os ombros. — É a magia deste lugar. Poderia se perguntar o mesmo sobre o seu mundo, onde vocês têm montanhas cobertas de neve não muito longe das praias. A nossa é apenas mais compacta.

Estou começando a cochilar, mas o lobo me cutuca quando entramos em um novo reino. Fen está sentado agora, mais alerta do que antes.

— Está tudo bem?

Ele assente. — Apenas sendo cauteloso. Estamos no reino de Ace agora.

O reino dele é cheio de maravilhas. Embora seja no meio da noite, há pessoas em pé e com aparelhos que parecem complicados e impressionantes. Eles trabalham em lojas sob postes de iluminação gigantes e as casas parecem também ocupadas, com a fumaça saindo

das chaminés e janelas brilhando com a luz amarela. É como se todo o reino fosse a oficina de um grande inventor. Madeira, metal, pedra... tudo isso usado de maneiras que eu não poderia imaginar. Um dispositivo está transformando água em vapor para alimentar outro dispositivo que corta madeira.

— Qual é o pecado dele?

— Preguiça.

— Isso parece o oposto de preguiça.

— Ele é um pouco contraditório. Ace é brilhante. Ele também é preguiçoso, ou assim ele diz. Eu nunca testemunhei a preguiça. Mas ele afirma que, se você quer saber a maneira mais fácil, rápida e ideal de fazer alguma coisa, entregue-a a uma pessoa preguiçosa. Assim, ele inventa coisas para tornar a vida mais fácil para todos.

Há uma forte explosão à distância e um pilar de fogo e fumaça sobe para o céu. — O que foi isso?

— Uma invenção fracassada — diz Fen com afeição. — Se chegássemos mais perto, ouviríamos Ace xingando e amaldiçoando agora.

— Isto não é o que eu estava esperando que fosse o inferno — eu admito, recostando contra os meus travesseiros.

— Nunca é. Mas não deixe que as bugigangas bonitas enganem você, Princesa. Nós ainda somos demônios. Este ainda é um lugar perigoso. Especialmente para você agora.

Meu estômago ronca e a cabeça de Barão levanta, olhando em volta. — Eu percebi que não tenho certeza de quando eu comi pela última vez.

Fen senta e ajusta uma alavanca na lateral do barco, guiando-o em uma direção diferente. — Você vai aproveitar o reino de Zeb.

— Por que isso?

— Você vai ver em breve.

Quando dobramos uma curva, é como se tivéssemos ido para a Grécia. Uma montanha rochosa se projeta da costa e é pontilhada de casas e pavilhões. No topo está um castelo com uma arena aberta perto

dele. É uma cidade barulhenta, mesmo a esta hora da noite. As pessoas em todos os lugares estão bebendo, rindo, comendo e se entregando a prazeres carnavais. O barco vai em direção a um pequeno cais. Ao nosso redor estão outras pessoas em barcos, embora eles não parecem estar viajando e sim relaxando. Um casal fuma algo que cheira inebriante e empoeirado. Eles parecem *bem* relaxados. Outro casal está se beijando ao lado de uma cesta de piquenique e vinho. Parece que vampiros aproveitam a noite, mesmo quando eles têm o dia.

Fen salta para fora do barco e me oferece sua mão. É quente, forte e eu não quero soltar uma vez que estou fora. Ele também não parece querer, porque nos damos as mãos por vários segundos a mais do que o necessário antes que alguém esbarra em nós nas docas.

— Desculpe por isso! — O homem ri com seus amigos e bêbado, sai em busca de algo mais para entretê-lo.

— Acho que Zeb é o Príncipe da Gula?

— Ele é. E ele fornece a maior parte da comida para o nosso reino. Venha, vamos te alimentar e ir para casa.

Eu fico perto dele enquanto andamos pela cidade. Está lotada de pessoas bem vestidas que estão prontas para a festa. Fen parece saber para onde está indo e nos conduz por ruas sinuosas até a montanha, até que minhas pernas queimam e eu estou com mais fome do que nunca. Finalmente chegamos a uma taverna que não parece muito interessante, mas os cheiros que emanam dela fazem meu estômago roncar de novo.

Quando Fen entra, o barulho e a tagarelice do lugar diminuem e todos se voltam para olhar. Parece que o Príncipe da Guerra é reconhecível à vista.

Uma mulher com um avental amarrado em volta da cintura se aproxima de Fen, seus lábios pintados brilham e os olhos caem para admirar todos os aspectos de Fenris. — Meu Príncipe, é tão bom te ver. Como eu poderia servi-lo esta noite?

A mulher sequer olha para mim. Eu poderia muito bem ser invisível. Ela está olhando para o príncipe tão descaradamente que eu estou quase envergonhada por ela, exceto que ele não parece notar.

— Uma mesa para dois, Dora. E, por favor, avise meu irmão que estamos aqui.

Ela assente, cachos dourados caindo em seu rosto bronzeado. — Dois?

Fen coloca um braço em volta do meu ombro. O peso dele me desequilibra e eu endureço minhas costas para permanecer em pé. Barão fica entre as nossas pernas, parecendo desfrutar da nossa proximidade.

Dora franze a testa. — Claro. Deixe-me encontrar uma mesa para vocês.

— Uma mesa particular — diz Fen.

— Uma mesa particular, então.

Ela nos acompanha até a parte de trás da taverna e, enquanto desaparecemos nas sombras, o riso e as brincadeiras começam novamente. Nós acabamos em uma cabine removida da área de jantar principal, dobrada em um canto com luz de velas e nada mais. Eu deslizo para um lado e Fen senta do meu lado. Barão rasteja debaixo da mesa e se deita em cima de nossos pés.

— Eles têm cardápios ou...? — Eu não tenho ideia de como as tavernas demoníacas funcionam.

— Normalmente não. Vou pedir para você. — Estou prestes a protestar, mas ele levanta a mão. — Se estiver tudo bem?

— Uh, claro. Mas nada muito picante.

Dora volta com grandes canecas de líquido vermelho e coloca um diante de cada um de nós. — Vocês sabem o que vão querer?

— Dois falafels, uma salada grega, pão pita com hummus e um peito de frango para Barão.

Eu levanto uma sobancelha para ele. — Então não apenas parece com a Grécia? É uma réplica ou algo assim?

— Muitos de nossos alimentos e culturas são inspirados em seu mundo, misturados a novos elementos que são únicos para nós. É uma tecnologia que não podemos copiar. — Ele bebe sua bebida vermelha. — Meu povo vem de outro mundo inteiramente, mas fomos expulsos e banidos para cá. Nós trabalhamos duro para criar um novo tipo de

mundo, em que somos tão livres quanto podemos estar sob as restrições das maldições colocadas sobre nós.

— Todo mundo aqui é um vampiro? — Eu pergunto.

— Não. Mas muitos são. Alguns podem parecer mais monstruosos por causa de seus encantos particulares.

— Como o demônio da masmorra — eu digo.

— Como ele, sim. Há também uma população pesada de Fae aqui. Muitos são Shades... sangue misturado, o subproduto de uma união entre Fae e vampiro.

— Não são Shades como espíritos ou fantasmas?

Ele encolhe os ombros. — Sangues misturados têm algumas liberdades, por causa de seu sangue de vampiro, mas eles ainda estão sob muitas restrições, particularmente no que diz respeito ao uso de magia. Eles têm poucos direitos. Eles vivem no inferno. O que são eles, senão Shades? — Ele bebe novamente. — Então há Fae completos, Forasteiros que são escravos dos mestres de vampiro.

— Isto é terrível.

— É melhor que a alternativa — ele diz, enquanto toma um gole de seu copo.

— Qual é a alternativa?

— Execução.

Eu cheiro minha bebida. É doce, então eu tomo um gole. Uma cascata de sabores passa sobre minha língua, em primeiro lugar, depois um pouco picante, depois azedo. O gosto depois retorna ao doce, e sinto uma leveza instantânea em meu corpo enquanto meu sangue se aquece. — Isso é alcoólico?

Ele sorri. — Não do jeito que você está pensando, mas vai ter um efeito semelhante. Beba com cautela.

É tão bom que não posso deixar de tomar outro gole. Dora nos traz comida e parece tão boa quanto cheira. Eu pego, comendo vorazmente. Eu não percebi o quanto estava realmente com fome até agora.

— Parece que estamos fazendo você passar fome — diz Fen.

— Eu não comi muito desde que minha mãe ficou doente — eu digo entre mordidas. — Parece que meu apetite está vindo de volta com uma vingança.

Eu como tudo no meu prato e, em seguida, termino o falafel de Fen, antes de finalmente ficar satisfeita. Dora traz um prato de bolinhos de massa frita mergulhados em xarope de mel e canela.

— Estes são *loukoumades* — diz Fen, pegando um e colocando-o na boca. — Você vai gostar disso.

Ele está certo. Os doces e saborosos deleites praticamente derretem na minha boca e eu os devoro rapidamente.

Enquanto lambo o último mel dos meus dedos, um homem se aproxima de nós, e Fen se levanta para cumprimentá-lo. Barão muda para os meus pés, um grunhido muito baixo.

— Fen! É bom ver você. E você trouxe a garota. Oh meu Deus!

Eu fico de pé, esperando ter tirado todo o mel dos meus dedos, e aperto as mãos do homem. Ele não é tão alto quanto Fen, mas é muito bonito de uma forma mais suave. Ele tem grandes olhos castanhos, cabelos escuros que caem de sua cabeça e um rosto gentil.

— É um prazer conhecer você — eu digo.

— E eu, você — ele diz, cobrindo minha mão com a sua enquanto agitamos. — Você é mais bonita do que Asher indicou. Acho que ele estava tentando manter você para ele.

Eu bufo. — Eu tenho certeza que eu o irrita muito para isso.

Zeb se senta com a gente, voltando-se para Fen. — Eu tenho informações sobre o assunto que discutimos. — Sua voz é tranquila, e ele olha para mim.

— Você pode falar na frente dela — diz Fen. — Afinal, ela será a Rainha um dia.

Zeb assente. — Eu fiz meus alquimistas investigarem o veneno encontrado no quarto do nosso pai. É, bem... não é um veneno. — Os olhos de Fen se arregalam e Zeb continua, sua voz ficando mais animada. — Alguém enfraqueceu nosso pai, depois o mataram.

— Não houve ferimentos — diz Fen.

— Nenhum que tenhamos notado. Se reexaminarmos o corpo, talvez encontremos um pequeno corte. Talvez eles usaram uma pequena arma semelhante a uma agulha ou...

— Você faria nosso pai ser escavado do túmulo?

Zeb encolhe os ombros. — Eu consideraria isso. Ace está interessado na ideia. Você não quer descobrir o que aconteceu?

Fen olha para baixo e suspira. — Nós vamos ter que levar isso perante os outros.

— Ace e eu já estamos elaborando a proposta — diz Zeb, sorrindo. Ele aperta o irmão no ombro.

Fen dá de ombros e sinaliza para o lobo ficar ao lado dele. — Temos que ir, Zeb. Mas a refeição foi ótima, como sempre.

Zeb franze a testa. — Tão cedo? Eu esperava que você ficasse para beber. Talvez mais sobremesa depois.

Fen balança a cabeça. — Eu preciso levá-la para meu castelo para que eu possa voltar ao trabalho.

— Certo. Vamos descobrir quem fez isso, sabe. Eles vão pagar.

Fen acena, e deixamos a taberna. Eu não faço a pergunta que está queimando em mim até estarmos de volta ao barco. — Por que você não contou a ele que suspeitava de um dos príncipes?

O barco começa a deslizar pela água e Fen fica alerta e concentrado até que estamos longe da cidade. Parece que os canais têm caminhos diferentes dependendo de para onde você está indo: caminhos diretos se movem rapidamente pelos reinos e caminhos laterais para viajar dentro deles. Estamos de volta a um caminho direto quando Fenris finalmente me responde.

— Até que eu saiba em quem confiar, tenho que ser cuidadoso. Você também deveria. Eu planejo descobrir a verdade antes que o nosso mês acabe, então você não acabará nas mãos erradas, mas se eu falhar, não diga a qualquer um deles o que você descobriu, isso só a colocará em maior perigo.

A bebida vermelha que tivemos está me deixando sonolenta, e apesar dos meus melhores esforços para ficar acordada, o sono me

chama a atenção. Quando acordo, estamos desacelerando, já tendo chegado ao reino de Fen. O sol está nascendo sobre as montanhas, um grande globo de ouro no céu que parece não fazer muito para aquecer a terra em que estamos agora. Eu não tinha notado que quanto mais nós viajávamos, mais frio ficava, mas agora eu estou tremendo e Fen me entrega a minha capa.

— É sempre tão frio aqui?

— Não, temos quatro estações. Este é o começo do inverno. Ainda não vimos o frio. Mas está chegando.

— Então é quando o inferno congela?

O olhar que ele me dá é mais engraçado do que a minha piada e eu não posso deixar de rir. Ele permanece estoico e o cutuco com o pé.

— Oh, vamos lá, você sabe que foi engraçado. Relaxe.

— Eu sou o Príncipe da Guerra. Eu não “relaxo”.

Nós saímos do barco e subimos um caminho sinuoso de pedra esculpido com glifos que lembram a marca no pulso de Fen. Árvores escuras pairam sobre nós e algo se embaralha nos arbustos. Um esquilo fugiu da escuridão, bochechas cheias de comida. Eu digo olá para o bicho aos meus pés. Fen resmunga algo sobre “esquilos” e “apenas carne”. Barão lambe os lábios. Em um segundo, o esquilo desaparece em um arbusto, deixando para trás pequenas marcas na neve. Eu rio, um raio de sol da manhã iluminando meu rosto e seguimos em frente. A floresta começa a se separar, deixando mais luz fluir nos degraus. Chegamos a um portão alto de madeira, um sentinela de cada lado, revestido de aço prateado, empunhando lanças, seus rostos cobertos por um capuz branco. Grandes árvores se arqueiam sobre a entrada para formar um caminho sombreado além das muralhas. Quando Barão sobe e arranha o portão, os guardas o abrem para nós.

A cidade além das muralhas está acordando. Há um aroma de bolos e pães recém assados no ar, e os sons das lojas se abrindo e as pessoas se cumprimentando. O castelo está distante, além da cidade, uma extensão afiada e irregular das montanhas que circundam a área, formando três das quatro paredes da fortaleza. As cachoeiras caem pelos

lados dos picos, juntando-se em lagoas e lagos que se alinham nos arredores. Eu os ouço antes de vê-los, sentindo seu profundo estrondo. Eles dão ao ar um ar limpo e fresco. Nós caminhamos sob as árvores que se estendem sobre nós, e quando o sol bate na casca, algo chama minha atenção. Eu ando em direção a uma das árvores e corro minha mão sobre ela. O tronco da árvore, de todas as árvores, é embelezado com cristais de todas as formas e cores. Minha mão pousa em um cristal particular que pulsa com sua própria luz, como uma estrela explodindo em chamas, o quartzo opaco.

— Nós chamamos isso de Cristal Estrela-Cadente — diz Fen atrás de mim. — Muitos desses cristais também podem ser encontrados em seu mundo, mas esse é único para o nosso. Dizem que ele traz um grande poder para aqueles que sabem como manejá-lo, e podem trazer grande poder para aquele que o tem. Alguns dizem também que é o olho conhecedor da verdade, vendo através das mentiras.

— É adorável. Você acredita que é tão poderoso?

Ele encolhe os ombros. — Eu não me considero um especialista em tais coisas.

— Fen aqui é mais o tipo de cara de aço e músculos, — uma voz de mulher diz.

Eu me viro e encontro uma mulher alta, magra e graciosa que liga os braços a Fen. Ela é impressionante, com longos cabelos azuis, olhos prateados que são quase como um gato e... orelhas pontudas.

Ela limpa a mão suja no avental de couro e estende para mim. — Eu sou Kayla, a irmã desse imbecil. Você deve ser Arianna.

Irmã? Eu aperto a mão dela, surpresa com a força em alguém tão pequeno. — Sim. É bom conhecê-la.

Eu tento não olhar para as orelhas, mas claramente eu estou falhando, porque ela ri e toca a ponta de uma. — Eu sou metade Fae — diz ela, a título de explicação. — Nosso pai teve um namorico com um de seus escravos. Minha mãe.

Eu aceno com a cabeça, fingindo entender.

Fen coloca o braço em torno de sua irmã e sorri. — Kayla é a melhor ferreira do reino e nossa ferreira real oficial em Stonehill — explica Fen. — Espadas, facas, até joias. Ela é a melhor em todos os reinos.

— Que fascinante — eu digo. — Eu adoraria ver o que você faz em algum momento, se você não se importar.

— De modo nenhum — Kayla puxa sua longa trança azul, seus olhos se enrugando com genuína felicidade. Ela aponta para um prédio não muito longe de nós, onde a fumaça negra se ergue. — Aquela é a minha forja. Pare por lá a qualquer momento.

Kayla vira para Fen, seu sorriso escorregando. — Eu vim para avisar que precisamos de um suprimento maior de aço se você quiser tantas espadas preparadas tão rapidamente. Estou ficando sem estoque.

Fen assente. — Vou cuidar disso, você terá o que precisa.

— Bom o suficiente. — Kayla se afasta de nós, acenando enquanto volta para sua forja.

— Então, se você é um príncipe, isso a torna...

— Uma princesa? Não. Ela é uma bastarda. Uma Shade. Tudo o que ela tem nesta vida, ela teve que trabalhar para ganhar. — Seus olhos escurecem. — Meu pai... meu pai não a tratou gentilmente.

Eu pego seu braço, na esperança de animá-lo. — Mostre-me mais da sua cidade.

Fen nos conduz pelos caminhos da montanha. Muitos donos de lojas e pessoas nos cumprimentam, mas Fen está tão perdido em seus próprios pensamentos, que ele os ignora. Eu franzo a testa, vendo como eles se afastam dele, desapontados. Fen precisa trabalhar nas habilidades pessoais.

Chegamos a uma ponte levadiça que atravessa uma corrente de água feita pelas muitas cachoeiras e cruzamos a entrada do castelo. De perto, é ainda mais bonito, de uma maneira feroz e desafiadora.

— Este é o Castelo de Stonehill — diz Fen, com uma expressão de orgulho em sua voz. — Sua casa pelo próximo mês.

Eu assinto, olhando para o castelo, então eu me viro para ele, uma pergunta em minha mente de sua conversa com Kayla. — Fen, por que você precisa de tantas espadas tão rapidamente?

— Porque a guerra está chegando, e é meu trabalho estar pronto.

A woman with long dark hair, wearing a long red cloak over a white dress, stands in a snowy, misty forest. To her right, a white wolf is partially visible. The background is a soft-focus winter scene with snow-covered trees and a light blue sky.

Capítulo 7

CASTELO DE STONEHILL

Fenris Vane

“Fen aqui é mais o tipo de cara de aço e músculos”.

— Kayla Windhelm

Caminho para frente e abro as grandes portas. Um rastro de neve e vento nos segue, e fecho as portas atrás de nós para preservar um pouco de calor. Mas essas paredes de pedra permanecem frias e não vamos nos aquecer até chegarmos aos aposentos internos.

— É tarde — digo. — Você provavelmente vai querer dormir. Eu vou te mostrar o seu quarto. De manhã, vou te dar uma turnê se você quiser.

— Na verdade, gostaria da turnê agora — diz Arianna. — Eu preciso saber o caminho se eu for morar aqui.

Eu grunho.

— A menos que você esteja cansado demais...

— Eu nunca estou cansado. — Eu digo.

Ela joga uma trança escura por cima do ombro e vira a cabeça para olhar para mim, seus lábios tão vermelhos, tão brilhantes. — Então me mostre, Príncipe.

Ela anda para a frente, descendo o grande salão coberto com faixas vermelhas, meu brasão, o lobo branco, sobre eles. Ela começa a saltitar, e eu me pergunto como ela pode ser tão despreocupada, com tudo o que aconteceu.

Quem é essa garota?

Quando fui designado para protegê-la, fiz minha pesquisa, descobri sobre sua infância e sua escolaridade. Achei que a conhecia, mas agora vejo que não sabia absolutamente nada. Há algo diferente nela. O sentimento de perigo tem zumbido no meu sangue desde que ela entrou na minha vida. É uma distração que não preciso e não deveria ter, mas ela é parte do quebra-cabeça, e por isso deve ser protegida. Até de mim mesmo, se for preciso.

— Vamos lá, seu lento — diz Arianna.

Eu ando para frente devagar. Vivi tempo suficiente para saber como dizer não às tentações, mas há algo em Arianna que ultrapassa minhas paredes, e isso não é seguro para nenhum de nós.

Barão cutuca contra a perna dela, fazendo olhos de cachorrinho. Até meu lobo traidor sente a diferença nela. Eu me pergunto, ele se viraria contra mim para protegê-la?

— Aqui. — Eu movimento para uma porta à esquerda. — Isso leva à ala oeste. Lá você encontrará as cozinhas e depósitos. Na ala leste, você encontrará os quartos dos empregados.

— E este é o seu trono? — Arianna sobe os poucos degraus no final do corredor e senta-se na cadeira, uma coisa enorme esculpida em pedra cinza, uma faixa vermelha pendurada nas costas. — Chique.

Há apenas alguns servos acordados a esta hora, mas todos congelam e olham para a princesa. Ela não parece notar, ou talvez simplesmente não se importe.

— É a minha parte menos favorita do castelo — eu digo, caminhando até ela. — Mas é útil quando alguém precisa parecer poderoso, quando é preciso impor as leis da terra.

Ela engole em seco, o sorriso escapando de seus lábios. Eu não posso me arrepender de intervir quando Dean jogou seus feitiços nela. Mas foi tolo, no entanto. Eu tenho uma investigação para montar, um assassino para capturar e um reino para salvar da beira da guerra. Eu não tenho tempo para isso.

— Mostre-me sua parte favorita — diz ela.

Apesar de mim mesmo, sorrio e guio-a para o centro do salão, sob o arco de madeira. Quando passamos, ela olha para cima. — É uma árvore — diz ela, colocando uma mão na casca.

Eu a conduzo para o lado, subindo uma escada que serpenteia ao redor do tronco e passa por galhos. Diferentes caminhos surgem a nossa volta, levando a diferentes salas e níveis. — Esta árvore cresce através do centro do castelo — eu digo, apontando para as folhas brilhando com a luz amarela. — Esta é a minha parte favorita.

Ela fica parada, boquiaberta.

— Eu sei que não é o que as pessoas esperam quando ouvem Príncipe da Guerra, mas...

— É incrível — ela diz.

Eu sorrio, feliz que ela esteja satisfeita com o lugar que será sua casa por um mês. Talvez até mais...

Não. Eu não vou pensar nisso.

Meus lábios se contorcem e ela sorri. Inocente. Bela. Como se tivéssemos compartilhado um segredo que ninguém mais sabe.

Mas eu sou o único com segredos.

E ela nunca poderá conhecê-los.

Eu me afasto. — Você pensaria, do lado de fora olhando para dentro, que o interior seria escuro e sombrio, mas eu tenho janelas esculpidas em tijolos por toda parte. Alguns claros, alguns vitrais, que dão luz e iluminam os cantos e fendas.

Ela olha em volta pensativa, uma pequena carranca no rosto. Eu quebrei o momento entre nós, mas é como as coisas devem ser.

Ela me segue com passos leves em um caminho para o segundo nível. Eu posso sentir o cheiro dela, e é um cheiro difícil de resistir. Doce e picante, assim como ela.

Paramos em frente a uma porta de madeira esculpida com águias. — Este é o seu quarto. Mande a sua equipe prepará-lo para você, então ele deve ter tudo o que você precisa. Mas se não, as mulheres que te servem ocupam os quartos lá embaixo, e você pode chamá-las com um sino perto da sua cama. Elas podem conseguir qualquer coisa que você precise para tornar a sua estadia mais confortável.

— Onde você dorme? — ela pergunta. Seus olhos parecem cavar em minha alma, abrindo-a.

— Eu estou no quarto ali no corredor. — Eu aponto para outra porta, esta decorada com um lobo. — Se você precisar de alguma coisa.

— Ok. Obrigada. Eu acho que vou te ver de manhã. — Sua mão descansa na maçaneta da porta, e ela me olha interrogativamente.

— Você precisa de algo mais, Arianna?

— Apenas Ari. E, na verdade sim. Eu tenho dois favores para pedir.

— E eles seriam?

Seus olhos disparam dos meus para suas mãos enquanto ela mexe com o anel de arenito azul que ela sempre usa. — Eu gostaria de uma espada.

Não era o que eu estava esperando. — Você sabe como usar uma?

Ela balança a cabeça. — Não, e esse é o meu segundo favor. Eu quero que você me ensine.

O fogo no meu quarto já está aceso quando eu entro, e fico na frente da minha cama. Não tenho certeza se estou pronto para dormir,

embora seja tarde e não tenha dormido em três dias. É um mito que meu tipo não precisa dormir. Nós só precisamos menos e por razões diferentes.

Adriana não me deixou sair até que eu promettesse fazer o que ela pediu. Não tenho tempo para ser professor de uma novata, embora deva admitir que seu desejo de aprender seja encorajador. E talvez ajude a mantê-la segura.

Barão entra na sala atrás de mim. — Ela finalmente te disse para ir? — Eu pergunto.

O lobo deita na frente da lareira, com algo parecido com um sorriso no rosto. Ari tinha tentado empurrá-lo em minha direção sem sucesso alguns minutos atrás. Ela agiu arrependida sobre isso, mas eu vi o sorriso dela.

— Sabe — eu digo, — eu me sentiria muito melhor sobre a coisa toda se você apenas rosnasse para ela como você faz com todo mundo.

Ele suspira. Então ronca.

Eu tiro minhas roupas e vou para o banheiro. Como não podemos usar a tecnologia moderna, tivemos que encontrar maneiras criativas de fazer magia funcionar para nós. Meu banheiro inclui uma banheira que se enche de água doce e se aquece usando magia. O banheiro é simples, um projeto antigo que drena resíduos em um sistema de esgoto. A pia usa a água das montanhas. O chuveiro é a melhor coisa que meu irmão, Ace, já inventou. Ao lado de uma grande janela com vista para as montanhas, brota uma pequena nascente da parede. Magia aquece os canos construídos no castelo. Eu piso na pedra e deixo a água correr por cima de mim, batendo nos meus músculos cansados até me sentir limpo e mais relaxado. Quando saio do banheiro, Ari está lá, sentada à pequena mesa junto à lareira. Ela fica de pé, com os olhos arregalados quando me vê ali parado nu, segurando minha toalha. — Oh, droga, eu sinto muito. Eu só estava... eu pensei em esperar... eu não...

Ela não consegue terminar suas frases, mas ela não está desviando seus olhos também. Eu não me incomodo. Nós não somos criaturas modestas por natureza, e eu certamente não tenho nada a esconder.

Eu não tenho certeza do que estou esperando dela. Um recuo recatado de seus olhos? Um rubor? Eu não faço nada disso. Em vez disso, ela toma seu tempo olhando para mim, e então sorri. — Parece justo, considerando que você me viu nua enquanto eu estava inconsciente.

— Se estamos sendo justos, eu também tive que tocar em você. — Eu quero ver até onde ela vai levar isso. Mas percebo que não estou preparado para ela andar até mim e colocar as mãos pequenas no meu peito. Seu corpo está tão perto, mas não está tocando o meu. Meus músculos se flexionam enquanto eu resisto ao impulso de agarrá-la e puxá-la para mais perto, forçando meus dentes em seu pescoço e sentindo sua vida pulsar em mim. Há tantas coisas que eu adoraria fazer com essa criatura inocente parada diante de mim, mas em vez disso, eu respiro e espero ver o que ela faz a seguir.

Suas mãos deslizam sobre meu peito, sentindo o caminho através dos meus músculos, até o meu abdômen. Ela para nos meus quadris e eu quase gemo. Meu corpo está deixando meus sentimentos claros, mas não consigo ler seu rosto.

O ar entre nós é denso com o desejo não satisfeito, mas, em vez de ceder, ela se afasta. — Eu suponho que você não tenha me acariciado quando me trocou, não é?

Há um desafio em seus assustadores olhos verdes. — Não, eu não acariciei — Minha voz é espessa, mais profunda que o normal.

— Então estamos quites.

Ela volta para a mesa e afunda na cadeira. Estou quase tremendo de necessidade, mas empurro-a e pego minhas calças, puxando-as o mais rápido que posso, apesar de seu desconforto no momento.

— Posso perguntar por que você está aqui, no meu quarto, no meio da noite?

Pela primeira vez desde que a encontrei aqui, ela abaixa os olhos, como se estivesse envergonhada. — Você vai pensar que é estúpido.

Eu pego uma garrafa de conhaque que guardo para ocasiões emocionais de emergência, e sirvo uma bebida para cada um, depois me sento em frente a ela. — Experimente — eu digo, tomando a bebida.

Há uma hesitação em sua voz quando ela fala, e isso quase me quebra.

— Duas vezes agora alguém tentou me sequestrar ou me matar. No meu mundo e agora aqui. Eu... eu nunca fui atacada antes, nunca me senti insegura em toda a minha vida, senti fome, fiquei sem dinheiro, até mesmo assustada, mas era a pobreza que era o inimigo, não vilões reais de carne e osso. Sempre achei que era forte, que eu poderia lidar com qualquer coisa, mas estou começando a pensar que estava errada. — Ela olha para cima agora, direto para os meus olhos. — Fen, estou com medo. Estou com medo de ficar sozinha. Sei que isso me deixa pateticamente fraca, mas é verdade. Não consigo dormir. Não consigo nem fechar meus olhos porque continuo vendo esses monstros sem rosto me atacando. — Uma única lágrima cai de um olho para sua bochecha.

Eu ignoro minhas próprias advertências e levanto um dedo em sua mandíbula para enxugar a lágrima. — Você está segura aqui. Eu vou te proteger.

Barão já está a seus pés, mas ele levanta a cabeça e coloca no colo dela. — Aparentemente, ele também — Eu digo.

Ela funga, sorri e endireita a coluna. — Obrigada. Desculpe ficar toda chorosa com você na primeira noite. Tenho certeza de que princesas e rainhas não deveriam fazer coisas assim.

Eu dou de ombros. — Eu não tenho ideia. Nós não tivemos nada disso desde que nossa mãe foi morta muitos, muitos anos atrás.

Ela inclina a cabeça. — Você teve uma mãe?

Eu rio. — Eu não apareci espontaneamente, se é isso que você quer dizer.

— Acho que não sei o que quero dizer. — Ela gira uma mecha solta de cabelo em seus dedos enquanto fala. — Você é um demônio. Eu não imaginei demônios procriando e nascendo no mundo. Eu suponho que eu imaginei mais como um Ser – como Deus – criando todos vocês. Como anjos caídos e todas as coisas bíblicas que aprendi quando criança.

— Suas “coisas bíblicas” são mais como mitos e verdades parciais baseadas em alguma semelhança do que aconteceu. Vagamente. Há

muito tempo, fazíamos parte de outro mundo, como eu mencionei anteriormente, nosso povo estava unificado, mas o rei daquele reino começou a fazer escolhas que seu irmão não concordou, eles lutaram, e o irmão perdeu e foi expulso, junto com todos os outros que apoiaram a revolta. Foi quando a nossa espécie veio aqui para este mundo. Mas o rei não parou no exílio. Ele amaldiçoou todos eles e seus ancestrais, para que nos tornássemos os demônios que somos agora. Vampiros, movidos pelo desejo de sangue, precisando de humanos para sobreviver, mas com uma fraqueza fatal no mundo humano. Foi a vingança final do rei para o que ele viu como traição. — É estranho falar com alguém do outro mundo, mas logo ela fará o Juramento de Sangue e se tornará uma de nós. Eu odeio imaginar isso, imaginá-la amaldiçoada com a nossa sede, com nossas fraquezas, com nossa condenação, apenas para salvar sua mãe.

Ela boceja e suas pálpebras se fecham.

Eu percebo que ela deve estar exausta. Estou prestes a sugerir que ela vá para seu quarto dormir um pouco, mas eu lembro que ela disse que não conseguiu dormir. E então eu faço minha segunda coisa insensata da noite. Eu ofereço deixá-la dormir no meu quarto.

Comigo.

Eu espero que ela recuse. Talvez uma parte de mim até torça para que ela faça isso. Mas ela não faz. Em vez disso, ela se arrasta até a minha cama grande e fica de lado, como se pertencesse ali. Ela dá um tapinha no outro lado. — Eu não vou tirar você da sua cama. Dormimos juntos uma vez, tecnicamente. Nós podemos fazer isso de novo.

Barão pula na cama e ela coça atrás da orelha dele. — Além disso, eu acho que ele vai lutar se você tentar algo enquanto eu durmo.

Eu meio que espero que ela esteja certa sobre isso. Fico feliz que Barão esteja cuidando dela, porque, embora eu tenha jurado protegê-la, talvez nem sempre eu esteja por perto.

Normalmente durmo nu, mas esta noite mantenho minhas calças e deslizo por baixo das cobertas. Embora seja uma cama grande, ela não está no limite. Eu posso senti-la contra mim, sua forma curvando-se para mais perto de mim enquanto ela se acomoda para dormir.

Eu deito lá por uma hora ou mais antes da respiração dela finalmente estabilizar, e eu sei que ela está adormecida. Mesmo assim, não consigo acompanhar facilmente. Tenho muita tentação em tocá-la, abraçá-la, e tê-la tão perto, mas não perto o suficiente, é um tipo de tortura doce que eu não estou acostumado.

Em algum ponto, no entanto, meu corpo assume o controle e eu finalmente durmo.

Meu braço está ao redor dela, e seu corpo está pressionado contra o meu quando eu desperto excitado e com sede. Minha boca está em sua garganta, sua veia pulsando sob a pele pálida e delicada. Seria tão fácil afundar meus dentes nela. E é tão difícil soltá-la e sair da cama. Eu me permiti dormir muito tempo e agora estou atrasado.

Uso o banheiro e me visto para o dia. Enquanto pego minhas botas, Ari se senta na cama. — Que horas são? — Ela pergunta.

— Bem depois do amanhecer — digo a ela. Eu sei que ela quer uma hora e um minuto, como em seu mundo, mas nós não seguimos o tempo da mesma maneira.

Ela sai da cama e se alonga. — Obrigada por me deixar ficar aqui ontem à noite.

Barão, que dormiu ao seu lado a noite toda, sai da cama e anda pela sala. Ele precisa sair para correr, caçar. E eu preciso me alimentar. Já faz tempo demais e posso sentir a sede de sangue crescendo em mim. Dormir com Arianna só piorou a situação.

— Não foi um problema — eu digo. Uma pequena mentira. — Vista-se e vamos comer. Então eu tenho trabalho a fazer. Em alguns dias, preciso voltar para o Castelo Principal.

Ela franze as minhas palavras. — Por quê?

— Eu preciso continuar a investigação sobre a morte do meu pai.

— Não esqueça que você também prometeu me ensinar como lutar com espadas.

— Eu não esqueci — eu digo. — Quando eu não puder estar com você, vou deixar Barão e dois guardas para ter certeza de que estará segura.

Ela assente e sai do quarto, e o espaço parece vazio demais sem ela.

Enquanto ela está se trocando, levo Barão para o bosque fora da cidade. Preciso perseguir alguma coisa, capturar a presa e drenar seu sangue. Eu preciso me alimentar antes que meus desejos me dominem. Eu não posso permitir qualquer fraqueza enquanto Arianna está aqui. Até que ela vá embora para sempre, devo permanecer no controle.

O sol está alto no céu e o ar é frio, mas não está frio. Ainda temos uma quinzena, pelo menos, antes que a parte mais fria do inverno se estabeleça. — Pronto para caçar, garoto?

Barão ergue a cabeça para o céu e uiva. Eu sou mais rápido que o meu lobo, mas vou a passos largos para continuar andando com ele. É melhor correr com ele do que sozinho. O sangue bombeia através do meu corpo, revigorando os meus sentidos. Tudo ao meu redor está aumentado. O cheiro da neve persistente no chão, os galhos quebrando sob os pés, os insetos enxameando fundo de arbustos e cascas de árvores, as criaturas correndo entre árvores e arbustos para sair do caminho dos predadores que eles sentem chegando ao mundo deles.

Há pequenas criaturas que poderíamos caçar, mas eu preciso de algo maior. Algo que vai lutar. Então vamos mais fundo na floresta, correndo tão rápido, até agora, que não consigo mais ver Stonehill. É então que eu sinto o cheiro do que estou procurando. Um urso negro.

Barão se afasta, incerto, mas ele sabe que vou cuidar de sua retaguarda, então ele segue. Eu corro através das árvores até ver o urso emergir de uma caverna. Não deveria estar tão perto da aldeia. É um risco para o meu povo. Estas são as minhas justificativas, enquanto me atiro na besta, dentes estendidos, poder se agitando, e acabo com sua vida.

Depois que meu desejo de sangue é extinto, tão extinto como ele pode ser com sangue animal e não humano, eu me sento em uma pedra

ao sol, enquanto Barão caça uma presa menor. Ele está contente com o coelho de café da manhã, e depois voltamos para Stonehill.

Ari já está sentada à mesa de jantar quando chegamos. Barão corre para se deitar a seus pés, e ela acaricia sua cabeça com afeição. Eu me sento em frente a ela.

Ela está vestida para um dia de treinamento de calça e uma túnica. Seu cabelo está puxado para trás.

Quando eu estou sentado, Olga, a cozinheira, traz pratos para nós dois. Ela está ao meu serviço há muitos anos e conhece a rotina desta casa instintivamente. Embora ela pareça estar em seus 30 e poucos anos, ela é na verdade uma Fae imortal. Suas orelhas pontiagudas atestam isso, que no momento estão destacadas sobre o cabelo branco puxado para trás em um coque.

— Obrigada, Olga — diz Ari. — Isso parece delicioso.

Olga sorri. — De nada. Eu acrescentei um bolinho de maçã extra, já que você parece gostar tanto disso.

Quando Ari sorri, seu rosto inteiro se ilumina. — Maravilhoso. Mal posso esperar para aprender como se prepara.

Olga dá um tapinha na mão dela. — Não que você precise, Sua Alteza.

Quando Olga sai, eu olho para a garota na minha frente. — O que foi aquilo?

Ela dá de ombros, colocando o mingau e o bolinho de maçã em sua boca e tomando seu tempo para mastigar antes de responder. — Eu fiquei entediada esperando por você, então me apresentei para a equipe da cozinha e me ofereci para ajudar. Na verdade, tive que insistir, pois eles não me deixaram. Eu tenho medo de criar um escândalo, mas planejo repetir a experiência. — Ela levanta uma colher com mais bolinho de maçã. — Eu preciso aprender como fazer isso. É incrível.

Eu balanço minha cabeça enquanto como minha própria colherada. É estranho ver alguém classificado tão alto ter um interesse tão pessoal nos criados. Ela definitivamente não se comporta como a realeza aqui está acostumada.

— Eu estou sentindo que você estará criando alguns escândalos enquanto estiver aqui.

Ela sorri. — Pode ter certeza.

Eu a levo para a arena de treinamento depois do café da manhã e entrego a ela uma espada de madeira. — Começamos com isso.

Ela franze a testa para ele. — Sério? Eu não sou criança. Isso parece um brinquedo.

Há outros aqui treinando. Alguns são meus soldados que permanecem em formação de batalha. Outros são crianças apenas aprendendo a usar a espada. Eu assobio para um dos soldados. — Mario, venha aqui.

Mario corre. Ele é da minha altura, com um volume um pouco menor, mas é forte e bem treinado. Eu o treinei, então eu deveria saber. Eu atiro-lhe uma espada de madeira e pego outra. — A Princesa aqui acha que estes são brinquedos. Se importa em me ajudar a demonstrar o que elas podem fazer?

Mario sorri. — Sim, senhor.

Eu não me contenho. Muito. Se eu colocasse todo o meu poder na luta, quebraria ambas as espadas e provavelmente Mario também. Ele se joga na luta, no entanto. Ari assiste com os olhos arregalados enquanto nos circulamos na arena, parando golpes e tentando acertar um ao outro. Alguns outros param para assistir, então fazemos um show. No final, eu desarmo Mario e prendo-o ao chão com minha espada.

Eu olho para o Ari. — Se eu estivesse tentando machucá-lo, poderia matá-lo com essa coisa que você chama de brinquedo. Isso não mataria tão fácil ou tão rápido quanto uma de metal, o que é o ponto. Até

você aprender controle e técnica, não posso deixar que você use uma espada de aço afiada. Mas quando estiver pronta, teremos uma feita para você.

Seus olhos se iluminam com isso. — Ok, eu entendi. Me ensine.

Eu aceno para Mario. — Escolha um dos seus melhores homens. Estou colocando você e ele como guarda no momento, até que a ameaça à vida da princesa passe.

Mario assente com força, poupando um olhar para Arianna, que está estudando as espadas. — Sim, senhor. Nós não vamos deixar nenhum dano acontecer à Princesa.

Um grunhido baixo se forma na minha garganta. — Espero que não.

Ele é dispensado, e eu começo a treinar Ari.

Nós nos movemos através de posições básicas, ataques e defesas. Eu mostro a ela a maneira correta de segurar uma espada. Ela aprende rápido.

— Amplie sua postura — eu digo.

Ela faz.

— Gire seu torso quando bater. Não. Assim. — Eu fico atrás dela e coloco minhas mãos em seus quadris. Eu torço para trás, depois para frente.

Ela sorri, suas bochechas vermelhas. — Eu acho que eu entendi. Como você...

— Sua Alteza — alguém grita. Um garoto de mais ou menos dez anos. Ele mal consegue falar quando se aproxima de mim, tão ofegante que está. — Eu... eu tenho uma mensagem... eu...

— Acalme-se, garoto. As palavras não virão se compartilhar espaço com tanto ar.

Ele assente, respira fundo algumas vezes, e fala novamente. — Senhor, você é necessário na serralheria sul. Uma das engenhocas de Príncipe Ace não funcionou. Um homem ficou ferido. O resto está se recusando a trabalhar.

— Maldição. Henrick não consegue lidar com isso?

O menino balança a cabeça. — Henrick foi quem que se machucou, senhor.

— Tudo bem. Diga no estábulo para preparar meu cavalo. Eu estarei lá em breve.

— Dois cavalos — Ari diz ao meu lado. — Diga ao mestre do estábulo para preparar dois cavalos por favor, uh, não peguei seu nome?

O menino olha para Arianna e suas bochechas coram. Ele gagueja mais do que antes. — Hum. Meu nome? É, uh. John. Meu nome é John, Sua, er, Majestade Alteza.

Ari estende a mão para ele. — Oi John, eu sou Ari. Muito obrigada por correr até aqui para entregar esta mensagem. Você fez um bom trabalho. Depois de falar com o dono do estábulo, vá até a cozinha e diga a Olga que você pode tomar chá e biscoitos antes de ser enviado de volta, ok?

Eu levanto uma sobrancelha para Ari, mas não a contradigo, pelo menos não na frente de todos que estão observando.

John olha para mim, sem saber como proceder com ordens tão estranhas. Eu apenas aceno.

— Faça como a princesa diz, rapaz. E seja rápido sobre isso.

Ele assente, seu rosto com um sorriso, e corre para os estábulos.

Eu me viro para Ari. — O que foi aquilo?

Ela coloca a mão no meu braço. — Você pega mais moscas com mel do que vinagre, Fen. Ninguém te ensinou isso?

Ela já está andando em direção aos estábulos, e eu corro para alcançá-la, resmungando baixinho sobre moscas. Quem precisa de moscas?

A woman with long dark hair, wearing a long red cloak, stands in a snowy, forested landscape. She is looking down. The background is a soft-focus winter scene with snow-covered trees and ground.

Capítulo 8

SALES EM SANGUE

“Você nunca me viu lutar”.

— Fenris Vane

Eu consigo ouvir Fen resmungando suas queixas. Eu o ignoro. Olga tinha pouco a dizer sobre seu mestre, mas seu silêncio me dizia o suficiente. Os servos de Fen o respeitam, mas não se importam com ele, vejo no modo como o olham quando ele não está olhando, na maneira como eles desviam o olhar sob o seu. A maioria deles é Fae. Escravos. Isso me faz querer odiar Fen e seus irmãos. Mas, de alguma forma, eu não posso.

Eu não o odeio. Eu o acho frustrante e exasperante, mas também... fascinante. Há um coração bondoso em algum lugar. Vi na noite passada quando ele me deixou dormir em seu quarto, embora eu tenha percebido que ele não queria que eu ficasse. Eu vi na noite que ele me salvou em meu mundo, e então ficou a noite toda assistindo filmes comigo. Eu vi na maneira como ele trata o Barão, e no jeito como ele se importa com seus irmãos.

Há bondade nele. Eu só preciso cutucá-lo. Ajudá-lo a mostrar a essas pessoas que ele realmente cuida delas e de seu bem-estar.

Quando chegamos aos estábulos atrás do castelo, dois cavalos já estão preparados para nós. Este pode ser um bom momento para admitir a Fen que nunca andei a cavalo antes. Mas temo que ele me deixe para trás, então não digo a ele. Eu só vejo quando ele monta e tento copiar o que ele faz. Eu vi filmes. Eu conheço a essência. Não pode ser tão difícil, certo?

Meu cavalo é lindo. É uma égua negra com uma marca branca em sua testa, e seus olhos me encaram com muita sabedoria. Eu consigo subir nela sem cair de bunda. Então acaricio o pescoço do meu cavalo.

— Qual é o nome dela? — Pergunto ao mestre do estábulo.

Ela é uma mulher corpulenta, com orelhas pontudas e longos cabelos cor de areia preso em um rabo de cavalo na base do pescoço. Seu rosto é largo e coriáceo e ela parece estar vivendo com esses cavalos por toda a eternidade.

— Ela é Diamond, e ela deverá servi-la bem, Sua Alteza. O Príncipe a escolheu para você.

Eu olho para Fen, surpresa. — Escolheu?

Ele grunhe. — Eu sabia que você precisaria de algo para se locomover.

— Obrigada. Ela é incrível.

A mestra dos estábulos acena com aprovação. — Ela é. Ela vai te tratar bem se você fizer o mesmo com ela.

Barão nos segue enquanto andamos um pouco com nossos cavalos. Eu acho que estou pegando o jeito, mas estou nervosa que se Diamond começar a trotar ou correr, eu vou perder o controle.

— Estou surpresa que os cavalos não estão assustados com o Barão — eu digo, puxando Diamond para o lado de Fen e seu cavalo.

— Eles se acostumaram com ele, e ele com eles. É uma aliança desconfortável, mas funciona. — Nos leva até uma estrada de terra e se vira para mim. — Você está pronto para correr? Precisamos chegar lá rápido.

Eu engulo, lamentando a minha decisão de não contar a ele sobre a minha falta de experiência. Mas é tarde demais. — Claro, vamos fazer isso.

Ele sorri e faz um estalo, gentilmente puxando o cavalo para o lado. Ele pega velocidade, então o copio e Diamond começa a trotar, depois correr. Eu agarro seu corpo com meus joelhos, meus dedos segurando a correia de couro com tanta força que eu tenho medo de quebrá-la. Mas não caio. Nós andamos rápido pelo caminho e pela floresta até eu começar a ouvir os sons das pessoas. Fen desacelera até o trote e depois caminha, quando chegamos a um depósito de madeira. Uma área de árvores foi desmatada e pilhas de troncos se alinham na grama. Uma máquina que me lembra um cortador de pizza gigante está no centro, coberta de fumaça preta. Os homens estão espalhados pela clareira, conversando, andando de um lado para o outro, bebendo. Não está funcionando. Não há mulheres, eu acho. Na verdade, existem apenas vampiros do sexo masculino, pelo que posso dizer. Nenhum Fae ou Shade entre eles.

Todos se viram juntos para nos encarar, e eu tento não me envergonhar quando desço de Diamond. — Obrigada, menina — eu sussurro em seu ouvido. — Você me fez ficar bem. Eu te devo um presente quando voltarmos.

Fen, que aparentemente me ouviu, me dá um sorriso torto e entrega uma maçã para mim. Eu a seguro para Diamond, que envolve seus grandes e macios lábios de cavalo em volta dela e mastiga.

Um homem grande e forte de casaco de flanela com uma barba ruiva espessa vai até Fen, dois homens o acompanham. Ele está franzindo a testa. — Estamos cansados disso! — ele diz. — Nenhum homem pode trabalhar em condições como esta.

Fen cruza os braços sobre o peito. — Você não é exatamente homem, é?

O homem olha. — Nenhum demônio também.

— Onde está Henrick? — Fen pergunta.

— Estou aqui, senhor.

Nós dois viramos na direção da voz. Henrick está deitado em uma mesa de madeira sob uma lona, sua perna atada e enfaixada. Seu cabelo é azul e uma tatuagem preta cobre metade de seu pescoço.

Fen caminha até lá. — O que aconteceu?

— O cortador de madeira travou. Quando eu tentei limpá-lo, a maldita coisa explodiu em mim. Minha perna está muito rasgada.

— Vamos levá-lo para ser curado. — Fen sinaliza para vários dos homens em volta. — Leve-o para Naviain Stonehill. Diga a ela que eu o enviei. Ele deve receber o melhor atendimento, entendeu?

— Sim, senhor — dizem os homens.

— Sinto muito, senhor — diz Henrick. Ele está muito pálido e sua mandíbula aperta de dor quando tenta falar. — Nós já estávamos atrasados na produção. Não há como cumprir o prazo antes do inverno chegar.

Fen assente, mas não oferece outras palavras. Eu ando e coloco a mão na de Henrick. — Apenas se cuide e se cure. O resto se resolverá. Sempre acontece.

Henrick parece assustado com o meu toque. Aliás, Fen também, mas mais uma vez, ele opta por não me contradizer na frente dos outros. Interessante. Tenho certeza de que teremos uma conversa animada sobre as coisas mais tarde, assim que estivermos sozinhos.

Só de pensar em ficar sozinha com ele, deixa minha pele quente. Eu banquei a legal, agindo como se vê-lo nu e tocar seu corpo não me afetasse. Mas senhor, essa foi a minha maior mentira já contada. Eu não consigo tirar a imagem daquele homem da minha cabeça. Ou a sensação dele da minha pele. Seu perfume faz coisas que eu não deveria querer. Eu ainda tenho que viver com outros seis príncipes. Eu não posso me apaixonar por Fen, não agora. E, além disso, ele deixou claro que não tem desejo de ser rei. Ele nem quer que eu o escolha. Estou me preparando para um coração partido se eu der meu coração a um homem que não o quer.

Os homens colocam Henrick em um berço sobre rodas e o prendem a um cavalo, então começam a guiá-lo lentamente até a cidade.

Fen encara os que permaneceram. — Temos uma ou duas noites até o inverno atingir. Quando isso acontecer, não poderemos cortar árvores até a primavera derreter a neve. Esta madeira precisa ser usada para fogo, calor, cozinhar e construir, por todo o reino. Esta é a nossa principal exportação. Se não atendermos a nossa quota, pessoas em todos os lugares sofrerão. Agora, voltem ao trabalho e façam isso acontecer. Vou dar uma olhada na máquina, mas se eu não puder consertá-la agora, então cortem e classifiquem a madeira à mão como fazíamos antes que meu irmão inventasse o cortador. Enquanto isso, falarei com Ace sobre potenciais falhas de design.

Há resmungos enquanto Fen caminha até a máquina em questão. Alguns homens voltam ao trabalho, usando machados para cortar os troncos das árvores em madeira lascada ou troncos menores. Mas os homens que originalmente confrontaram Fen ficam de pé e olham para ele enquanto ele trabalha na máquina. Eu me viro para examinar o resto da clareira, caminhando entre as toras empilhadas e prontas para distribuição, e as árvores que ainda precisam ser cortadas. O cheiro de pinho e madeira recém-cortada enche o ar, misturado com algo mais parecido com vinagre.

A luz do sol infiltra através dos altos dosséis das árvores e eu ando em direção à floresta, longe de sons de aço batendo em madeira: *chop chop chop*. Para o som de água corrente. Espero encontrar um riacho onde posso esperar enquanto Fen faz o trabalho dele. Algo sobre esses homens me deixa desconfortável, e estou começando a me arrepender de ir com ele, mas é importante que eu saiba que tipo de trabalho esse reino faz. Se eu vou ficar presa aqui por toda a eternidade, vou fazer isso funcionar para mim, o que significa torná-lo melhor.

Meus sonhos de ser uma advogada e ajudar as pessoas desse jeito podem ter acabado, mas isso não significa que eu ainda não possa mudar as vidas daqueles ao meu redor. E é exatamente o que eu pretendo fazer, quer os príncipes do inferno gostem ou não.

Depois de um pouco de pesquisa, encontro o fluxo. Ainda posso ouvir os homens trabalhando, mas a água escorrendo em excesso abafa

o som. Sento num pedregulho à sombra de um salgueiro, cujos galhos se estendem sobre o rio, mergulhando nele.

Observo um pequeno pássaro vermelho pular de rocha em rocha. Este lugar é pacífico, sereno e...

Um galho quebra atrás de mim.

Eu me viro para encarar o intruso. É o homem de barba ruiva e flanela. O homem que parecia tão bravo com Fen quando chegamos.

Eu me levanto e dou um passo para trás enquanto ele se aproxima de mim, seu corpo invadindo meu espaço enquanto ele respira no meu rosto. Seu hálito cheira a álcool e seus olhos percorrem meu corpo de um jeito que faz minha pele arrepiar.

— Então você é a putinha que eles trouxeram para decidir o destino de todos? O que a torna tão especial, hein? — Ele traz a mão suja para o meu rosto e agarra meu queixo com tanta força que dói.

Eu empurro seu peito, mas ele não se move. Claro que não. Ele é um demônio. Um vampiro. Forte. Forte demais para mim.

— Tire suas mãos de mim — eu assobio para ele com os dentes cerrados. — Você não vai gostar do que acontecerá se não o fizer.

— Oh, o que você vai fazer? Dizer ao grande e mau príncipe sobre mim? Você não sabe quem é minha família, sabe?

Ele se inclina para o meu rosto e estende suas presas afiadas, em seguida, mostra a língua e lambe minha bochecha. — Você tem um gosto tão bom quanto o seu cheiro, eu me pergunto?

Eu tento lutar contra ele, mas ele me prende contra o salgueiro, seu corpo grosso e suado pressionando contra mim até que eu não consigo respirar. Seus dentes deslizam ao longo do meu pescoço, quase perfurando minha pele.

Eu não tenho arma, então eu puxo um galho da árvore e o balanço para ele, acertando-o na cabeça.

Seus dentes não estão mais no meu pescoço, mas seu aperto aumenta em volta do meu braço. Ele parece muito mais irritado do que antes. Um urso irritado com sono.

Então faço o que aprendi quando atacada por um estranho. Eu grito. Eu grito tão alto que o homem parece chocado. Ele aperta meu pescoço com força e bate minha cabeça contra a árvore. Eu sinto um baque doloroso, tropeço em um galho e caio em direção à água.

O homem teve que escolher. Segurar no meu pescoço e juntar-se a mim na água, ou me deixar ir. Ele solta, mas parece pronto para me seguir, quando um lobo rosna do topo de um pedregulho atrás dele.

Barão pula no meu atacante.

Ele o morde no ombro.

Eu me afasto, espirrando água, meu coração batendo forte, minhas mãos tremendo. Barão prende o homem, seus dentes de lobo na garganta do homem. Eu estou na lama. — Não é tão bom ter um predador na garganta, não é? — Eu pergunto.

Fen chega um momento depois e rapidamente observa a cena. — O que está acontecendo aqui? — Ele não está perguntando para mim, ele está perguntando ao homem preso pelo Barão. — O que você fez com a princesa?

— Eu não fiz nada! Eu juro! — O homem é uma mistura de raiva e pânico. — Estava apenas tendo um bom papo com a Princesa quando esta fera me atacou sem motivo.

Fen coloca um pé no braço do homem e pressiona. Ossos estalam. Um grito enche o ar.

— Vamos tentar de novo — diz Fen. — O que você fez, Rodrigo?

— Ela só cheirava tão bem. Você não nos deixa alimentar de nenhum dos dois. Não é apropriado. E eu estava com sede!

Barão rosna novamente e Fen parece prestes a perder a cabeça. Desta vez eu não intervi ou fui legal. Desta vez eu quero sangue. Justiça. Talvez vingança. Alguma coisa. Estou farta de homens agindo como se tivessem direito aos corpos das mulheres só porque eles querem. Estou farta dessa mentalidade, independentemente do mundo em que estou. Então eu não tento amenizar a raiva de Fen. Não com Rodrigo. Quero que o príncipe liberte sua própria marca de ira.

Fen levanta Rodrigo pelo pescoço e Barão salta do peito do homem, agarrando-o apenas para o caso de ele esquecer quem está no comando. Então Fen arrasta Rodrigo pela floresta, de volta ao centro da clareira onde os outros homens esperam. Eu sigo, observando como meu atacante tenta se afastar de Fen, que não parece nem mesmo suar, por segurar o demônio volumoso.

Quando chegamos, vejo que o cortador está funcionando novamente, cortando toras diligentemente em pilhas menores e menores.

Fen lança o homem no centro do campo. — Rodrigo parece acreditar que vocês não estão sendo bem tratados. Que minhas leis sobre a alimentação são muito rígidas, que ele tem o direito de beber da Princesa *contra a vontade dela*. Algum de vocês concorda com isso?

Todos os homens dão um passo para trás e olham para baixo, até os dois que haviam ficado ao lado de Rodrigo antes.

— Muito bem, então temos apenas um traidor para lidar. Normalmente, eu o sentenciaria a imediata execução por tal ato contra a realeza. Mas eu estou me sentindo generoso hoje. Então, ao invés disso, eu faço do seu castigo um duelo. Até a morte. Qualquer um de nós que ficar de pé no final, ganha.

O quê? Não, isso não é o que eu queria. Eu puxo o braço de Fen para chamar sua atenção. — Posso falar com você em particular?

Ele assente, depois se vira para o grupo. — Não o deixe sair, ou vai ser a cabeça de vocês.

Caminhamos longe o suficiente para que os outros não pudessem nos ouvir. — Você não pode lutar com ele até a morte! — Eu digo.

Ele ri. — Por que não?

— E se você se machucar?

Agora ele ri ainda mais. — Você acha que ele tem alguma chance contra mim? Isso é doce, mas você claramente nunca me viu lutar.

— Eu vi você lutar algumas vezes, na verdade. As coisas podem dar errado.

Ele escova uma mecha de cabelo do meu rosto e sorri. — Você me viu lutando? Você me viu lutando, enquanto estava drogada e quase

inconsciente. Você nunca me viu lutar. Eu ficarei bem. Ninguém te toca desse jeito e vai embora. — Ele volta para os homens que esperam, e eu o sigo, meu coração martelando no meu peito.

Barão fica ao meu lado, com a cabeça sob a minha mão, enquanto os dois homens pegam suas espadas e se encaram.

— Meu pai vai ouvir sobre isso — Rodrigo diz enquanto eles circulam um ao outro.

— Seu pai deve mais do que seu peso em dívidas de jogo. E eu possuo a nota disso. Ele não vai levantar nem uma sobrancelha para mim. Agora lute.

Rodrigo avança. Fen ataca. A coisa toda acabou tão rápido que quase acho que me perdi no tempo. Não foi uma luta, mas um massacre. O corpo de Rodrigo está no chão, seu sangue escorrendo pela terra, sua cabeça a poucos metros de seu torso, olhando cegamente para o espaço.

Em um movimento, Fen decapitou o homem, sem esforço.

Estou quieta no caminho de volta para o castelo e me despeço para ir ao meu quarto quando voltamos. Eu queria sangue e consegui, mas isso não me fez sentir melhor. Em vez disso, me sinto doente. Cansada da violência e das tentativas contra minha vida. Cansada de jogos. Eu só preciso de um descanso.

Na verdade, eu quero ir para casa. Eu quero ver minha mãe e sentar no meu velho sofá e ver meus melhores amigos. Eu quero tomar um café e checar meu e-mail e assistir vídeos de gatos no Facebook. Este mundo é tão arcaico. Me sinto perdida. Sozinha.

Quando chego ao meu quarto, Julian e Kara já estão lá, limpando e checando o fogo. Eles fazem uma reverência quando eu entro.

— Nós não achamos que você voltaria ainda — diz Julian, a título de pedido de desculpas. — Nós vamos voltar mais tarde.

Ela deixa cair os olhos e espera. Ela age recatada. Subserviente. Mas sinto mais dentro dela. Ela é uma garota pequena com olhos verdes

como os meus e cabelos ruivos brilhantes. Ela me lembra minha mãe de algumas maneiras.

Kara é mais alta, com uma figura curvilínea e longos cabelos dourados com olhos escuros. Ela sempre parece entediada, mas acho que ela planeja mais do que deixa transparecer.

Ambas são Fae, designadas para serem minhas criadas. Suas orelhas pontudas mostram isso, mas eu acho que saberia mesmo sem elas.

— Não vão — eu digo. — Sentem-se comigo e tomem um pouco de chá. Eu poderia usar a companhia.

Há uma batida na porta e eu a abro para ver Barão esperando ao lado de Mario, o soldado que treinou com Fen mais cedo. Ele está com outro homem.

— Sua Alteza, o Príncipe nos pediu para ficar de guarda. Este é Roco. Ele e eu vamos tomar turnos guardando você enquanto estiver morando aqui. Se precisar de alguma coisa, por favor, nos avise. Sempre haverá alguém de guarda do lado de fora da sua porta, ou com você quando se mover pelo castelo.

Barão passa por minhas pernas para entrar, e os olhos de Mario se arregalam. — Além disso, Fen disse que Barão vai ficar com você a partir de agora, exceto durante as caçadas.

Eu aceno e acaricio a cabeça do lobo. — Muito bem. Obrigada a ambos.

Mario se curva e fecha a porta, me deixando com meus criados e o lobo. As garotas estão de olhos arregalados e paradas no canto, tão longe de Barão quanto podem. Ele apenas as ignora e pula na minha cama para dormir.

— Não te assusta ter esse lobo aqui? — Kara pergunta.

— Não, Barão nunca me machucaria. Na verdade, ele me protegeu hoje. — Eu conto a elas a história do que aconteceu enquanto nos movemos para a minha sala de estar e Kara serve chá pra nós.

Quando termino, Julian cobre a boca em estado de choque. — Você não sabe quem é Rodrigo, não é?

— Honestamente, eu não sei quem é quem ainda. — Nem mesmo eu, neste lugar louco.

— Ele é o filho do demônio de mais alto nível em todos os reinos, fora os próprios príncipes — diz Julian. — Ele era o conselheiro principal do rei, antes de Sua Majestade ser morto, e é responsável por decretar todas as decisões do rei. Eu não consigo acreditar que o príncipe matou seu filho.

— Fen mencionou algo sobre dívidas de jogo que o pai devia?

Julian dá de ombros. — Há rumores, mas o príncipe saberia melhor do que nós.

Eu sinto que Julian não está me contando tudo o que ela sabe, mas então, por que deveria? Ela é uma escrava. Nós podemos sentar aqui agindo como amigas, mas no final do dia, ela não tem direitos.

Kara sacode a cabeça. — Eu não acredito que o bastardo tentou se alimentar de você. Mas mesmo assim, a punição foi dura para um de seu nível social. Seu pai não vai levar isso de ânimo leve.

— Por que ele estava trabalhando como lenhador se ele é tão alto nível? — Eu pergunto.

— O rei ordenou que ele fosse enviado para “um dia duro de trabalho” por um ano e um dia, após um incidente em uma taverna com uma garota local que acabou sendo favorecida por um nobre — explica Kara. — Era seu castigo, na esperança de ensinar-lhe alguns valores.

— Não acho que a lição tenha sido aprendida — digo.

Passamos o resto da tarde conversando sobre nossas vidas, nossas famílias e sobre o quão diferentes foram as nossas experiências. Tanto Kara quanto Julian são escravas, tomadas como parte dos despojos da guerra quando sua aldeia das Terras Distantes tentou atacar a cidade de Fen. Normalmente, sua sentença teria sido a morte, então ambas parecem felizes pelo menos por estarem vivas. Mas ainda assim, elas não têm liberdade, nem remuneração, nem escolhas.

— Vocês fizeram parte do ataque? — Eu pergunto.

Kara sacode a cabeça. — Nós éramos jovens demais na época. Fomos levadas quando os demônios retaliaram nossa aldeia. Para ser

honestas, nós vivemos neste castelo a maior parte de nossas vidas. É realmente tudo o que conhecemos.

— O que o seu contrato diz exatamente? — Eu pergunto, minha mente zumbindo com ideias.

Julian franze a testa. — Eu não vejo isso há anos. Mas eu posso conseguir para você, se quiser ver. Eu acho que você tecnicamente possui o contrato agora que servimos você.

— O quê? Eu possuo vocês? — Meu estômago se revolve. Como Fen poderia me tornar uma proprietária de escravos sem me contar?

Ambas assentiram.

— Consigam os contratos de vocês, logo. — Elas saem para fazer o que eu pedi, então volto para o meu quarto e subo na cama com o lobo, deitando minha cabeça em seu corpo. — O que estou fazendo aqui, Barão? Você tem alguma pista?

Meu dia passa com algumas leituras, alguns diários e mais conversas com Kara e Julian sobre seus contratos. Ainda estou tentando entender todas as nuances dos termos. A linguagem e o estilo da escrita são mais obscuros do que os contratos legais do meu mundo, e isso quer dizer alguma coisa. Eu poderia precisar de ajuda com isso. Quando a campainha do jantar toca, percebo que pulei o almoço inteiramente.

Fen espera por mim na mesa de jantar, e sento na frente dele. Há uma estranheza entre nós, enquanto Olga traz pato assado com salada, pãezinhos de alho e legumes fritos.

Eu como rapidamente, pensando o tempo todo no que vou fazer todos os dias neste novo local. Não tenho trabalho de verdade agora, e acho que não preciso de um. Mas eu preciso de algum propósito. Alguma direção.

— Fen?

Ele olha para cima, surpreso que eu quebrei o silêncio. — Sim?

— Obrigada por me defender hoje. Eu sei que vai causar alguns problemas para você ter matado alguém com um pai de tão alto escalão. Então, obrigada.

Seus olhos suavizam. — Eu pensei que você estava com raiva de mim.

Eu dou de ombros. — Não. Eu queria que ele morresse. Fiquei surpresa com a violência. E o sangue. — Eu tremo com a memória. — Mas este não é mais o meu mundo, não é? Eu tenho que me adaptar a essa cultura se eu vou viver aqui.

Ele concorda. — Você vai.

— Sobre as meninas que você atribuiu a mim. Kara e Julian?

— Elas não estão trabalhando bem? Você gostaria de alguém diferente?

— Não, elas são ótimas. Eu estava pensando... eu as possuo? É assim que isso funciona?

Ele abaixa o garfo e olha para mim mais atentamente. — Tecnicamente, sim. Eu sei que você acha isso desagradável, dado de onde você é e os valores com os quais você foi criada. Mas aqui é assim que as coisas sempre foram.

— Então eu possuo o contrato delas, certo?

Ele franze a testa. — Sim — ele diz com cuidado. — Mas esse contrato foi selado em sangue. Mesmo você não pode quebrar. Assim como nós não poderíamos quebrar o contrato de sua mãe, uma vez que foi assinado.

— Eu entendo. Obrigada.

Eu dou outra mordida, e ele só olha para mim, provavelmente se perguntando o que eu estou fazendo agora. Ele vai descobrir em breve.

A woman with long dark hair, wearing a long red cloak over a white dress, stands in a snowy, misty forest. To her right, a white wolf with red eyes is partially visible. The background is a soft-focus winter scene with snow-covered trees and a light blue sky.

Capítulo 9

ENCONTRANDO FINALIDADE

“Uma princesa? Não. Ela é uma bastarda. Uma Shade. Tudo o que ela tem nesta vida ela teve que trabalhar. — Seus olhos escurecem.

— Meu pai... meu pai não a tratou gentilmente”.

— Fenris Vane

Eu posso não ser capaz de quebrar o contrato, mas estou determinada a melhorá-lo. Eu treino até tarde da noite com Fen, então acordo cedo e termino o café da manhã antes dele e de Barão voltarem de sua caçada matinal. Eu saio bem na hora que ele chega.

— Você parece estar com pressa — ele diz, quando eu quase esbarro nele quando ele entra na sala de jantar.

— Só tem alguma pesquisa que quero fazer — eu digo vagamente. Eu não quero contar a ele meu plano ainda, porque não quero que ele tente me convencer a não fazer isso.

— Qualquer coisa que eu possa ajudar? — Ele levanta uma sobrancelha, claramente curioso sobre minhas intenções.

— Não. Eu estarei na biblioteca a maior parte do dia se você precisar de mim.

Ele está tão perto de mim que posso sentir seu cheiro. Eu quero dar um passo atrás, para limpar minha mente da influência que ele tem sobre mim, mas eu não faço. Em vez disso, eu me aproximo e coloco minha mão em seu peito, apontando para um ponto em sua camisa. — Sangue?

Ele olha para baixo e franze a testa. — Desculpe. Normalmente sou mais cuidadoso.

— Fen, ontem quando Rodrigo me atacou. Ele disse algo sobre como você não os deixa se alimentar adequadamente. O que ele quis dizer?

Eu estive pensando muito sobre a estrutura hierárquica aqui com as diferentes raças, e algumas perguntas estavam começando a aparecer. Tipo, como os vampiros conseguiam o sangue humano deles?

— Meu reino é mais rígido do que os outros sobre se alimentar de humanos. Isso causa alguma... agitação. — Ele evita meus olhos e eu posso dizer que estamos dançando em um assunto doloroso.

— Você se alimenta de humanos? — O pensamento dele fazendo isso não me cai bem.

— Quando eu devo. — Ele recua. — Mas eu limito a frequência de viagens ao seu mundo para alimentação, e limito a manutenção de mais do que um número mínimo de escravos humanos em nosso mundo.

— Existem escravos humanos aqui? Para se alimentar? — Esta é a primeira vez que eu ouvi algo sobre isso.

— Não muitos, e quase nenhum em Stonehill. Meus irmãos não são tão peculiares. Você não estava com pressa para ir à biblioteca?

Me sentindo sumariamente dispensada, eu aceno e desejo a ele um bom dia antes de sair. Barão me segue, e ouço meus dois guardas se arrastando longe o suficiente atrás de mim, que não me sinto totalmente perseguida.

Eu exploro o castelo procurando a biblioteca. Eu poderia apenas pedir informações à Marco ou Roco, mas preferiria encontrá-la sozinha e ver o que mais descobria no processo.

Infelizmente, não encontro passagens secretas ou salas emocionantes cheias de tesouros. Eu, no entanto, encontro uma sala cheia de móveis empoeirados e tapetes que parecem não serem usados desde o início dos tempos. Também encontro vários cômodos vazios, que Marco me informou que estavam assim desde que ele pudesse se lembrar. — O príncipe não é muito um decorador — ele me diz. Roco sorri com isso.

Quando finalmente descubro a biblioteca, sinto como se tivesse encontrado o coração do castelo. Roco e Marco ficam do lado de fora da porta, aparentemente confiantes de que nada vai me prejudicar dentro das paredes sagradas com tantos livros. Eu sempre amei bibliotecas, sempre amei estar cercada de livros, tantos livros que nunca poderia lê-los em uma vida.

E essa biblioteca, com seus pergaminhos antigos e livros encadernados em couro, está cheia de seu próprio tipo de magia. A sala tem um teto alto que se estende por vários andares, com escadas subindo e escadas altas de rolamento espalhadas por toda parte para ajudar a acessar livros nas prateleiras mais altas. Tem cheiro de couro velho e pergaminho e magia e mistério. Eu corro minhas mãos sobre as lombadas de livros que eu nunca vi, nunca ouvi falar. Livros não escritos ou disponíveis no meu mundo. O pensamento confunde minha mente.

— Posso ajudá-la? — Uma voz profunda pergunta.

Eu viro ao redor, meu coração batendo forte. — Sinto muito, eu pensei que estava sozinha.

Diante de mim está um homem alto, ágil, com longos cabelos brancos e uma longa barba branca. Ele usa vestes brancas com símbolos bordados em fios de prata. Seu rosto é sem rugas, embora seus olhos e cabelos deem a impressão de ser mais velho. E as orelhas dele são pontudas. Ele parece diferente de um Shade. Menos vampiro e de todo Fae.

— Você nunca está sozinha aqui — diz ele. — Este é o meu domínio.

Eu estendo minha mão. — Eu sou Arianna Spero.

Ele olha para a minha mão, mas não a alcança. Em vez disso, ele se inclina profundamente. — É uma honra conhecê-la, Princesa. Eu sou Kal'Hallen, o Guardião do Castelo, ao seu serviço. Você pode me chamar de Kal. Ou Guardião.

— O que faz um Guardião? — Eu pergunto.

Ele franze a testa com a minha pergunta. — Bem, ele guarda, é claro.

Certo. Obviamente.

— Estou procurando informações sobre os contratos de escravos neste reino. E qualquer coisa que eu possa encontrar sobre como o comércio de escravos funciona neste reino.

Ele assente e começa a andar pelos corredores enquanto eu o sigo. Bolas de luz branca iluminam a grande sala. Eu aponto para uma. — Eu vi isso em todos os lugares. Eles são movidos por magia?

— Sim — ele diz.

— Por você? — Eu pergunto.

Seus olhos se arregalam. — Como você sabia?

Eu dou de ombros. — Você parece o feiticeiro do castelo.

Seu rosto aperta em desgosto. — Não. Eu sou o Guardião do Castelo. Não um... — Ele agita o pulso como se estivesse tentando tirar merda de cachorro dos dedos — Feiticeiro.

— Mas você faz magia? Você é Fae?

Ele assente. — Sou.

— Isso significa que você também é um escravo?

Ele franze os lábios. — Não existem Fae livres exceto os Shades, e chamá-los de livres seria brincar com a verdade. Todos os Fae são escravos em um grau ou outro neste mundo.

— E ainda assim você está em uma posição de autoridade aqui? — Ele demonstra essa autoridade em cada passo que ele dá.

— Eu estou. O Príncipe Fenris me concedeu uma grande honra. — Paramos na frente de um conjunto de prateleiras com pergaminhos. — Agora, que tipo de informação você precisa, princesa?

Eu digo a ele o que estou fazendo e ele franze a testa novamente, mas me ajuda. Passamos a tarde olhando através de livros e pergaminhos e falando sobre o trabalho escravos em Inferna e como ele tem sido explorado.

— Por que não posso simplesmente fazer com que Kara e Julian sejam pagas?

— De onde viria o dinheiro? — pergunta ele.

— Não sei. De onde vem o dinheiro?

— Cada reino tem sua especialidade. De Stonehill, é madeira e defesa. Do reino do Príncipe da Gula são comidas e ervas. Há também impostos sobre as cidades e aldeias.

— Então eles não podem ser pagos com isso?

Ele balança a cabeça. — A maioria da nossa força de trabalho é de escravos Fae. Se tivéssemos que pagar todos eles, não haveria fundos suficientes para sobreviver.

Eu balancei minha cabeça. — Existe um caminho. Pode significar uma ruptura no funcionamento econômico deste reino por um tempo, mas é possível. — Penso no meu próprio mundo, em como deve ter sido para o Sul fazer a transição do trabalho escravo para o trabalho pago.

— Você está falando sobre guerra, Princesa. Uma ruptura como essa levaria à guerra, à morte e ao colapso de nosso governo.

Eu suspiro, frustrada, e fecho o livro que tenho diante de mim. — Se eu não posso consertar isso para todo mundo, eu posso pelo menos pagar minhas próprias garotas?

Kal encolhe os ombros. — Cabe a você encontrar os fundos. É improvável que você consiga com o príncipe. Ele mantém um controle firme sobre as finanças, especialmente quando o inverno se aproxima.

— Por que os Fae não se rebelam? Você fala deles como se não fossem o seu povo? Mas todos os Fae não têm magia?

Ele se inclina para sussurrar, como se até mesmo falar de tais coisas fosse traição. — A magia é estritamente proibida, a menos que seja requisitada por um Príncipe diretamente, e mesmo assim apenas sob supervisão. Mesmo eu, Guardião do Castelo, não posso fazer magia sem

que o Príncipe Fenris me dê uma ordem direta para fazê-lo. Sob pena de morte.

— Mas a única forma dessa regra funcionar é se...

Kal assente, e eu franzo a testa. A única maneira desse tipo de regra funcionar é se os Fae fossem mortos por usar magia com tanta frequência que desistiram de tentar.

Já está no final da tarde e preciso me alongar e comer alguma coisa. Agradeço a Kal por sua ajuda e prometo que voltarei no dia seguinte para mais pesquisas, depois vou até a cozinha para encontrar um lanche antes de procurar por Kayla.

Encontro-a em sua forja, trabalhando sobre o fogo ardente enquanto forma uma espada. Eu espero, observando, até que ela me percebe e para seu trabalho.

Ela puxa luvas grossas e sorri para mim. — Arianna! Eu esperava que você aparecesse.

— Eu queria ver o seu trabalho. — Não é um espaço de trabalho pequeno, mas parece apertado com tanto equipamento e tão quente com o fogo ardente. Penduradas em uma parede e apoiadas em mesas estavam espadas, punhais, lanças, pontas de flechas, armaduras e escudos.

Ela se aproxima de mim. — Não é muito, mas serve. Estou no processo de fabricar um pedido de espada de Fen. O primeiro passo é transformar ferro em aço através da cementação.

— Cementação?

Ela segura um grande martelo e uma pinça de ferro. — Eu adiciono uma pequena quantidade de carbono através do calor ao martelar. O ferro é maleável e dúctil e pode ser facilmente soldado e forjado a alta temperatura. O aço, porém, é muito duro e, uma vez temperado, muito resistente e elástico. Perfeito para fazer armas.

Eu aceno, absorvendo tudo. — Eu tenho um favor a pedir para você — eu digo. Minhas mãos estão suadas e eu não tenho certeza se é nervosismo ou o calor da forja.

— O que é? — ela pergunta.

— Eu gostaria que você me treinasse. Eu gostaria de trabalhar para você.

Se a única maneira que eu poderia pagar os meus criados fosse por meio do meu próprio dinheiro, então eu preciso de um emprego.

Ela ri, então para quando percebe que estou falando sério. — Oh. Bem, eu já tenho um aprendiz. — Como se sendo convocado pelo seu título, um garoto magro de não mais de onze anos entra correndo, sem fôlego e cheio de notícias.

— Mestra Kayla! Você nunca vai adivinhar o que eu ouvi no Stonehill Inn.

O aprendiz tem cabelos verdes na cor da grama da primavera, com olhos combinando e orelhas longas e pontudas. Eu não posso dizer se ele é totalmente Fae ou um Shade, mas meu palpite é em Shade. Ele é magro, e eu estou tentando imaginá-lo levantando o equipamento necessário para trabalhar com metal do jeito que Kayla faz, mas é uma imagem mental difícil de se agarrar.

— Daison, você sabe que eu não gosto de você por aí. Não é bom para alguém da sua idade.

Ele revira os olhos em uma típica maneira infantil que eu não posso deixar de sorrir. — Eu tenho idade suficiente — diz ele, estufando o peito. — Além disso, como você acha que estamos recebendo todos os clientes ricos?

Kayla ri. — Eu tenho certeza que minha reputação tem algo a ver com isso. Mas diga, o que é essa notícia incrível em que não vou acreditar?

— A nova princesa que eles trouxeram será apresentada aos Príncipes, e alguns dos rapazes da cidade querem tentar ir para que eles possam vê-la melhor. Ela vai estar vestida à fantasia.

Eu estou supondo que sou a princesa em questão, mas isso é novidade para mim. Kayla parece surpresa também, e olha para mim com uma carranca. — Você sabe do que ele está falando?

Eu dou de ombros. — Nenhuma pista.

Kayla olha para seu aprendiz. — Daison, eu gostaria que você conhecesse a Princesa Arianna, convidada do Príncipe Fenris. Princesa, este é o meu aprendiz que fala antes de pensar, Daison.

Eu mordo meu lábio para segurar uma risada quando seu queixo cai em choque. Ele abaixa a cabeça e se curva. — Eu sinto muito, Alteza. Eu não percebi.

Eu coloco uma mão em seu ombro. — Me chame de Ari. E não se preocupe com isso. Foi um erro honesto.

Seu rosto pálido fica vermelho brilhante e ele murmura alguma desculpa sobre pegar mais ferro, em seguida, sai da ferraria tão rápido que eu mal o vejo correr.

Kayla suspira. — Ele é um bom rapaz, mas muito jovem. É difícil lembrar de ter essa idade.

— Estou confusa com uma coisa — digo. — Não vejo nenhuma pessoa idosa aqui, embora alguns, como o Guardião, pareçam velhos, até que você olhe para o rosto delas. E tem filhos. Eu os vi pela cidade.

— Vampiros não podem reproduzir com vampiros completos — ela explica. — Eles precisam de Shades ou Fae, ou até mesmo de humanos, para se reproduzirem. E quando essas crianças crescem até a idade adulta completa, elas essencialmente param de envelhecer fisicamente. Para os Fae, quanto mais velhos ficamos, mais branco fica seu cabelo. Fae com cabelos brancos são profundamente respeitados como anciãos. Demora várias centenas de anos ou mais para alcançar seu visual.

Então eu seria considerada uma vampira completa depois que eu fizesse o Juramento de Sangue? Se sim, como daria um herdeiro a um dos príncipes?

Eu quero fazer mais perguntas, mas Kayla volta para sua forja e usa pinças para pegar um pedaço de metal e aquecê-lo sobre o fogo. Ela usa o martelo para bater no aço, moldando-o em uma espada. — Então, por que você quer trabalhar para mim?

— Eu preciso de um propósito aqui além de ser apenas a princesa que deve escolher o próximo rei — eu explico. — Eu sempre trabalhei

duro. E... eu quero ser capaz de fazer minha própria espada, quando chegar a hora.

Ela me olha com ceticismo. — Este não é um trabalho fácil. Requer força física, atenção aos detalhes e paciência.

— Tudo o que estou pedindo é uma chance.

— Você não começa fazendo espadas. Você começa varrendo — ela diz, segurando uma vassoura para mim.

Eu pego e começo a varrer.

Dias passam. Eu passo a manhã treinando com Fen em espada, combate corpo-a-corpo e qualquer outra coisa que eu possa conseguir. Passo o dia trabalhando na forja com Kayla e Daison. O menino parece estar feliz por ter um adulto em quem mandar, e se delicia com seu novo status, mesmo quando ele fica corado e desequilibrado toda vez que entro na sala. Lá, passo o meu tempo varrendo, guardando ferramentas, limpando ferrugem de dispositivos e guardando-os, limpando a forja, transportando materiais, combustível e água, seja lá o que me mandam fazer. É um trabalho exaustivo, mas ainda consigo passar a maioria das noites na biblioteca com Kal, aprendendo o que posso sobre a história do mundo em que vivo agora.

Toda noite, durante o jantar, eu encho Fen com perguntas, as quais ele sempre responde com crescente preocupação em seus olhos.

Meu corpo está ficando mais forte. Estou ficando mais experiente com as técnicas de combate que Fen tem me ensinado, e eu estou realmente começando a curtir a minha vida em Stonehill.

Eu quase me esqueci da estranha informação que Daison nos trouxe sobre eu ser apresentada para os Príncipes até que Fen fala sobre isso no jantar.

— Você vai precisar de um vestido — diz ele. — Talvez Asher possa ajudar com isso.

Eu rio. — Não, eu posso gerenciar. Vou falar com Kayla sobre isso amanhã. Mas por que eu preciso de um?

Ele se desloca desconfortavelmente em seu assento, seus olhos olhando para longe de mim. — Fui informado de que você será apresentada aos príncipes em quinze dias, para que todos possam conhecê-la. Parece que alguns têm se queixado de que não tiveram a chance de ver você e isso lhes dá uma desvantagem em sua escolha.

A verdadeira desvantagem é o quão rápido estou me apaixonando pelo homem na minha frente, mas não digo nada. Eu posso dizer que ele está tentando manter distância de mim, mesmo enquanto ele me mantém segura e me treina.

— É formal?

Ele assente.

— E você vai estar me acompanhando?

— Eu suponho que sim. Embora uma vez que você esteja lá, eu estarei no mesmo nível que eles, isto é, você não será o encontro de ninguém, para manter o equilíbrio.

— Quem decidiu isso?

— O Conselho — é tudo o que ele diz, enquanto se levanta. — Eu confio que vou vê-la na arena para o seu treinamento?

Eu aceno, e ele se vira para sair.

Naquela noite, enquanto Kal e eu examinamos livros, eu pergunto a ele sobre o Conselho.

— O Conselho consiste nos sete príncipes. Ele foi criado para servir como conselheiro do rei. Quando um assunto estava em disputa, o rei mandava os príncipes votarem sobre isso e geralmente obedecia à regra da maioria.

Eu digo a Kal o que eles me mandaram fazer, e ele franze a testa. — Eu nunca ouvi falar disso. Não é costume ou tradição que tenha sido feito antes.

— Eu acho que há muita coisa me envolvendo que é novo.

— Isso é verdade — ele diz.

— Por que você acha que o rei me queria tanto aqui? — Eu pergunto.

— Tenho pensado nisso consideravelmente — diz ele, com as mãos movendo lentamente sobre um de seus adorados livros. — Mas eu não tenho uma resposta. É completamente não ortodoxo, mesmo para um rei que mudou muito de suas políticas no fim de sua vida.

— Kal, eu tenho uma pergunta...

— Que chocante — diz ele totalmente inexpressivo.

— Eu sei, eu sou geralmente muito tímida e reservada.

Isso tira uma gargalhada dele.

— Mas, falando sério, estou curiosa. Como alguém do meu mundo poderia entrar em contato com um demônio para fazer um acordo? De alguma forma minha mãe conseguiu fazer isso, mas não consigo, pela minha vida, descobrir como.

Ele levanta a minha mão direita e a vira, revelando o símbolo no meu pulso. — Isso é uma marca de demônio. É única para cada demônio. O seu é o sinal de Lucian, que originalmente fez o acordo com sua mãe. Quando você concordou com o contrato deles, você se tornou parte daquele acordo e assim tomou sua marca. Sua mãe teria que saber a marca dele e desenhá-la em sangue para convocá-lo.

— Então, enquanto se tiver sangue, você pode convocar qualquer demônio se conhecer sua marca?

Kal assente. — De fato, esse é o caminho.

— Fae também tem isso?

— Não, nós não temos. Nós usamos uma magia muito mais antiga, alguns diriam. De qualquer forma, é muito diferente.

* * *

Eu conto à Kayla a minha necessidade de um vestido formal no dia seguinte e ela concorda em me ajudar a comprar os materiais necessários para fazê-lo.

Meu tempo na forja, apesar do trabalho duro, suado e sujo, tem sido gratificante até agora. Eu aprendo muito apenas observando seu jeito e afiando o aço em todos os tipos de armas. O que me surpreende é quanto tempo ela também gasta criando itens comuns todos os dias, como pregos, portas e fechaduras. Mas eu acho que uma das minhas obras favoritas dela são suas joias. Seus projetos são mágicos, e ela usa cristais encontrados em toda a cidade para torná-los mais incríveis.

— Você me ensinaria como fazer isso também algum dia? Quando eu estiver pronta? — Eu pergunto, segurando um anel.

Ela assente. — Quando você estiver pronta.

Daison entra tropeçando na ferraria, todo joelhos e cotovelos e bochechas coradas. Ele gagueja quando diz oi para mim, e eu sorrio e tento deixá-lo mais confortável. Ele não faz contato visual comigo, mas está segurando algo pequeno embrulhado em couro que ele coloca em minhas mãos.

— Eu ouvi que recentemente foi o seu aniversário, então eu fiz isso para você.

Meu aniversário. Isso parece ter sido há muito tempo, mas foi realmente apenas algumas semanas. Pego seu presente e deixo o couro cair para revelar uma pequena adaga presa em uma bainha de couro preta personalizada com desenhos de prata. Eu puxo para fora e admiro a borda, afiada a um grau mortal. A lâmina tem folhas graciosas esculpidas no aço.

— Isso é lindo — eu digo, honestamente. — Eu adorei.

Ele sorri, olhando para mim tempo suficiente para ver que minhas palavras são genuínas. Por impulso, eu avanço e o abraço. Ele cambaleia em meus braços, em seguida, envolve o seu ao meu redor e retorna o abraço, antes de se afastar. Quando ele sai, prendo a adaga em volta da minha cintura e admiro a maneira como ela fica pendurada no meu quadril.

— Ele fez um bom trabalho — eu digo.

Kayla sorri. — Ele aprendeu com o melhor. Mas estou surpresa que ele deu isso para você. Ele está trabalhando nisso há um ano.

Eu olho para ela, atordoada. — Um ano? Eu não posso aceitar isso — eu digo, alcançando para tirá-lo.

Ela coloca uma mão na minha para me impedir. — Você deve. Quebraria o coração dele se você recusasse. Ele é muito ligado a você. Eu acho que você o lembra da mãe dele.

— Como ela é? — Eu pergunto, percebendo que eu sei muito pouco sobre ele.

— Ela era linda, como você — diz ela. — Fae, é claro. Uma escrava. Ela foi estuprada por um vampiro e deixada para morrer, grávida dele. Ela morreu quando ele era criança, embora ninguém saiba como. Eu suspeito que o vampiro que a atacou voltou para terminar o trabalho. Ele teria ido atrás da criança, mas Daison era esperto, inteligente. Ele se escondeu até que fosse seguro. Eu o encontrei dias depois, sua mãe morta em sua casa. Foi quando eu o aceitei como meu aprendiz. Eu inventei uma história sobre ele para evitar suspeitas. Ele é um Shade, então ele não poderia ser escravizado, mas não teria sido bom para ele se também tivesse sido deixado para cuidar de si mesmo.

Minha garganta aperta com a história, e eu luto contra uma onda de tristeza imaginando o que aquele pobre garoto passou.

— Alguém pegou o vampiro que machucou a mãe dele?

Kayla ri amargamente. — Ninguém nunca procurou por ele. Ela era uma escrava. Propriedade. Nada.

Eu me sinto mal, luto para pensar no que dizer, quando ouvimos um grito do lado de fora. Kayla e eu corremos para os fundos da forja, onde Kayla mantém uma carroça carregada com armas para entregar à Fen, ou outros clientes. Daison deveria transferir o novo suprimento de espadas para a carroça, mas algo está errado.

Outro grito vindo de trás da carroça, que parece angustiado, como se alguém tivesse sido jogado para o lado.

Kayla e eu corremos ao redor da carroça. Daison está preso sob uma roda quebrada, seu corpo contorcido de tal forma que ele nem parece humano. Sua perna dobrada para trás no joelho. Ele está muito pálido, e seu sangue está se infiltrando no chão. Kayla grita para mim, e

eu me movo para ajudar a levantar a carroça de cima dele, mas ela está cheia de espadas de aço, e eu sou apenas humana. Não sou forte o suficiente para levantar isso. Eu me inclino ao lado de Daison, que está entrando e saindo da consciência. Escovo o cabelo para fora de sua testa suada, meus olhos cheios de lágrimas. — Você vai ficar bem, garoto. Vamos tirar você disso. Apenas segure minha mão.

Sua mão, tão fria e imóvel, não se move na minha, e eu temo que já o tenhamos perdido.

Kayla amaldiçoa sob a respiração, como se discutisse consigo mesma sobre alguma coisa. Ela parece pensar em alguma espécie de decisão e se inclina ao lado de Daison, puxando um pingente que eu nunca vi antes debaixo de sua túnica, segura a pedra em sua mão e murmura palavras em uma língua que eu nunca ouvi, mas de alguma forma parece familiar, como algo de um sonho que tive uma vez.

Enquanto ela fala, a carroça começa a levantar de Daison, que ainda está em meus braços. Eu o puxo para fora antes que a carroça caia, então fico surpresa enquanto Kayla se inclina sobre ele e descansa sua pedra em seu peito, enquanto ela continua a cantar.

Um pedaço grosso de madeira sobressai de seu abdômen. Ela puxa para fora e endireita sua perna torcida. Ele grita tão alto que tenho que resistir a cobrir meus ouvidos.

Mas como Kayla continua cantando, seu corpo começa a curar e sua respiração se estabiliza. Cor retorna ao rosto dele.

— Precisamos levá-lo de volta para minha casa — ela diz, levantando o corpo do menino com facilidade em seus braços. Eu os acompanho enquanto ela se move rapidamente pelas ruas e entra em uma cabana perto de uma cachoeira cercada de árvores e montanhas. É mais remoto que as outras casas. Eu os acompanho e ela me guia para um pequeno quarto à direita, onde Daison geralmente dorme. Eu abro a cama e ela o coloca nele, em seguida, o cobre e diz mais um canto antes de me levar para fora do quarto.

Sua cabana é pequena. Ela dorme no andar de cima em um pequeno cômodo. Daison dorme aqui embaixo. Há uma lareira com lenha

e uma panela sobre ela, uma pequena cozinha cheia de ervas e alimentos frescos, e uma sala de estar com algumas cadeiras confortáveis e almofadas no chão. Kayla faz duas xícaras de chá e senta na cadeira ao meu lado enquanto nós olhamos para o fogo.

— Isso foi magia — eu digo.

Ela assente, tomando seu chá. — E se você contar a alguém o que viu, Daison e eu seremos executados.

— Fen nunca faria isso! — Eu digo, esperando que eu esteja certa.

— Ele não teria escolha. E isso não importa. Se ele não fizesse, outra pessoa faria. As coisas são assim. Minha vida, Arianna, está agora em suas mãos. — Ela olha para a porta do quarto de Daison. — A vida dele agora está em suas mãos.

A woman with long dark hair, wearing a long red cloak over a white dress, stands in a snowy, misty forest. To her right, a white wolf is partially visible. The background is a soft-focus winter scene with snow-covered trees and a hazy sky.

Capítulo 10

ESCRAVO DO PASSADO

“Eu sou o Príncipe da Guerra. Eu não ‘relaxo’”.

— Fenris Vane

Daison faz uma notável recuperação, e embora demore alguns dias, Kayla para de me olhar com uma expressão preocupada, como se eu pudesse gritar seu segredo dos telhados a qualquer momento.

Eu não iria contar a ninguém.

Nem mesmo para Fen.

Quando ele pergunta sobre nossas compras naquela noite, eu admito que não chegamos perto disso.

— Ela ficou ocupada na forja — eu digo. — Todas aquelas espadas que você precisa. Para aquela guerra que você não vai me contar nada.

Ele bufa com isso. — Nós só precisamos estar preparados para todas as eventualidades.

A distância entre nós está crescendo, e eu não tenho certeza do que fazer sobre isso. Tomamos café da manhã e jantamos juntos todos os dias. Nós treinamos todas as manhãs. Mas há uma parede entre nós,

uma que ele continua erguendo cada vez que se afasta do meu olhar, ou se afasta do meu toque.

— Eu chamarei Asher. Ele pode ajudá-la com seu vestido. Aquele homem passa muito tempo assistindo programas de moda quando estamos em seu mundo. Não é natural.

Eu quase engasgo com a maçã que estou comendo. — Eu só estou tentando imaginá-lo grudado em suas grandes telas, gritando com a televisão quando a pessoa errada vence — eu digo, sorrindo.

— Isso acontece todo o tempo — Fen diz seriamente.

— E pensar que ele agia como se nunca tivesse ouvido falar de reality shows quando nos conhecemos — eu digo, pensando no dia em que descobri tudo isso.

Fen sorri. — Ele é muito apegado. É a sua vergonha secreta, eu acho. Se ele não fosse um Príncipe do inferno e vampiro condenado à escuridão do seu mundo, eu acredito que ele faria uma carreira nisso.

— Ele tem bom gosto — eu digo. — Se você gosta desse tipo de coisa — Eu acrescento, quando Fen levanta uma sobrelanceira para mim. — Sua aparência de couro e algodão tem seu próprio tipo de charme. Mais Viking do que as revistas, mas há um mercado para isso — asseguro-lhe.

Quase vejo um lampejo de sorriso nos lábios dele antes de sermos interrompidos por um soldado que exige a atenção de Fen no campo de treinamento.

Finn se desculpa e Barão fica comigo enquanto eu termino meu jantar em silêncio.

No dia seguinte, Asher aparece com uma comitiva carregando sedas e cetins em todas as tonalidades. — Querida, eu fui informado que você está em crise e está precisando de um vestido. Eu estou aqui para salvá-la.

Sorrio diante do absurdo dele, mas deixo que ele dirija o circo de pessoas que trouxe. Sob sua direção, o material vermelho e branco é escolhido, e Asher instrui seus servos sobre como desenhar o vestido em tal forma para exibir minhas melhores características. Eles fazem

medições de cada centímetro do meu corpo, então saem correndo com ordens para se apressar a costurar.

Quando eu pergunto a Asher sobre essa apresentação que farei, ele dá de ombros. — Eu, infelizmente, fui chamado em negócios quando o Conselho se reuniu sobre isso. Nós dois ficamos surpresos, asseguro. Estou pensando que será um coquetel formal no Castelo Principal, com você como convidada de honra. Você estará magnífica, garanto.

Eu ainda estou nervosa sobre toda a provação, mas quão ruim poderia ser? Eu me adaptei aqui, e quero conhecer o resto dos príncipes. Eu ando com Asher para fora do castelo e através de Stonehill, desfrutando de alguns minutos sem trabalho.

— Você parece bem — ele reconhece quando nos aproximamos do portão. — Esta vida está fazendo bem a você.

— Obrigada — eu digo. — Estou achando maneiras de ficar ocupada.

Ele sorri, e sua atratividade não está perdida para mim, mas também não faz meus joelhos tremerem. Eu sei quem tenho que culpar por isso, muito obrigada.

— Eu ouvi as pessoas falando de você em silenciosa admiração — diz ele. — Eles gostam de você. Muito. Os vampiros, os Shade, até os escravos. Eu não acho que nenhum de nós estava esperando isso.

Eu inclino minha cabeça. — Você esperava que eu fosse horrível e odiada?

Ele sorri. — Não exatamente. Nós simplesmente não percebemos que você teria todo mundo se apaixonando por você de forma rápida.

— Certamente não é todo mundo — eu digo, pensando em Fen e na maneira como ele puxa as mãos para longe de mim quando ele acha que demoram muito tempo durante o nosso treinamento.

Asher pisca para mim antes de ir embora. — Você pode se surpreender, Princesa.

Naquele dia, Kayla me roubou da forja e nós viajamos por Stonehill em uma missão. Bem, pelo menos eu chamo isso de uma missão.

Kayla revira os olhos. — Você precisará de joias adequadas para esta pequena festa que os príncipes planejam. Daison está cuidando do meu estande no momento. Vamos encontrar algo perfeito para combinar com o seu vestido.

Stonehill é incrivelmente grande. À primeira vista, por causa das montanhas que o cercam, talvez pareça pitoresco. Encantador. E é, mas é mais expansivo do que eu imaginava. Os muito ricos e os senhores vampiros bem conectados residem em grandes mansões construídas nas montanhas, suas casas frequentemente exibindo jardins e esculturas elaboradas. A maior parte dos Shades vive em pequenos aglomerados de palha modestos com canteiros de flores e vasos de plantas. Cada distrito tem seu próprio nome e personalidade, embora eu ainda esteja tentando lembrar de todos eles. Há Centerhill, o distrito de comércio, cheio de lojas e cabines laterais. Até agora, é o mais saboroso e emocionante. É onde Kayla me leva agora.

Seu estande está bem posicionado perto do centro da cidade. As árvores balançam ao vento e a terra cheira a chuva noturna que deixa tudo com um brilho aguado sob o sol escaldante. Caminhamos para o estande de Kayla e Daison sorri para nós, suas bochechas ficando vermelhas. Espero que um dia ele se sinta mais à vontade comigo.

— Daison, tire minhas melhores joias. Particularmente os rubis. Precisamos de algo especial para Ari.

Daison acena e puxa uma pequena caixa envolta em camurça macia. Kayla abre e expõe colares de ouro branco, amarelo e rosa com diferentes pedras preciosas projetadas neles. Eu tento um colar de rubi e diamantes que funcionaria bem com o tecido e o estilo de vestido que Asher escolheu para mim.

— O que você acha...

— Venda de escravo! Venda de escravo! — Duas crianças Shades passam correndo gritando.

Kayla franze o cenho e viramos para o centro da cidade. É cercada por árvores com uma plataforma no meio para apresentações públicas e performances e bancos para se sentar. Uma grande multidão já se reuniu, no palco estavam cinco Fae acorrentados um ao outro. São todas mulheres que parecem jovens e assustadas. Exceto pela garota do meio. Ela não parece com medo, ela parece chateada e pronta para cuspir na cara de quem chega perto. Ela tem hematomas e arranhões em todo o seu corpo pálido. Meu palpite é que ela já lutou pelo menos uma vez.

Um homem alto vestido com tecidos vermelhos meticulosamente estilizados estava no palco. Ele é um vampiro e comanda com a sua presença. Há guardas em todos os lugares, mas não reconheço nenhum deles do povo de Fen. Eles também não usam as cores de Fen.

— Quem são os guardas? — Eu pergunto.

— Eles pertencem a uma família rica no distrito Time Pool.

O homem começa a falar, e a multidão se cala para ouvir. — Meu irmão, Lorde Tylin, morreu recentemente em uma guerra constante contra os rebeldes das Terras Distantes, as anomalias dos Fae que tentariam reivindicar nosso mundo. Ele deixa para trás esses cinco escravos, capturados como espólios de guerra.

Kayla balança a cabeça. — O irmão dele não morreu na guerra. Ele morreu em uma briga de bar contra um Shade. O Shade foi enforcado em silêncio e sem julgamento, apesar de Tylin ter iniciado a luta. Essa coisa toda é uma farsa.

— Fen não pode fazer alguma coisa? — Eu pergunto.

— Fen é um bom homem, mas ele é míope em seu foco. Ele não tem ideia do que está acontecendo em seu reino. Seu único foco é a guerra.

A licitação começa, e muitos homens e mulheres de aparência rica aumentam a oferta. Há um homem, um vampiro na parte de trás, com cabelos brancos e olhos frios, que continua aumentando a oferta. Ele faz minha pele arrepiar, embora ele não tenha me notado. Não tenho ideia de qual é o meu plano, ou por que faço o que faço, mas dou um passo em frente e ofereço o lance mais alto que posso imaginar pelas meninas.

Kayla olha para mim, chocada. Todos na multidão olham para mim. Eu quero recuar e me esconder, mas fiz minha jogada e não posso voltar atrás agora. — Eu quero comprar todas as cinco garotas — eu declaro para todos.

Os soldados rondando as multidões andam até mim, ameaçadoramente. Kayla puxa sua espada e a segura ao seu lado. Eu gostaria de ter uma espada, mas eu me consolo com a adaga que tenho no meu quadril.

Barão expõe seus dentes para os guardas e Kayla se aproxima de um deles, levantando sua espada. — Você se atreve a ameaçar sua futura rainha?

O homem no pódio assobia, e todos eles se levantam.

— Por que todo mundo está agindo tão estranho? — Eu sussurro para Kayla.

— Porque aquele homem com o cabelo branco é um Príncipe do inferno, e você acabou de desafiá-lo — ela diz em voz baixa. — Provavelmente ele já tinha um acordo com o irmão de Tylin para comprar os escravos com um desconto em troca de um favor.

Eu olho para o homem de novo, e desta vez ele me observa. Seu rosto está duro, e fico com a impressão de que ele me atacaria no local, se não fosse por todos ao nosso redor.

— Que príncipe é ele?

— Levi, o Príncipe da Inveja — diz ela. — Tenha cuidado com ele.

Levi me supera, e eu contra-ataco. Eu tenho estudado as finanças de Fen e os assuntos de seu reino por algumas semanas agora, e sinto que tenho uma boa noção do que ele pode pagar. Nós temos isso. Espero.

Levi finalmente para de licitar, e eu sou declarada a nova dona das meninas. Eu ordeno que meus próprios guardas, Marco e Roco, escoltem as meninas de volta para o castelo em segurança, e para pedirem a Kara e Julian para cuidar delas. Marco argumenta comigo, mas eu insisto que vou ficar bem sem ele, e Kayla promete que ela e Barão vão me manter segura, então ele finalmente concorda.

A multidão se dispersa e eu respiro fundo, adrenalina ainda pulsando através de mim. — Isso acontece com frequência?

— Quando há novos prisioneiros de guerra, o que acontece com bastante frequência, ou quando alguém da nobreza morre, o que acontece com muito menos frequência — diz ela. — Vampiros não são fáceis de matar, mas é possível. Fae não são muito fáceis de matar também.

— E Shade? — Eu pergunto.

— De certa forma, somos os mais difíceis de matar de todos.

Ela pisca para mim e eu sorrio, mas desaparece rapidamente quando penso no que acabamos de testemunhar.

— Como você pode aguentar, ver seu próprio povo ser leiloadado como gado? — Eu não quis dizer a minha pergunta como uma crítica, mas ela retruca de qualquer maneira.

— Eles não são o meu povo. Os Fae odeiam Shades. Eles matariam todos os vampiros, metade da minha família de sangue, se pudessem. Minha mãe era Fae, sim. Ela passou seus dias lavando o chão de joelhos e suas noites com homens que ela desprezava. Ela nunca lutou por si mesma. Por sua família. Ela era fraca. Eu não posso ser fraca. Não me encaixo em nenhum mundo, mas pelo menos aqui, com Fen, eu sou aceita e recebo um lugar de respeito. Isso não seria o mesmo nas Terras Distantes, ou em qualquer outro lugar. Então, tomo o que posso e faço o melhor para viver minha vida com algum tipo de paz.

Não sei o que dizer, então não digo nada. Em vez disso, eu coloco minha mão na dela e aperto. É uma demonstração silenciosa de apoio. Uma maneira de dizer que, embora eu esteja confusa e em conflito sobre as regras deste mundo, eu ainda me preocupo com ela e a aceito como ela é. É o melhor que posso fazer, mas parece ser o suficiente.

Voltamos ao estande e escolho um colar de rubi forrado de prata e diamantes. Então nós retornamos à forja, e conforme o dia avança, noto uma mudança sutil no meu relacionamento com Kayla. Eu não sou mais designada a varrer o chão e guardar ferramentas. É como se eu tivesse me provado, de alguma forma.

Ela finalmente começa a me ensinar o ofício de ferreiro. — Você começará com sua primeira espada — ela disse. — Eu vou ajudá-la a fazer isso, do começo ao fim. É a única maneira de aprender.

E então começamos com ferro e transformamos em aço. E o processo começa. Uma verdadeira alquimia. Como eles, estou me tornando algo novo. Algo que não compreendo bem. Já sinto há algumas semanas, mas não tive palavras para articular. Há algo em mim me empurrando para ser livre. Um poder bruto, preso pelo treinamento, pelo meu mundo, pelo meu passado. Mas estou crescendo. Estou moldando meu corpo e mente com a mesma certeza que estou moldando minha espada de aço. Logo, vou me tornar algo novo.

* * *

Naquela noite, durante o jantar, Fen espera que eu aborde o tema dos escravos que adquiri. — Eu suponho que você já ouviu falar — eu digo, tomando minha bebida e observando sua linguagem corporal através da mesa.

Ele olha para o jantar enquanto fala. — De fato, acho que todos os reinos já ouviram neste momento.

— Eu entendo que Levi não está feliz?

Fen bufa. — Levi nunca é feliz. É um subproduto de sua maldição. Eu acho que a inveja é o pior de todos os sete pecados. Nunca se contentar com o que você tem. Sempre cobiçar o que os outros possuem. Maneira miserável de viver.

— Você está zangado?

Finalmente, ele olha para mim, seus olhos azuis penetrantes segurando os meus. — Eu deveria estar?

Eu dou de ombros. — Eu não tenho ideia. Você não compartilha muito estes dias.

— Eu não estou zangado, Arianna. Eu admiro o que você está tentando fazer. Mas você deve saber, você não pode salvar todos. Não é

assim que este mundo funciona. Há mais na nossa história do que você entende.

Eu me arrepio com isso. — Eu tenho feito minha pesquisa. Kal tem me ajudado a entender.

Ele balança a cabeça. — Você pode pesquisar a história deste mundo, mas você não pode aprender através das palavras o que aprendi através do sangue.

Eu exalo com isso, meu corpo caindo na minha cadeira. — Eu tenho que tentar, Fen. Eu tenho que pelo menos tentar ajudar as pessoas que precisam.

Pela primeira vez em semanas, ele estende a mão para a minha e a segura na sua. O calor e a força dele pulsam através de mim, e meus dedos correm sobre a marca de demônio em seu pulso, memorizando as curvas e padrões. Sua maldição. Seu dever.

Um silêncio pesado preenche o espaço entre nós, nos conecta de uma maneira palpável. Eu o respiro, sinto seu pulso, me deleito com todas as palavras não ditas entre nós. Há muito o que eu quero dizer. Tanto que eu quero que ele entenda, e tanto que eu quero saber.

Estou prestes a tentar, prestes a abrir minha boca e meu coração, e dizer a ele o que estou sentindo, quando um jovem entra correndo na sala de jantar. Ele se curva e entrega a Fen um pergaminho selado com cera. — Disseram-me para entregar isso a você imediatamente, Sua Alteza.

— Obrigada — digo ao mensageiro. — Peça ao nosso cozinheiro para pegar algo para você comer e beber antes de sair.

Ele se inclina para mim, murmura um obrigado e nos deixa.

Fen lê a carta rapidamente, franzindo a testa profundamente. Quando ele termina, ele se levanta abruptamente e amaldiçoa.

— Qual o problema? — Eu pergunto, de pé também. Barão levanta como nós, as orelhas levantadas, dentes à mostra, pronto para lutar contra o que está deixando seu mestre irritado.

— Você deve ter realmente irritado Levi. Ele está insistindo que te leve para Castelo Principal esta noite para conhecer os príncipes.

— Mas isso não deveria acontecer por mais uma semana. Eu sequer tenho o meu vestido ainda.

— Asher mandou entregar esta tarde. Está no seu quarto.

— É tão tarde — eu argumento. Isso não parece certo, mas não tenho certeza do porquê.

— Nós temos que ir. O Conselho decidiu.

— Por que você nunca está lá quando eles decidem coisas sobre mim? — Eu pergunto.

— Porque eu nunca sou informado até depois do fato. — Ele praticamente rosna, e eu posso dizer que seu temperamento está por um fio.

— Isso não parece suspeito para você?

— É verdade. Mas você estará segura. Levi não ousaria fazer uma jogada com você lá.

Eu concordo. — Eu vou me arrumar.

* * *

Eu tomo banho no chuveiro da cachoeira, então Kara e Julian escovam e secam meu cabelo e me ajudam a me vestir. Eu visto o colar que Kayla me emprestou, e quando me olho no espelho, tenho que admitir que pareço uma princesa.

Eu sorrio. — Obrigada, senhoras.

Ambas fazem uma reverência.

Eu me volto para elas. — Eu não tive a chance de falar com vocês sobre os escravos que comprei hoje. Eu quero que elas sejam bem tratadas. Por favor, certifiquem-se de que elas tenham um emprego confortável e estejam sob os cuidados de pessoas nas quais vocês confiam.

Julian acena. — Nós vamos.

— Eu vou verificar quando tudo isso terminar.

Como última precaução, eu amarro minha adaga na parte interna da minha coxa. Apenas no caso.

Encontro Fen lá embaixo, na entrada do castelo. Ele está mais bonito do que eu já vi, um colete preto com botões dourados e uma camisa vermelha por baixo. — Você pegou emprestado isso de Asher? — Eu pergunto com um sorriso agradável.

Ele estreita os olhos para mim. — Não. Eu sei como me vestir apropriadamente para uma ocasião formal.

— Você parece bem — eu digo. — Mas eu prefiro você em couro.

Eu pisco para ele e endireito a lapela do casaco dele. Nossos corpos estão próximos. Desta vez, não estamos segurando espadas; ele não está me ensinando a matar alguém. Desta vez somos apenas nós, então eu me aproximo mais. Ele segura minha mão, apertando-a contra seu peito.

— Eu tenho algo para você — diz ele.

Eu recuo enquanto ele tira uma pequena bolsa de couro do bolso e me entrega. — Eu pedi a Kayla para fazer isso.

Quando eu abro a bolsa, lágrimas queimam meus olhos. No interior, encontra-se um anel de ouro branco com um cristal Estrela-Cadente no centro e belos desenhos de raiz nas laterais. Eu deslizo no meu dedo do meio e admiro. — Obrigada — eu sussurro.

— De nada. — Ele estende o braço, e eu deslizo o meu no dele, enquanto andamos através de Stonehill até o barco que nos levará ao Castelo Principal.

Eu sei que isso é difícil para ele. Difícil para nós dois. Por que se aproximar de alguém que vai deixar você em menos de um mês?

Mas este anel é um lembrete. Existe algo entre nós. E não importa o que aconteça, eu sempre serei grata a Fenris Vane.

* * *

Quando chegamos, seguidos por Marco e Roco, somos recebidos por seis guardas armados. Eles nos escoltam até o salão de baile, onde os pisos brilham com ouro e pinturas de guerra cobrem o teto arqueado.

Mais guardas, vestidos com armaduras vermelhas e pretas, revestem as paredes e portas.

— De quem são esses homens? — Eu pergunto a Fen, me agarrando ao braço dele.

— Levi — ele diz com um grunhido.

O salão de baile está vazio, exceto por nós e os guardas. Uma plataforma elevada, esculpida em mármore, fica no meio. Um dos guardas agarra meu braço. — A princesa deve...

Fen segura o pulso do homem, torcendo-o até o guarda cair de joelhos. — Você não vai tocar — rosna o príncipe.

— É claro. Desculpas, Sua Alteza. — Ele olha entre Fen e eu enquanto fala, claramente inseguro com qual de nós deveria se desculpar primeiro. Depois de um momento, Fen libera seu aperto.

O guarda se levanta, embalando seu pulso machucado. — A princesa deve se situar no centro. — Ele aponta para a plataforma com o braço bom.

Finn está prestes a discutir, mas eu coloco uma mão nele. — Eu vou ficar bem. Vamos acabar com isso.

Eu ando até a plataforma. Fen mantém Barão ao seu lado. Uma vez que eu estou 'situada', as luzes flutuantes na sala de baile oscilam, e somos deixados em total escuridão. Uma esfera amarela brilhante começa a cintilar, me cegando. É um holofote e eu sou o foco. Eu ouço os outros entrarem na sala, presumivelmente os outros príncipes, mas não consigo vê-los.

— O que é isso, Levi? — Fen exige.

— É apenas a nossa maneira de conhecer a princesa. — Sua voz é fria e suave como pedra polida. — Você a teve sozinha por tempo suficiente.

— Todo mundo vai ter tempo com a princesa — diz Asher sem rodeios. — Não há necessidade de se preocupar.

— Diz o homem que já a conheceu — outra voz diz.

— Oh, Niam, nosso irmão aqui te puxou para outra de suas tristes teorias de conspiração? — Pergunta Asher. — Você sabe que Levi é sempre amargo, mas você não deveria deixá-lo chegar até você também.

— Nós apenas achamos melhor que todos tenhamos uma chance de conversar com a princesa — diz Niam.

— Ela é o grande prêmio. — Outra voz diz.

Eu o reconheço de apenas uma reunião. Dean, o Príncipe da Luxúria. Desta vez, meus joelhos não ficam fracos.

— Parece curioso que muitos de nós não tenham sido convidados para a recente reunião do Conselho, onde tantas dessas decisões foram tomadas — disse Asher, que parece ser o mais equilibrado neste momento. Tenho certeza de que se Fen tentasse falar, ele apenas começaria a lutar.

— O que podemos dizer — diz Levi. — Você esteve terrivelmente preocupado com outros empreendimentos ultimamente, Asher. Onde você tem desaparecido tantas vezes?

— Alguns de nós têm trabalho real a fazer — diz Asher. — Não podemos simplesmente sentar o dia todo desejando que tivéssemos o que nossos irmãos têm.

Há um baque. Então um gemido, e então Asher ri. Eu suspeito que Levi deve ter lhe dado um soco.

— Agora, agora, irmãos — diz uma nova voz. — Estamos aqui. A princesa está aqui. Vamos continuar com isso, ok? Tenho trabalho a fazer e não há tempo para essa tolice.

— Cale-se, Ace, — Levi cospe. — Você não está no comando aqui. Ace ri. — Nem você, querido Levi. E isso te incomoda, não é?

— Qual é o plano para a nossa garota, aqui? — Asher pergunta.

Levi responde. — Nós temos algumas perguntas para ela primeiro.

— Vamos fazer isso então — diz Asher. — Quais são as suas perguntas?

Eu sugo minha respiração e exalo lentamente, tentando acalmar meus nervos. Minhas pernas tremem e não há onde sentar. Quem teve essa ideia perdeu a chance de conquistar a coroa.

— Que critérios você levará em consideração ao escolher seu cônjuge? — Levi pergunta.

Apenas sua voz me faz querer dar um soco em alguma coisa.

— Por um lado, eu vou considerar se o príncipe em questão é um completo idiota que trataria uma mulher como um animal em um circo. Alerta de spoiler, isso não me impressionará.

Fen solta uma risada rápida e eu sorrio um pouco, sabendo que ele vai ver.

Ouçoo a voz de Niam ao lado. — Então você já desenvolveu opiniões sobre os príncipes que você não conheceu?

— Minhas opiniões vêm da minha experiência direta com você. Para alguns, isso é um bom augúrio. Para outros, vamos apenas dizer que você está definitivamente causando uma impressão, mas não uma favorável.

As luzes estão quentes e minha garganta está secando. Um fio de suor escorre pela minha espinha, fazendo minha pele coçar. Alguém pigarreja para fazer outra pergunta, mas eu interrompo. — O que é isso? Por que vocês estão se comportando como crianças mimadas brigando por um brinquedo? Vocês realmente acham que isso me impressiona? É meu entendimento que...

— Você não fala com um príncipe assim! — Levi ruge.

— E você não fala com a princesa e a futura Rainha assim — Fen diz em sua voz profunda e grave.

— Eu pensei você não queria se envolver — diz Niam. — Parece que você está bem investido nisso agora.

— Chega! — diz Levi. — Está claro que não conseguiremos mais respostas dela. É hora da revelação.

Eu endureço. Sua voz soa lasciva e meu estômago revira.

Dean sorri. — Parece delicioso.

Levi continua. — Princesa, você deve se despir e se apresentar a nós para exame. Se você insistir, os guardas serão forçados a terminar o trabalho.

— Seu desgraçado! — Eu grito.

Alguém estala. — Guardas!

Quatro homens armados se aproximam de mim. Eu chuto um no joelho. Ele tropeça. Alguém me agarra por trás. Mãos puxam meu vestido. Elas arrancam minhas roupas.

Barão rosna. Ele pula na luz, derrubando um dos homens no chão.

Lágrimas queimam meus olhos. Não de tristeza. De raiva.

Eu pego a adaga da parte interna da minha coxa.

E apunhalo um guarda no braço.

Seu aperto se solta. Mas ainda há dois pares de mãos em mim. Eles arrancam o que resta do meu top. Eu os golpeio, gritando e cuspidando. Um deles agarra meu pulso. Ele é forte, muito forte, meus dedos doem, eu deixo cair a adaga.

E então ele está lá, Fen.

Ele agarra um guarda pela garganta e aperta. O pescoço do homem explode com pedaços de sangue, carne e osso. O outro homem tropeça para trás. Implorando por sua vida. É tarde demais.

Eles desencadearam o Príncipe da Guerra.

Fen pula no ar. Seu joelho bate na cabeça do homem e o envia para o chão. O homem geme de dor, seu rosto uma bagunça mutilada de roxo e vermelho. Seu nariz está desmoronado. Ainda assim, eu o reconheço. O guarda que me agarrou mais cedo. Fen está acima dele. — Eu te disse para não tocá-la.

Ele bate o pé no rosto do homem.

Ele se despedaça.

Tudo fica em silêncio. Vermelho mancha a plataforma de mármore. Pedaços de osso se espalham pelo chão.

Fen encara a luz onde os príncipes restantes se sentam. Seu cabelo está escuro de sangue e ele ruge um grito de guerra desumano. — Alguém mais me desafia?

Alguém bate palmas. — Impressionante, querido irmão — diz Levi. — Nenhum desafio. Eu vou ter o meu tempo com a princesa. — Eu vejo

uma sombra se mover na escuridão. Ele desaparece por uma porta. Os outros o seguem.

Fen me passa o que resta do meu vestido rasgado, manchado de carmesim, e cubro o meu peito com os farrapos.

Asher entra na luz. — Esta é uma bagunça bem grande em que nos metemos — diz ele, olhando para baixo para um respingo de sangue que caiu em sua manga.

Fen me alcança, ignorando seu irmão. — Você está ferida?

Estou tremendo e é difícil falar. — Eu não sei. Não, eu acho que não.

Ele me abraça, me puxa com força contra seu corpo. Eu posso sentir seu coração bater freneticamente sob suas roupas. Seus músculos estão tensos e flexionados sob minhas mãos. Ele ainda está pronto para a batalha, mas posso dizer que está tentando se acalmar.

Quando ele se afasta de mim para falar com os irmãos que permanecem, percebo que não estou mais tremendo.

— Preciso levá-la para casa. — Ele se vira para Asher. — Você precisa descobrir o que Levi está planejando.

— Parece que você conseguiu o melhor resultado desse acordo — diz Asher. Mas ele não discute enquanto Fen pega meu braço e me acompanha.

* * *

Kara e Julian não falam enquanto me ajudam a tomar banho e esfregar pomadas nas minhas contusões. Quando estou na minha camisola, atravesso o corredor para o quarto de Fen e entro. Ele anda pela sala, já tomou banho e agora veste roupas novas.

Quando me vê, atravessa a sala e envolve os braços em volta de mim. Eu caio em seu toque. Nós não falamos com palavras. Ele me leva para a cama e lá, no silêncio da noite, ele me segura. Ele me segura enquanto eu xingo o passado e gemo com a dor.

Ele me segura enquanto eu choro.

A woman with long dark hair, wearing a long red dress, stands in a snowy, misty forest. To her right, a white wolf with red eyes is partially visible. The background is a soft-focus winter scene with snow-covered trees and a light blue sky.

Capítulo 11

DESENTERRANDO MENTIRAS

“Ace é brilhante. Ele também é preguiçoso, ou assim ele diz”.

— Fenris Vane

— Acho que é hora de você visitar seus amigos em casa — diz Fen durante o café da manhã.

Quando acordei esta manhã, ele já tinha saído para caçar com o Barão. Eu estava na metade da minha refeição quando eles se juntaram a mim.

Sinto uma pontada de vergonha com suas palavras. Já faz muito tempo desde que eu pensei em casa, tão imersa que estive nesta nova vida. Mas o pensamento de ver Es e Pete novamente aumenta meu ânimo e faz com que as dores e sofrimentos que eu tenha de ter sido espancada na noite passada sejam mais suportáveis. E quando fantasio sobre café, internet e toda a armadilha da modernidade que sinto falta, sorrio de verdade. Então eu gemo porque meu lábio está partido e minha mandíbula está roxa e inchada de uma contusão desagradável.

— Você deveria colocar gelo nisso — diz Fen.

— Eu coloquei.

— Sinto muito pelo que aconteceu com você — diz ele. — Eu deveria saber que não ia acabar bem. Eu vou matar Levi por isso.

— Por mais que eu adoraria torcer por você nesse desejo, isso não causaria alguns problemas? Como uma guerra interna?

— Eu sou o Príncipe da Guerra. Eles não vão ganhar de mim. E nem todos os irmãos vão se juntar a Levi.

Eu suspiro. — Vamos apenas atravessar a guerra com os Fae primeiro. Então podemos lidar com seu irmão. Mas, Fen...

Ele levanta uma sobrancelha com cicatrizes para mim, esperando. — Eu não vou passar um mês com aquele homem. Eu não vou — Estremeço com o pensamento, mas depois penso em minha mãe, em sua alma, no sofrimento que ela suportaria. — Você tem que me ajudar. Você tem que me ajudar a manter minha mãe segura.

— Você tem a minha palavra — diz ele.

Minha cabeça lateja com dor, e eu tomo um gole do meu suco, desejando que fosse algo mais forte. — Eu suponho que você não tenha aspirina ou algo assim neste mundo?

— Não. Mas eu vou pedir ao curador misturar algo para a dor. E sempre há álcool.

Eu aceno com a cabeça e dreino meu copo, então fico de pé. — Quando nós partimos?

— Eu tenho algumas coisas que eu devo resolver, mas podemos partir ao pôr-do-sol.

— Certo. Nós não podemos ir de dia, podemos?

— Não facilmente — ele diz.

Estou tão acostumado a vê-lo, todos eles, durante o dia aqui. É fácil esquecer que o meu próprio mundo não é tão hospitaleiro.

Depois do café da manhã, volto aos meus aposentos para tomar banho e me vestir para o dia. Há uma xícara quente de... algo na minha cama quando eu saio do banho, com uma nota do Fen. — Beba. Fique bem. Fique segura.

Eu cheiro, enrugo meu nariz, então bebo o mais rápido que o líquido quente permite. É ruim, mas me deixa melhor quase instantaneamente. — Abençoado seja, Fen — eu sussurro enquanto minha dor de cabeça e dores no corpo desaparecem. Eu posso estar imaginando isso, mas até minhas contusões e cortes parecem estar se curando mais rápido. Isso é muito melhor que Tylenol!

Eu ando até a forja, e Kayla me ajuda com minha espada. Nós passamos o dia inteiro nisso, fazendo um bom progresso. Eu deveria ter minha primeira lâmina em breve. Ela pergunta sobre o que aconteceu ontem à noite, e lhe conto os detalhes sombrios.

Ela me abraça. — Levi vai pagar por isso — diz ela. — Eu juro.

Eu rio, mas por dentro estou tremendo. Temo que meus novos amigos arrisquem suas vidas e as vidas de suas pessoas contra outro príncipe do inferno. Mas não tenho certeza qual é a resposta, porque Levi é uma ameaça para mim. Eu não posso ser deixada sob seus cuidados. Não tenho certeza se conseguiria sair viva.

* * *

Meu entusiasmo por ir para casa está aumentando e, quando volto ao castelo, estou pronta. Há uma batida na porta do meu quarto, e eu a abro esperando Fen, mas ao invés disso é um homem que eu não reconheço. Ele é bonito, com um rosto esculpido, cabelo escuro que é um pouco rebelde, embora curto o suficiente para não ser confuso, e uma sombra escura de barba em sua mandíbula.

Ele se curva. — É uma honra conhecê-la oficialmente. — Uma gigantesca engenhoca parecida com um relógio envolve seu pulso. Sacos resistentes e ferramentas pendem do cinto dele.

— Você é Ace — eu digo.

Ele sorri. — Como você...

— Me disseram que você é um grande inventor.

— Ah, sim. — Ele verifica seu aparelho de relógio. — Eu vim buscar você. Bem, na verdade, eu vim buscar Fen, mas ele insiste que

não pode sair sem você. Aparentemente, ontem à noite, ele se irritou. Deixe-me assegurá-la, votei contra todo esse desastre.

— Ter alguém sob sua proteção que é agredida fisicamente e sexualmente violada irrita alguns — eu digo friamente.

— Você é tão atrevida quanto Asher disse. — Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Eu não sou uma ameaça para você, Arianna. Estou aqui para ajudar. Fen está terminando alguma coisa, e ele me pediu para cuidar de você até que possamos ir embora.

— Onde estamos indo? — Fecho a porta atrás de mim e caminho com Ace pela escada sinuosa até a sala de estar. Uma lareira brilha no centro, e cada um de nós senta na frente dela. Julian nos traz duas bebidas e um prato de queijo, pão e frutas.

Ace dá uma mordida no morango e depois lambe os dedos. — Estamos indo para o Castelo Principal para desenterrar os restos mortais de meu pai.

— Então o Conselho concordou? — Eu pergunto, tomando o doce vinho.

— Não, é por isso que é só eu e Fen. E você, aparentemente — ele diz como um pensamento final. — O Conselho Superior não pode saber. Mas até Zeb concorda que devemos determinar o que matou Rei Lucian, pois não foi veneno.

— Você tem algum suspeito? — Eu pergunto.

— Levi certamente não fez nenhum favor a si mesmo. Mas nós não temos nenhuma prova de nada ainda — ele diz.

— Fen ia me levar para casa hoje — eu digo. — É parte do meu contrato, que eu pudesse ir para casa em um mês para checar minha mãe e meus amigos.

Ace se inclina para trás em sua cadeira e coloca uma uva em sua boca. — Isso vai ter que esperar. Desculpe por isso. E eu sinto sua dor. Seu mundo é extraordinário. Eu costumava ir lá muitas vezes. Não apenas para me alimentar, mas para me cercar de invenções maravilhosas.

— Você não vai mais? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça. — É muito doloroso.

— O sol?

— Não, a promessa de coisas que não posso ser. — Ele olha para mim com uma expressão agri-doce no seu rosto. — Fen disse algo sobre a nossa maldição?

— Ele não gosta de falar sobre isso — eu digo. — Eu sei apenas que cada um de vocês é amaldiçoado com o que chamaríamos de um dos sete pecados capitais. Que vocês são poderosos e imortais, mas também mortalmente feridos pelo meu sol. Vocês são vampiros.

Ele assente. — Há mais. Você notou como nós parecemos viver em uma armadilha no tempo medieval?

— Sério? — Eu pergunto sarcasticamente.

— E talvez você também tenha notado que alguns dos meus irmãos parecem... eternamente presos na falta de maturidade adolescente?

Eu rio sombriamente. — Eu me perguntava sobre isso. Com tanto tempo, tanta vida, como poderia qualquer um de vocês ficar preso em seus padrões miseráveis?

— É parte da maldição — diz ele. — Talvez a pior parte. Estamos presos no tempo, presos em todos os sentidos. Nós não podemos realmente crescer, aprender ou amadurecer além dos pontos que estamos agora. Quando estou no seu mundo, posso compreender as inovações tecnológicas que levaram a tamanha grandeza. Eu sei como eu poderia replicar isso e nos trazer para uma nova era. Mas no momento em que eu passo pelo espelho, esse conhecimento desaparece como névoa no sol. Eu me agarro a isso, me lembrando da promessa disso, mas nunca consigo manter os detalhes por tempo suficiente para fazer algo a respeito. Minhas invenções são tentativas grosseiras de capturar até uma réplica fantasma daquilo que eu conheci. Eu estava enlouquecendo cada vez que ia ao seu mundo, então eu parei de ir.

— Ajudou? Ficar aqui?

— Um pouco — diz ele, olhando para o fogo. — Um pouco. Mas essas lembranças de sonho ainda estão lá, me provocando. É melhor não saber algo do que conhecer, mas não lembrar.

Fen entra com Barão, e nós dois ficamos de pé. — Ace explicou o que vai acontecer hoje?

Eu aceno. — Vamos desenterrar seu pai.

— Ace e eu vamos cavar. Você ficará observando, perto de mim — diz Fen. — Me desculpe pela viagem para casa. Nós vamos em breve, eu prometo.

Eu aceno e caminho com eles até o barco. As noites estão ficando mais frias, e eu envolvo meu manto ao redor do meu corpo e vejo a minha respiração ficar branca quando exalo. Pelo menos será mais quente perto de Castelo Principal.

— Onde está o corpo? — Pergunto enquanto Ace guia o barco para atracar perto do castelo.

— Em um mausoléu atrás do castelo — diz Fen.

Caminhamos pela fortaleza na calada da noite, sem luar para nos guiar. Os Príncipes do inferno podem ter uma ótima visão no escuro, mas eu estou tendo dificuldades para ver.

Barão parece ser o único preocupado com a minha habilidade de caminhar na escuridão, e ele fica do meu lado para me ajudar a me guiar. Eu dou-lhe um tapinha na cabeça por sua atenção.

Uma luz azul brilha à distância. Quando nos aproximamos, percebo que são orbes azuis pairando ao redor do mausoléu. É uma estrutura gigante de pedra cinza, decorada com esculturas de batalhas e festas e um homem que se assemelha ao que eu tinha visto em uma pintura. Alto, de ombros largos, o rosto duro, presença régia. Lucien.

Ace olha para a foto de seu pai. Fen não. A porta está fechada e ele puxa a laje de pedra, seus músculos saltam sob o casaco de couro escuro.

O ar parado escapa, enchendo meus pulmões com a poeira dos mortos. Eu engasgo com isso, então dou algumas respirações de ar limpo antes de me juntar a Ace e Fen lá dentro.

É uma pequena sala, iluminada por luz azul. Um busto ornamentado de Lucian repousa sobre um pilar de mármore no centro. — Onde está o caixão? — Eu pergunto, olhando em volta.

Fen aponta para o busto. — Abaixo.

Ace suspira e abre a bolsa grande que ele está carregando. Ele puxa dois machados afiados. — É por isso que eu trouxe estes. — Ele joga um para Fen que agarra no ar sem esforço. — Comece a cavar, irmão.

Barão e eu somos expulsos do quarto pela poeira e o som de mármore quebrando, enquanto Ace e Fen destroem o busto e plataforma para chegar ao caixão.

Eu sento onde Fen pode me ver, por sua insistência, do lado de fora do mausoléu, minhas costas encostadas na pedra fria. Barão deita a cabeça no meu colo, e nós dois tentamos ignorar o barulho.

Parece demorar horas. Fen e Ace estão ambos suados e sujos quando terminam.

Eu fico em pé e me alongo, limpo o gesso do meu corpo em vão. Eu olho para o buraco que eles criaram. — Como vocês vão tirá-lo? — Eu pergunto.

Eles cavaram um espaço ao redor do caixão. Os dois homens pulam no buraco e seguram a tampa.

— Juntos? — pergunta Ace.

— Juntos.

Eles empurram o caixão, e a tampa bate no chão.

— Merda — diz Fen, olhando para dentro.

Eu me aproximo para ver e então engasgo e me afasto. — O que aconteceu com ele?

Seu corpo está escurecido e enrugado. Nada parecido com um homem. — Alguém corrompeu seu corpo — diz Ace, franzindo a testa. — Nós nunca obteremos nenhuma resposta dele agora.

Fen bate o punho na lateral do caixão. — Quem fez isso sabia que estávamos chegando.

Os olhos de Ace se arregalam. — Espere. Você acha que fui eu?

— Não — Fen pega a tampa e cobre o caixão mais uma vez. — Mas foi alguém do Alto Conselho.

Compreensão desponta no rosto de Ace. — Você acha que o voto os avisou. Eles sabiam que nós teríamos vindo até aqui sem permissão. No mínimo eles suspeitaram.

Fen aperta o ombro de seu irmão. — Arianna não pode ficar com cada príncipe. Não é seguro.

— Mas o contrato... não. Você está certo. Nós vamos encontrar um caminho.

— O que isso significa? — Eu pergunto.

— Significa que você está mais em perigo do que imaginávamos — diz Fen. — Amanhã à noite nós voltaremos ao seu mundo. Enquanto isso, mantenha seus guardas e Barão perto. Eu preciso conversar com meus irmãos em particular.

— Não faça nada estúpido — eu digo.

Ele sorri, mas é um sorriso cheio de ameaças. — São eles quem deveriam se preocupar.

* * *

Eu passo o dia seguinte trabalhando na minha espada, que está quase pronta graças à ajuda de Kayla. E naquela noite, Fen mantém sua promessa e me leva para casa.

Não demora muito para o barco chegar ao espelho mágico que nos levará de volta à mansão. Estou animada para ver meus amigos, mas a preocupação que pesa sobre Fen também me afeta. Há muitas coisas desconhecidas, muitos perigos: os Fae que tentaram me sequestrar, um assassino entre os príncipes. Tudo está ligado ao destino da minha mãe. Ainda assim, tento deixar tudo passar por algumas horas para que eu possa aproveitar o tempo no meu mundo.

— Como vou explicar quem você é para meus amigos?

— Um conhecido de negócios?

— Que insiste em estar comigo a cada momento de minha visita muito pessoal para ver minha mãe morrendo e visitar meus melhores amigos?

Ele franze a testa. — O que você sugere?

— Você vai ter que fingir ser meu namorado — eu digo.

Ele não responde, mas eu sei que o tenho.

Barão não está feliz por estarmos indo sem ele, mas como poderíamos possivelmente explicar um lobo branco gigante com a gente? Ele é muito lobo para passar como Husky ou uma mistura. Então nós o deixamos em Stonehill e prometemos voltar logo. Só tenho meio dia – ou uma noite, mas vou aproveitar ao máximo.

Quando saímos da mansão e a limusine se aproxima para nos receber, percebo que não tive que me preocupar com carros por algumas semanas, e na verdade esqueci que precisaria de um em Portland.

Estremeço enquanto subo na parte de trás. Fen se senta ao meu lado, embora houvesse outros assentos, e ele segura minha mão. — Podemos superar nossos medos — ele diz baixinho, enquanto nos afastamos da mansão.

Aperto sua mão, puxando-a para mais perto do meu corpo, apreciando o peso de seu braço sobre as minhas pernas. Eu quero mais desta proximidade, mas ele só oferece para conforto, não por prazer ou intimidade verdadeira.

Tem o resultado pretendido. Eu não tenho mais medo de estar em um carro. Talvez tudo que eu tenha passado no inferno tenha me mudado. Eu respiro profundamente e sorrio, desfrutando de um passeio de carro pela primeira vez na minha vida.

— Eu suponho que você vai querer ver sua mãe primeiro.

Eu aceno, e vamos para o hospital. É um choque cultural, estar de volta a Portland. A cidade é muito barulhenta, brilhante demais, *diferente* demais. Estou usando minhas roupas velhas e o sobretudo de Fen, e tenho meu celular. Eu me troquei quando chegamos à mansão. O mesmo fez Fen, que ainda parece selvagem e indomável. Me sinto mais

como eu do que sentia nas últimas semanas, mas menos em casa. Isso não faz sentido para mim.

Envio uma mensagem de texto para Es no caminho para o hospital.

Ei garota, estarei aqui por algumas horas. Estou checando minha mãe e esperava podermos nos encontrar para tomar um café?

Sua resposta é quase imediata.

Omgomgomgomg. Eu senti muito sua falta! Onde eles estão mantendo você trancada? Sem telefone? Sem internet? Sem amor?

Fen está lendo por cima do meu ombro e franze a testa. — Você não pode dizer a verdade.

Eu reviro meus olhos para ele. — Não diga.

Não estive trancada. Apenas super ocupada. Estamos fazendo reuniões internacionais, muitas áreas sem internet, mas a maioria do tempo apenas enterrada em livros e pesquisas. Omg muita pesquisa. Minha cabeça pode explodir de tudo.

Não totalmente mentira, também. Ler à luz de velas até altas horas da noite não é bom para a cabeça.

Mal posso esperar para ver você. Venha para o Roxy depois de ver a sua mãe. Eu vou dar uma pausa. Todo mundo gostaria de vê-la.

Eu sorrio.

Eu vou. Tem alguém para você conhecer também. <3

Eu abaixo meu telefone enquanto estacionamos, sabendo que Es estará morrendo de curiosidade pelo suspense. Nem me incomodo em verificar as mensagens, textos e telefonemas que ela e Pete estão enviando. Meu Facebook explodiu com muitas tags e comentários para eu verificar. Quem sabia que eu era tão popular até desaparecer, literalmente, da face da terra.

Minha mãe foi transferida para uma sala privada na ala de cuidados de longa duração, como prometido por Asher, e confirmo com a enfermeira de plantão que ela está recebendo o melhor cuidado disponível. Quando entramos no quarto dela, está cheio de flores frescas

e as cortinas estão abertas para deixar entrar alguma luz. — Eu me pergunto quem mandou as flores.

Eu procuro por um cartão, mas não há um. Fen limpa a garganta, como se ele fosse culpado de alguma coisa. — Eu pedi para que elas fossem enviadas regularmente, então ela teria algo novo e bonito em seu quarto.

Eu respiro fundo e tento manter as lágrimas afastadas dos meus olhos pela sua consideração. Eu o surpreendo com um abraço, descansando minha cabeça em seu peito. Seus braços me envolvem um pouco relutantemente, enquanto o agradeço.

Sua resposta é rouca e autoconsciente, e eu me afasto para ver minha mãe.

Ela parece bem o suficiente, considerando todas as coisas. Sua cor é boa e todas as suas máquinas parecem estar funcionando como deveriam. Eu pego a mão dela e ela parece mais fria do que eu imaginava. Meus dedos traçam o contorno de sua marca demoníaca que combina com a minha.

— Olá, mamãe. Sou eu, Ari. Você está bem?

Eu sei que ela não vai responder, mas eu falo com ela de qualquer maneira, dizendo coisas que não deveria contar a ninguém, mas ela está inconsciente e não consegue ouvir. E mesmo que pudesse, ela fez um acordo com um demônio, obviamente ela sabe sobre essas coisas. Fen não me impede, então apenas converso e falo até que não consigo pensar em mais nada a dizer.

Estivemos lá por horas quando Fen verifica seu relógio. — Nós deveríamos ir, se você quiser ver seus amigos.

É difícil dizer adeus, sabendo que levará outro mês antes que eu possa vê-la novamente. Sabendo que será sete meses antes que ela fique livre dessa maldição. Mas eu beijo sua testa e saio com Fen ao meu lado.

Ele pega minha mão novamente. Para consolar, é claro, mas eu agradeço mesmo assim.

Pegamos a limusine para o The Roxy, e embora seja a hora mais movimentada da noite, todos em serviço tiram um tempo para dizer oi.

Es está mais animada quando pendura o avental preto e grita que está saindo um pouquinho.

Ela continua me abraçando e pegando minhas mãos, ao mesmo tempo tentando limpar as lágrimas sem estragar a maquiagem enquanto andamos pelas ruas escuras de Portland.

— Garota, eu senti saudades. Você nem sabe o quanto.

Eu fungo com minhas próprias lágrimas e sorrio. — Eu senti sua falta também. Es, eu gostaria que você conhecesse Fen. Fen esta é Es, minha melhor amiga.

Es estuda o homem ao meu lado, sua sobrancelha levantada. Ela estende a mão para um beijo, e ele a beija. Ela ri e bate palmas. — Oh Fen, é um prazer conhecer você. Diga, você trabalha com a Ari?

— De certa forma, sim.

— Você sabe o cara que estive aqui e me ofereceu o trabalho? — Eu pergunto, falando de Asher.

— Como eu poderia esquecer?

— Ele e Fen são irmãos.

Eu juro que Es está prestes a desmaiar. — Você sabe que se eu não fosse comprometida, eu estaria perguntando se há mais de vocês garotos vieram.

Eu rio. Há, de fato, mais cinco e eu tenho que casar com um.

— Como você está, Es? O que está acontecendo? — Eu não tenho muito tempo sobrando, então eu tenho que aproveitar tanto quanto possível

— Nós sentimos sua falta — ela diz. — Muito. Mas as coisas estão indo bem. Viver em sua casa tem sido uma dádiva de Deus absoluta. Obrigada por isso.

Eu sorrio, feliz por estar ajudando. Então ela para de caminhar e aperta minhas mãos. — E a melhor notícia de todas... eu tenho o suficiente para a cirurgia. Está marcada para o próximo mês. Espero que você possa voltar para isso.

Eu a abraço e grito. — Essa é uma notícia incrível. Estou muito feliz por você. — Então eu franzo a testa e me afasto. — Es, eu não sei se poderei estar lá. Vou tentar, eu juro.

Es olha para Fen e depois de volta para mim. — Sabe, eu mantenho os sorrisos e brincadeiras porque eu amo você. Mas não sou um idiota, Ari. Eu sei quando estou sendo enganada. O que realmente está acontecendo?

Eu respiro fundo e me chuto por ser tão tola. É claro que eu não poderia fazer isso sem que ela soubesse que algo estava acontecendo. Fen me olha como se eu precisasse de mais um aviso para não derramar os feijões secretos. — Eu estou bem, Es, eu juro. É... complicado, mas o que eu estou fazendo é para ajudar minha mãe.

Eu estou usando um casaco que cobre meus pulsos, mas como Es segura minhas mãos, seus dedos deslizam sobre a marca. Ela puxa minha manga para cima e olha. — O que é isso? É como a da sua mãe!

Eu puxo minha mão para trás e cubro a marca com o casaco de Fen. — Não é nada. Nada com que você deva se preocupar.

Es dá um passo para trás, sua expressão de traição e mágoa. Ela caminha até Fen e aponta para o peito dele. — Isso é o que você está fazendo? Você está machucando ela?

— Es, ele não está me machucando, ele está me ajudando — eu digo, tentando empurrar entre os dois.

Eu dou um olhar de advertência para Fen e ele concorda, parecendo entender que minha melhor amiga está fora dos limites. Es me olha de novo.

— Você mudou — diz ela. — É como se você fosse uma estranha. — Ela se afasta, em direção a um bar com um sinal aberto vermelho brilhante. Ela coloca a mão na porta. — Eu vou usar o banheiro feminino para recuperar a compostura. Com licença.

Eu fico em pé, atordoada, quando ela entra no bar, nos deixando sozinhos na calçada. — Se ela descobrir a verdade, ela estará em perigo — Fen diz.

Eu limpo uma lágrima. — Ninguém vai saber que ela suspeita de algo, e eu não vou dizer nada a ela. Ela deve ficar segura, Fen. Ela é a única família que eu tenho além da minha mãe.

Fen assente. — Eu não vou dizer. Mas tenha cuidado com ela, Ari.

— Eu vou.

Nós esperamos um pouco mais, mas algo não está certo. Ela está demorando demais. Fen me segue até o bar lotado e eu vou até o beco onde estão os banheiros. O ar cheira a cigarro e bebida.

Três homens corpulentos cercam Es. Suas palavras são arrastadas e seus passos vacilantes. O maior dá um empurrão nela. — Ei, traveco, vamos ver seu pau!

— Eu não acho que você tenha as partes certas para este banheiro, traveco — diz outro.

— Afastem-se — eu grito para eles.

Eles ainda não viram Fen. Ele está escondido pelas sombras. Então eles riem.

Grande erro.

Fen sai da escuridão. Eles recuam — O que está acontecendo aqui? — Fen rosna.

O maior, que parece ser o líder, sorri. — Você não consegue ver por si mesmo? Essa aberração está tentando entrar no banheiro das garotas. Provavelmente para molestar e estuprar alguém.

Fen dá um passo à frente. — O que eu vejo é uma dama tentando usar o banheiro. E patéticas desculpas de homens tentando impedi-la. — Ele olha para Es. — Vá em frente e use o banheiro. Eu vou ter uma conversa com nossos novos amigos aqui.

Es olha para mim, e eu aceno e me junto a ela no banheiro.

Há baques lá fora. Gritos e gemidos. Eu não sei o que Fen fez com esses caras, mas eles se foram quando voltamos. Es caminha até Fen, e eu prendo a respiração esperando.

Ela estende a mão. — Obrigada.

Eles balançam. — De nada. Você merece ser tratada como a dama que é.

Acho que Es vai chorar. Eu sei que vou. É de se admirar que eu esteja me apaixonando por este homem?

Nós caminhamos de volta para o The Roxy, e quando estamos prestes a sair, ela me puxa para um abraço. — Eu não direi nada a ninguém. Nem mesmo a Pete. Eu não sei o que está acontecendo, mas aquele homem está apaixonado por você, então eu sei que ele vai mantê-la segura.

Eu engulo um soluço. — Eu te amo, Es. Sinto muito.

Ela enxuga uma lágrima do meu olho. — Também te amo, garota. Esteja segura.

Quando voltarmos para a limusine, eu me sinto com mais saudades do que nunca. Mas a casa que eu sinto falta é Stonehill, não Portland.

A woman with long dark hair, wearing a long red cloak over a white dress, stands in a snowy, forested landscape. She is looking towards the viewer. The background shows snow-covered trees and a bright, hazy sky.

Capítulo 12

TERRAS DISTANTES

“Daison, eu gostaria que você conhecesse a Princesa Arianna, convidada do Príncipe Fenris. Princesa, este é o meu aprendiz que fala antes de pensar, Daison”.

— Kayla Windhelm

Demora mais três dias até que minha espada esteja finalmente pronta. Parece surreal que eu ajudei a fazer a beleza que eu tenho em minhas mãos.

Kayla sorri como uma idiota. — Você fez um trabalho incrível, Ari.

Eu olho para ela e sorrio. — Eu realmente acho que isso foi mais você do que eu. Mas obrigada.

Eu trabalhei no pingente de pedra que Es me deu no punho, e Kayla me ajudou a fazer desenhos elaborados no aço, para que não fosse apenas um tipo de lâmina, mas uma verdadeira obra de arte.

Eu deslizo-a em sua bainha preta personalizada e pratico o desembainhar da espada. Ela está pendurada em um dos lados do meu quadril, com a adaga que Daison me deu no outro.

O menino está nas sombras, radiante. Ele ficou mais confortável comigo recentemente, e nós caímos em uma camaradagem que eu gosto. — Você é uma ferreira natural — diz ele.

Eu estou prestes a discutir, mas Kayla me corta. — Ele está certo. Você tem um dom para isso. Espero que você continue praticando quando for embora.

Eu não gosto de pensar em deixar Stonehill, mas meu mês terminará em breve. Eu deveria ir para Dean depois. Kayla sabe como me sinto sobre isso, e ela aperta minha mão. — Isso também passará — diz. — E então você poderá escolher com seu coração.

— Você sabe que eu não posso. — Minha respiração engata. — Você sabe que ele não quer isso.

— Meu irmão tem muitos segredos que o mantêm preso em sua própria escuridão. Você pode ser aquela que pode ajudá-lo a entrar na luz. Não desista dele ainda.

Eu aceno com a cabeça e afasto pensamentos infelizes enquanto balanço minha espada, praticando os movimentos que Fen me ensinou durante semanas de treinamento. Eu tenho músculos onde nenhum existia antes, pelo menos nenhum que você pudesse ver. Eu até defini o abdômen. Estou muito impressionada comigo mesma, para ser honesta.

— Qual é o nome dela? — Daison pergunta.

— O quê?

— Toda espada adequada precisa de um nome. Como você vai chamar a sua?

Eu levanto a lâmina, admirando os redemoinhos e águias gravados no aço. — Spero. Significa esperança.

— Apropriado — diz Kayla.

Daison encolhe os ombros. — Eu teria escolhido algo como Dragonslayer ou Heartbreaker.

Eu embainho Spero e suspiro. — Você se importa se eu sair mais cedo hoje?

Kayla ri. — Me deixa adivinhar, você quer mostrar sua espada para Fen?

Eu coro. Eu sou muito fácil de ler. — Basicamente.

Ela me empurra para fora da ferraria. — Vá. Mostre. Você merece isso. Mas espero que você esteja de volta amanhã pronta para trabalhar.

Eu a saúdo com seriedade simulada. — Sim, senhora.

Ela revira os olhos para mim. — Garota atrevida. Vá embora.

Eu ando rapidamente de volta para o castelo, apreciando o peso do aço no meu quadril. Eu me sinto como uma criança no Natal e mal posso esperar para compartilhar minha emoção com Fen.

Ele está na arena de treinamento falando com seus soldados quando me aproximo.

Seus olhos caem para o meu quadril, e ele levanta aquela sobrancelha sexy com a cicatriz. Os soldados nos deixam, e ele caminha até mim — Está terminada?

— Sim! — Eu desembainho Spero e entrego a ele para examinar.

Ele estuda o desenho, depois levanta a lâmina e considera seu peso e equilíbrio antes de me entregar de volta. — Você fez bem. É um ajuste perfeito para você. Você está pronta para começar a treinar com o verdadeiro aço?

Eu aceno.

Ele sorri. — Muito bem. Prepare-se. — Ele puxa sua espada, e nossas lâminas se chocam enquanto ele me leva através de uma de nossas rotinas de luta.

Eu posso sentir a diferença em usar uma espada real ao invés de uma de madeira, e eu sei que vou precisar ficar ainda mais forte para ser uma lutadora decente. Trabalhar na forja ajudou a construir músculos, mas eu preciso de mais vigor do que tenho. Eu sei que tenho potencial inexplorado em mim. Eu só preciso me esforçar mais.

Estou suando muito quando um mensageiro corre até nós como se estivesse sendo perseguido por leões. — Príncipe Fenris! Você deve ajudar! Os Fae estão nas muralhas.

Meu coração cai no meu intestino. Eu congelo, mas não Fen. Ele já está gritando comandos, reunindo tropas.

Ele se vira para mim e agarra meus braços com tanta força que eles vão machucar. — Entre no castelo e faça uma barricada até eu voltar. Estou enviando Roco e Marco com você para proteção.

— Não, Fen. Eu não vou me esconder quando as pessoas em Stonehill precisam de ajuda. Eu vou encontrar a Kayla. Podemos evacuar a cidade enquanto você e seus soldados lutam contra o ataque.

Ele franze a testa. — Você é importante demais para arriscar.

— Eu não sou uma propriedade, e não sou um adereço político para ser usado quando lhe convier — eu argumento. — Eu faço minhas próprias escolhas.

— Eu poderia trancá-la em seu quarto até que eu retornasse. — Ele parece sério, e posso dizer que ele está preocupado.

— Fen, me escute com cuidado. Se você me trancar, as consequências não serão facilmente desfeitas.

Ele coloca a mão no meu ombro. — E se você morrer ou se machucar, essas consequências me desfarão. Não morra, princesa.

— Eu não vou.

Ele finalmente assente. — Tudo bem, mas fique dentro das muralhas da cidade. Há uma saída secreta através das montanhas. Kayla vai saber onde fica. Leve-os para fora e vá para a segurança. Eu te encontrarei.

Eu considero se devo usar meu cavalo ou apenas correr, e eu decido correr. A forja de Kayla não é tão distante, e não tenho tempo para lidar com meu cavalo.

Neve pesada cai do céu. Ela se agita sob meus pés enquanto refaz as pegadas que deixei há apenas alguns minutos atrás.

Minha mente está focada quando me aproximo do centro da cidade. Os soldados de Fen tomam a formação nos portões e os arqueiros cobrem as paredes. Eu corro para a forja de Kayla e conto o que está acontecendo.

Ela olha para Daison, que largou a pinça. — Toque a campainha e alerte as pessoas — diz Kayla. — Precisamos tirar todo mundo.

Quando ele sai, ela puxa uma bolsa de couro do balcão e começa a encher com ataduras, frascos e potes que ela mantém em uma prateleira em caso de ferimentos. — Me passe aquele ali — ela diz, apontando para um pote cheio de lama marrom na prateleira atrás de mim. Eu entrego para ela.

— Temos que nos apressar — diz ela. — Vá ajudar Daison a reunir as pessoas. Nós devemos guiá-las através da passagem da montanha rapidamente. Há uma tempestade se formando hoje à noite. Se não formos rápidos o suficiente, estaremos encurralados pela neve.

Ela empurra a bolsa para mim enquanto enche outra. — Mantenha isso com você, apenas no caso.

Eu pego dela. — Eu vou! — Eu corro e encontro Daison.

Ele toca o sino da cidade e grita para as pessoas se apressarem. — Não temos muito tempo. Invasores estão chegando!

Isso os fazem andar mais rápido, e o zumbido começa a se espalhar. Os Fae das Terras Distantes estão aqui. Eles estão aqui para matar, roubar e estuprar.

Para apressar as coisas, eu vou de porta em porta, compartilhando as notícias o mais rápido possível, ajudando a arrumar quando necessário, carregando bebês e guiando crianças pequenas enquanto seus pais fazem as malas. Ao fazer isso, tenho pequenos vislumbres dessas vidas de clausura. Eu vejo as coisas que eles mais valorizam e as coisas que eles estão dispostos a queimar, se necessário. Eles são pessoas práticas, na maioria das vezes, escolhendo comida, roupas, roupas de cama, mas quase todo mundo também tem um ou dois itens sentimentais que não podem deixar para trás. Um livro especial, uma joia apreciada. Uma mulher trouxe o velho kit de barbear do marido, embora ele esteja morto há muitos anos.

— Eu não posso deixar isso para trás — ela me disse. — Ainda cheira como ele.

Não posso suportar pensar que esta cidade mágica de cristal pode ter sumido ao anoitecer, se Fen e seus soldados não conseguirem manter os invasores fora. E percebo que não entendo a guerra de jeito nenhum.

Eu não entendo luta e sangue e a necessidade de matar outras pessoas que são diferentes de você. Eu sei que os Fae se veem como os heróis de suas próprias histórias. Todos nós fazemos isso, não é? Mas como eles podem justificar o que estão prestes a fazer? Esta aldeia não está cheia de soldados. Está cheio de pessoas comuns. Famílias que só tentam sobreviver através das suas vidas.

Kayla conduz uma longa fila de pessoas para o lado do castelo. Lá, atrás de uma cachoeira, fica a passagem para a montanha. Eu corro até a ferreira, sem fôlego. Ao longe, os sons do trovão soam. O choque de aço. Os últimos gritos de homens morrendo.

— Onde está Daison? — Kayla pergunta.

— Eu pensei que ele estava com você? Eu estava ajudando os outros a se prepararem para evacuar.

Ela faz uma pausa, enquanto as pessoas passam por ela para o lado da montanha. Está nevando de novo, e os ventos sopram com mais força do que antes. O frio me arrepia com meu manto e roupas, e eu tremo, surpresa com a rapidez com que a tempestade está caindo.

— Temos que sair daqui — diz ela. — Eu vou encontrar Daison. Você lidera todo mundo.

Ela se vira para sair, mas eu pego sua mão. — Kayla, eu não sei o caminho. Só você sabe. Eu vou encontrar o Daison, e nós vamos alcançá-la. Ele provavelmente está apenas ajudando alguém a fazer as malas.

Eu vejo a indecisão em seus olhos, mas ela cede, sabendo que estou certa. — Ari, por favor, encontre-o.

— Eu vou. Vejo você em breve.

Eu corro de volta para a cidade, enquanto flechas ardentes voam sobre a parede e aterrissam em arbustos, celeiros e casas. Incêndios começam a ficar fora de controle.

Corro mais rápido, chamando por Daison, preocupação me roendo quanto mais tempo demoro para encontrá-lo.

Chamas se levantam ao meu redor. Fumaça me engasga. Eu puxo minha camisa sobre a minha boca e continuo procurando pelo menino.

— Daison! Onde você está?

Eu ouço um gemido atrás de mim e me viro. Uma pilha de madeira queimando. Um pé saindo. — Daison!

Eu olho em volta procurando algo que eu possa usar para mover os escombros sem me queimar e encontro uma tábua de madeira perto de uma casa terminada pela metade. Eu pego a tábua, um prego enferrujado cavando na minha pele. Eu ignoro a dor e corro de volta para Daison. Tudo ao meu redor é um caos. Fogo. Fumaça. O cheiro de carne queimada.

Eu coloco a tábua sob as madeiras em chamas e empurro para baixo. A madeira cai em minha direção, borrifando brasas, chamuscando minhas mãos. Eu sinto dor e percebo que mordi minha língua. Sangue quente enche minha boca.

Eu bloqueio a ardência da queimadura entre minhas mandíbulas, o fogo em minhas mãos. Eu aperto a tábua para frente, afastando mais a madeira. Faíscas me atingiram. Desta vez, eu não recuo. Eu empurro a prancha para frente novamente. A última das madeiras rola para longe.

Largo a tábua em chamas e arrasto Daison pelos pés. Seu corpo está sujo de fuligem pelo fogo. Parte do seu rosto se derreteu. Ele cheira a carne cozida. — Oh, Daison.

Eu não sei mais o que fazer. Eu tiro meu manto e uso-o para embalar a neve em torno de seu corpo para esfriar as queimaduras e anestesiá-lo.

Seus olhos se abrem. — Ari... — Sua voz é um sussurro frágil. Eu me inclino mais perto para ouvi-lo. — Ari, uma garotinha está presa. Ajude. Ela.

Ele tosse e seu corpo tem espasmos. Por um momento, estou congelada, minhas mãos dormentes. Então corro para a casa incendiada e grito por alguém que possa estar lá dentro. Eu ouço uma garota gritar e corro para dentro, cobrindo meu corpo com meus braços. A menina esconde-se na lareira de pedra, um dos únicos lugares que não está em chamas. Eu alcanço ela. — Venha até mim. Estou aqui para ajudar.

Ela balança a cabeça, seus cachos cor de rosa balançando ao redor de suas orelhas pontudas.

— Querida, eu não posso alcançá-la aí. Venha e vamos encontrar seus pais.

Lentamente, ela rasteja para fora. Eu pego sua mão e a puxo para os meus braços. Corro para fora, com a madeira em chamas caindo atrás de mim. Nós voltamos para Daison. Seu corpo ainda tremendo e em espasmos.

— Eu a peguei, Daison. Agora precisamos levar vocês dois para Kayla e para fora da cidade.

— Eu não posso, Ari. Salve a garota.

Eu seguro sua mão, a que não está queimada, minha garganta se contrai. — Não, isso não acabou. Você vai conseguir!

— Diga a Kayla... — Ele engasga e sangue mancha seus lábios. — Diga a ela que não é culpa dela. Ela é da família. Sempre.

Seus olhos se fecham e seu peito se acalma e meu coração se parte, tudo no mesmo momento.

Eu não sei o que fazer. Não posso deixá-lo aqui, mas tenho que levar a garota para um lugar seguro. A cidade está queimando.

Eu verifico o pulso de Daison três vezes. Então eu cubro o rosto dele com o meu manto e olho para a garota. Ele morreu tentando salvá-la. E eu vou morrer também, se for preciso.

Eu fico de pé, lágrimas manchando meu rosto e agarro a menina em meus braços. Eu a carrego além da fumaça e do entulho. Eu a levo para a cachoeira perto do castelo. Eu não sei quanto tempo demora. Eu só sei que tenho sucesso. Quando chego aos degraus de pedra, olho para baixo e vejo Daison em meus braços. Mas é apenas uma visão. Um truque lançado pela loucura e tristeza.

Este mundo não se importa com nada.

Não se importou com Daison.

Estou meio consciente. Meio louca.

E então eu ouço.

Água. Espirrando.

Eu caio de joelhos atrás da cachoeira, e a garota cai no chão. Alguém pega a mão dela e a puxa em direção ao túnel. Eles tentam me levantar. Eles não conseguem. Eles gritam. Eles pegam a menina e desaparecem. Eu sento lá por minutos, horas, eternidade.

Algo lambe minha mão. Cutuca minha cabeça.

— Barão?

Ele rosna.

Lentamente, minha cabeça fica mais clara. — O que está acontecendo, garoto?

Barão lamenta de um jeito que eu nunca ouvi antes. Ele passa as patas no chão.

— Eu não entendo o que você quer que eu faça, amigo. É Fen? Ele está bem?

Gritos de guerra surgem através dos lamentos do vento e da neve. Uma lufada de neve gira ao redor de mim e de Barão. Eu tremo e tento puxar meu manto mais apertado. Não está mais lá. Ele ainda está enrolado em volta de Daison.

Barão dá alguns passos em direção ao portão.

Eu hesito.

Ele olha por cima dos ombros, checando se eu estou indo, e então caminha de novo. Não tenho ideia de onde ele deseja ir, mas sei que, no fundo, devo seguir.

A woman with long dark hair, wearing a long red cloak over a white dress, stands in a snowy, forested landscape. The background is a soft-focus winter scene with snow-covered trees and a pale sky. The title 'Capítulo 13' is centered over the image.

Capítulo 13

TEMPESTADE DE SANGUE

“Eu teria escolhido algo como Dragonslayer ou Heartbreaker”.

— Daison

Barão me leva para o alto da montanha, para um pequeno túnel de pedra. — Eu realmente espero que você saiba o que está fazendo, Barão.

Eu tenho que segurá-lo e deixá-lo me guiar na escuridão. Minha mente brilha com imagens de Daison, onde o deixei junto à cachoeira.

Afasto a memória e me concentro nos meus passos, no som de água pingando. Saímos do túnel e entramos em um cemitério. Os mortos estão espalhados pelo chão: os soldados de Stonehill vestidos de branco e vermelho, os atacantes cobertos de peles marrons e cinzentas. Ao longe, passando por uma neblina de neve branca, os soldados da Fen perseguem os Fae através da floresta. Nós ganhamos, e ainda assim a cidade está destruída.

Barão me guia através da neve vermelha, longe da cidade. Entramos em uma floresta, onde os galhos são grossos e o céu é escuro, embora não haja mais folhas. Eu nunca estive aqui antes.

O sol está se pondo agora. O crepúsculo está descendo sobre nós, trazendo consigo mais neve e temperaturas abaixo de zero. Barão parece bem com o frio. Estou congelando, mas continuo me movendo. Algo está errado. Posso sentir como uma algaema ao redor do meu intestino.

Vinte minutos em nossa caminhada, as orelhas de Barão se contorcem e ele para, um rosnado baixo em sua garganta. Mais tarde, ouço o que o lobo ouviu primeiro.

Homens. Falando. Eu me abaixo ao lado de Barão e escuto.

— Ele nos dirá em breve. Lester aqui, pode fazer alguém falar. Até mesmo um príncipe. — Meu estômago cai.

E então eu sinto o cheiro de carne queimando, e eu viro e libero o que estava no meu estômago tão silenciosamente quanto eu posso.

— Por que ele não grita? Qualquer outra pessoa estaria gritando!
— Uma voz diferente.

— Vocês dois podem calar a boca? — Uma terceira voz diz. — Eu estou tentando trabalhar. Ele vai gritar eventualmente. Eles sempre gritam.

Uma imagem se forma em minha mente. Eu quero rejeitar as imagens. Não pode ser verdade. Eu me aproximo, medo amarrando meu intestino. Três homens envoltos em peles estão sentados perto de um fogo. Na frente deles está uma grande rocha. Um homem está preso à pedra, a boca amordaçada com um trapo.

O homem é Fen.

Não consigo respirar. Não consigo ver em linha reta. Eu quero avançar e salvá-lo, mas tenho que ser inteligente. Até o Barão sabia que ele não poderia enfrentar os três homens armados de uma só vez e sobreviver.

Então eu respiro fundo e observo tantos detalhes quanto possível.

Os três estão armados. Um deles, Lester, presumo, tem uma ponta afiada que ele prende no fogo e traz ao peito nu de Fen. Ele puxa o pano da boca de Fen. — Você quer me dizer agora? Se não, podemos continuar. Eu estou gostando muito mais do que você, realmente.

Fen cospe em seu rosto, e o homem franze a testa e põe ferro na pele, deixando uma marca vermelha de queimadura. O rosto de Fen se contorce, mas ele não faz nenhum som.

— É como se ele fosse feito de mármore. Que diabos? — Esse é o segundo homem que ouvi falando. Ele é magro com cabelo ruivo e barba ruiva.

— Acalme-se, Cliff. Tenha um pouco de paciência. — O homem que fala é grande e alto, um homem brutal com cabelo laranja grosso.

Lester é o mais refinado do grupo. Esbelto, com cabelos brancos cortados e um rosto bonito. Eles são todos Fae.

Eu sei que você não pode julgar um povo inteiro por alguns – as garotas que trabalham para mim são Fae e adoráveis – mas esses homens... eu quero espetar todos eles pelo que estão fazendo com Fen.

Por que ele não revida? Os separa? Como eles o capturaram para começar?

— Pelo menos os invasores fizeram sua parte — diz Cliff. — Trouxeram-no para nós como um presente.

Então a coisa toda era apenas uma armadilha para capturar Fen. Mas por quê? Por que não vir logo atrás de mim, se é por isso que eles estão fazendo isso?

Não importa. Temos que salvá-lo. Eu tenho uma espada e um lobo muito zangado. Isso terá que funcionar. Agora, eu só preciso de um plano.

Eu ainda estou tentando pensar em algo quando Lester chama Cliff, que geme, mas vem parar ao lado dele, estendendo seu pulso. Lester corta a pele de Cliff com uma faca e coloca o braço ensanguentado na boca de Fen. Por que eles estão alimentando-o com sangue? Isso não o tornaria mais forte? Eu sinto que estou em um desses pesadelos onde você não tem ideia do que está acontecendo, mas todo mundo espera que você saiba o que fazer.

Fen tenta se afastar do sangue, recusar, mas Lester segura a cabeça dele e empurra o sangue para dentro de sua boca, forçando-o

sobre ele. Quando Cliff se afasta, os olhos de Fen estão pesados, e sua cabeça se inclina para o lado, seu corpo caído em suas correntes.

— A ironia final, não é? — Lester provoca com um sorriso cruel. — Seu tipo vindo ao nosso mundo, apenas para descobrir que somos venenosos para você. Mas é um veneno doce, não é? Um que você quer mais.

Cliff levanta o braço, e Fen olha para cima, suas narinas farejando o sangue, seus olhos enlouquecidos com desejo. Desta vez, quando Cliff oferece seu pulso a Fen, Fen não resiste. Não a princípio, mas então uma faísca volta aos seus olhos, e ele empurra a cabeça para longe, cuspidando o sangue.

Lester anda na frente dele. — Você é mais forte que a maioria de sua espécie. Mesmo do primeiro, você é algo especial, não é? Mas eu vou encontrar uma maneira de te quebrar. Na verdade, acho que já encontrei.

O homem. O grande com cabelo laranja se foi.

Eu estava muito focada em Fen, em descobrir uma maneira de impedir sua tortura, para percebê-lo.

O homem grande está ali, a poucos metros de distância, espada na mão. Barão salta para frente. O homem o chuta para longe.

Eu agarro o punho da minha espada, mas antes que eu possa sacar Spero, o homem agarra meu braço. Com a outra mão ele agarra meu cabelo e me puxa em direção ao seu grupo.

Uma rajada de vento corta o céu. A neve é grossa. É difícil ver na minha frente. Cliff enfia as mãos no casaco, o pulso agora enfaixado. — Precisamos encerrar isso, ou morreremos aqui.

— Fique em silêncio, Cliff. Temos a cadela que procuramos, mas preciso de mais uma coisa do nosso príncipe antes de matá-lo. — Lester se aproxima de mim. Eu luto, mas o homem gigante torce minhas mãos nas minhas costas e me empurra para frente. Lester segura uma faca na minha garganta.

Fen luta contra suas correntes, sua fúria impiedosa. — Deixe-a ir, ou você conhecerá a dor que você nem pode imaginar.

— Fale o que eu preciso saber e não vou machucá-la. Não fale comigo, e ela morre. — Lester empurra a faca contra a minha garganta com força suficiente para cortar a pele. Eu sinto o sangue pingar na minha clavícula. Ele se vira para o príncipe.

— Me desculpe, Fen — eu digo. — Eu deveria ter agido mais cedo.

Seus olhos estão frenéticos. Seu corpo se agita contra as correntes. Mas ele não consegue se libertar. Ele não pode me salvar.

Desta vez, devo salvar a nós dois.

Eu me torço, desequilibrando o homem gigante. Ele cai no chão. Eu desembainho Spero e mergulho a lâmina em suas costas. Ela entra suavemente. Tranquilamente.

Uma parte de mim sabe que tirei uma vida. Isso me sussurra culpa e vergonha. Mas agora eu não posso ouvir. Minha mente troveja de raiva. E há mais vidas para levar.

Eu ataco Cliff. Lâmina para frente. Sua espada está em defesa. Finjo um golpe de cima, mas ataco de baixo, cortando seus joelhos. Ele cai, gritando e manchando a neve vermelha.

Barão salta para frente de trás de mim, pousando no peito de Cliff, golpeando a garganta do homem até que ele não grita mais.

Fen ruge, lutando contra suas amarras, mas ele não é forte o suficiente para se libertar. Os olhos de Lester se arregalam, olhando entre seus camaradas caídos e eu. Ele segura uma faca em uma mão, um atizador quente na outra.

Eu ataco os pés dele. Ele bloqueia abaixo, agachado. E é quando eu o tenho. Há mais em uma espada do que apenas a lâmina. Isso eu aprendi com Kayla.

Eu levanto minha mão para cima.

E bato meu punho no rosto de Lester.

Ele cai para trás, o nariz quebrado e vermelho.

Barão se aproxima.

O homem implora por sua vida. Ele olha para mim. — Pare ele. Pare ele, por favor.

Minha mente está fria. Meu coração quieto. — Você feriu Fenris Vane, Príncipe da Guerra. Talvez eu poupasse você, mas ele não vai.

Barão salta para a frente.

E o homem não implora mais.

Corro até seu corpo e pego uma chave do seu cinto. Eu encontro uma fechadura nas correntes e abro. O metal cai. Eu corro para Fen e caio de joelhos diante dele, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Você está bem? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça. — Eu fui envenenado. Está trabalhando seu caminho através do meu corpo agora. Vai demorar muito para deixar meu sistema. Precisamos encontrar abrigo antes que essa tempestade nos enterre. Eu sobreviverei, mas você... — Ele pega mão e me puxa para mais perto dele. — Você não conseguiria sair daqui.

Barão caminha até nós, então uiva alto e alto na noite.

Eu ajudo Fen a ficar de pé, mas ele tem que se apoiar fortemente em mim para andar. — Onde vamos? — Eu pergunto.

Fen olha para Barão. — Encontre uma caverna, menino. Em algum lugar fora da tempestade.

Barão uiva novamente, não por muito tempo desta vez, e começa a farejar. Ele decola, desacelerando quando percebe que não estamos seguindo tão depressa quanto deveríamos.

Estamos indo devagar e estou com muito frio. Fen está ficando pior, seu corpo mais pesado a cada passo. Eu estou preocupada que não vou conseguir continuar, que vou ficar com muito frio e meu corpo vai desmoronar sob o peso de nós dois, mas assim que eu estou prestes a perder a esperança, Barão uiva novamente e desaparece na escuridão. Eu o sigo, esperando que seja algum tipo de abrigo, e encontro uma caverna esculpida na encosta de uma montanha. Eu assumo que Barão já checkou por criaturas hostis, então eu me abaixo e coloco uma mão sobre a cabeça de Fen para impedi-lo de batê-la enquanto entramos na caverna.

Eu mal consigo enxergar lá dentro. Precisamos de um fogo para a luz e sobreviver ao frio. Ou pelo menos eu preciso de fogo. Meu vampiro

pode estar bem, mas ele não parece bem, e eu não estou bem com ele sofrendo.

Eu o abaixo cuidadosamente no chão. A caverna é maior por dentro do que a abertura faz parecer. Fen geme e tenta se levantar, mas eu empurro seu peito e ele fica. — Não se mexa. Você precisa descansar. Eu vou encontrar um pouco de madeira e construir uma fogueira. Apenas... deite-se.

— Não saia — diz ele. — A tempestade está chegando.

— Vou pegar o Barão e ficar perto da caverna, mas preciso de calor, mesmo que você não precise.

Ele tenta se levantar novamente. — Eu pego.

Eu o empurro de volta como se ele fosse uma criança. — Cale a boca. Você não vai a lugar nenhum, e eu não estou desamparada. Só não torne mais trabalhoso para mim, tentando ser um cara durão e se machucando mais.

Eu saio antes que ele possa discutir mais. Barão fica em meus calcanhares, e eu limpo a neve que congela minhas mãos, tentando encontrar madeira seca o suficiente para queimar. Quando tenho uma braçada, volto para a caverna e arrumo a fogueira da maneira que Fen me ensinou durante uma de nossas sessões de treinamento. Ele sentiu que era importante eu aprender mais do que apenas lutar, que eu também aprendesse algumas habilidades de sobrevivência, considerando o quão desconhecido esse mundo é para mim. Eu resmunguei com as lições na época, mas silenciosamente o abençoo por elas agora.

Leva mais tempo do que eu gostaria, e deixo escapar algumas maldições quando chego perto de acender o fogo apenas para falhar repetidamente, mas finalmente surgem minúsculas faíscas de brasas. Eu empilho mais folha na chama, depois abro com minha mão para que ela se acenda. O fogo cresce até que seja uma fogueira adequada, e eu sento e me sinto orgulhosa de mim mesma.

A caverna se ilumina com o brilho das chamas, e eu me aproximo de Fen para examinar suas feridas. Ele ainda está sem camisa, e sua pele

está em chamas, não tão fria quanto eu esperava. — O que ele fez com você? — Eu pergunto.

Fen coloca a mão no meu rosto, seus olhos azuis trancados nos meus. — Nada que algum descanso não conserte. Eu ficarei bem. Você não deveria ter vindo. Como você me encontrou? Por que você não escapou com a cidade como eu te disse?

— Barão veio até mim, e eu sabia que algo estava errado. Eu sabia que você estava em apuros.

— Mulher teimosa. Você poderia ter se matado.

Eu toco a barba em sua bochecha, meus olhos se enchendo de lágrimas. — Mas eu não morri. Foi você quem chegou perto demais de morrer hoje à noite.

Ele ri, então tosse por seu esforço, cobrindo a boca enquanto ele faz isso. Quando ele a afasta, sua palma está coberta de sangue. Eu a agarro e fico horrorizada. — Tossir sangue é muito ruim, Fen. O que eles fizeram com você?

Ele limpa a mão no chão e se endireita. — Sangue de Fae é veneno para vampiros. Não nos mata. Muito poucas coisas vão realmente nos matar. Mas nos enfraquece e nos deixa muito doentes, muitas vezes por muito tempo.

— Como você trata isso?

Ele olha para longe. — Nós temos que nos alimentar de um humano para purificar nosso sangue dos Fae.

Eu nem hesito. Eu ofereço meu pulso para ele. — Então faça. Beba meu sangue e se cure.

Ele balança a cabeça. — Mesmo se eu estivesse disposto a me alimentar de você, o que não estou, é proibido. Nenhum de nós pode se alimentar de você até que você tenha feito o Juramento de Sangue.

— Então eu vou encontrar um vampiro para você poder se alimentar.

— Você iria congelar até a morte nesta tempestade, em primeiro lugar. E segundo, enquanto os vampiros podem se alimentar um com o outro, isso não nos dá a nutrição que o sangue humano nos dá. No

entanto, pode nos ajudar a curar certas feridas, o que é útil, mas não algo assim.

— Então você precisa se alimentar de mim. Quem proibiu isso? É meu sangue e meu direito de dar a quem eu escolho.

— Vamos falar sobre isso de manhã — ele diz, seu corpo muito flácido sob as minhas mãos. — Você precisa descansar.

— Agora quem está sendo o teimoso, huh?

— Eu não estou sendo teimoso, há apenas coisas em jogo aqui que você não entende. — Ele recua quando a cabeça se ajusta contra a pedra, e eu pego a bolsa que Kayla preparou. — Suas feridas precisam ser cuidadas. Fique quieto.

Ele pega minha mão. — Eles vão se curar com o tempo.

— Mas não estão curando agora — eu digo. — Então eu preciso limpar e enfaixá-las para que não fiquem infectadas, ou o que quer que aconteça aos vampiros quando eles estão feridos.

Eu tiro bandagens e um creme para cortes, arranhões e queimaduras. Temos muitas delas na forja. Fen não mostra nenhuma reação enquanto eu inspeciono as feridas em seu peito, meus dedos espreitando suavemente para me certificar de que ele não está tendo uma infecção. Eu uso um pouco de neve e um pano extra para limpar qualquer sujeira da floresta e aplico uma camada grossa de creme sobre cada ferida antes de envolvê-lo com uma bandagem. — Então, o que está em jogo que eu não entendo? — Eu pergunto enquanto trabalho.

— Você faz muitas perguntas — diz ele.

Eu reviro os olhos para ele. — Sim, eu sou irritante desse jeito, sempre querendo saber coisas que têm impacto direto na minha vida e bem-estar. Deve ser uma coisa humana boba.

— Você está certa — diz ele. — Isso afeta você. E você precisa ter cuidado. Meus irmãos e eu vivemos há muito tempo. Você sequer poderia imaginar quanto tempo se você tentasse. Temos visto a ascensão e queda de muitos impérios e reinos e temos lutado muitas guerras. Nós matamos mais do que você pode imaginar. Fizemos coisas horríveis, merecedoras da nossa maldição demoníaca. Estes são os homens com os quais você

estará passando os próximos meses. Estas são suas escolhas para o próximo rei. Nós somos perigosos, Ari. Mais do que você sabe. E há alguns que não se deteriam em nada para se tornar o próximo rei. Quando você está lidando com uma espécie imortal, muitas vezes você não vê mudanças na liderança, a não ser pela violência, e mesmo assim, somos difíceis de matar, como eu disse. O que está acontecendo agora é sem precedentes. E você está no centro disso tudo. O Conselho Superior decidiu regras para manter você segura.

— Como nenhuma alimentação de mim.

Ele acena. — Sim. No entanto, outras coisas foram deixadas em aberto. E é aí que você tem que ter cuidado.

— Outras coisas como o quê? — Pergunto, assegurando o último curativo.

— Não há limites para a intimidade física — diz ele, olhando para longe.

Minha mão congela em seu peito. Lá fora, a neve cai tão depressa e dura que transforma o mundo em uma cacofonia de gritos e uivos, diminuídos apenas pelo leve crepitar do fogo em nossa pequena caverna. Barão dorme perto de nós, seu corpo perto da chama em busca de calor, mas sua cabeça está de frente para a entrada da caverna, presumivelmente para manter guarda. Tudo isso se registra em um instante, mas nada disso importa, porque tudo que eu posso sentir é a pressão da mão deste homem no meu quadril, suas mãos me apertando mais do que o necessário — Então, tudo pode?

— Essencialmente, sim.

— Com o meu consentimento, é claro.

— Comigo isso sempre seria verdade, mas não é o caso com os outros.

— Então eles me forçariam? — A minha voz treme ao pensar na violação. — Como eles pensam que vão me convencer a escolhê-los no final?

— Se eles te engravidarem primeiro, então eles terão que ser aquele que você escolher. O herdeiro deve vir primeiro.

— Então, se eu engravidar, não tenho mais opções?

Sua mão aperta meu quadril. — Correto. É por isso que Levi não está preocupado com sua exibição anterior. Não precisa que você goste dele. Ele só precisa que você carregue seu filho. Além disso, existem outras maneiras de manipulá-la para que o sexo não seja tão... claramente forçado, mas que você ainda consideraria uma violação do consentimento que é tão importante para você.

Eu franzo a testa. — Maneiras como o quê? Drogas?

— De certa forma. Você experimentou o efeito que Dean teve em você. Ele é o demônio da luxúria e ele pode fazer você querer coisas... sentir coisas... que seria difícil não agir. — Fen vira sua cabeça para mim, sua mandíbula apertada.

Eu coloco uma mão em sua bochecha, sentindo a barba por fazer na minha pele enquanto eu puxo seu rosto para cima para olhar para mim. — Dean pode usar todos os seus truques em mim, mas eu não sou governada pelo desejo ou luxúria. Eu sou mais esperta que isso. E tenho que dizer, sua recente parceria com Levi o deixou fora da minha lista. Não senti nada quando estive perto dele naquela noite.

— Eles são fortes, Ari. Poderosos. Nós somos os caídos. Os primeiros da nossa espécie a vir para este mundo. O original nos amaldiçoou. Você não teria chance contra eles. Contra qualquer um de nós.

Um zumbido cresce entre nós. Esta carga elétrica, da qual não posso me afastar. — Então você vai ter que ficar por perto e me proteger. Esse é o seu trabalho, não é?

— Sim. — Sua voz é mais profunda do que o normal. Mais grave.

— Então não me deixe — eu sussurro. — Eu sei que faz apenas algumas semanas, mas não consigo imaginar estar neste mundo sem você. Você se tornou minha rocha.

— Oh, Arianna. Você não sabe o que está me pedindo.

— Então me diga. Me ajude a entender. Estou errada em pensar que o que sinto entre nós é mútuo?

Ele me puxa para mais perto dele, nossos corpos agora pressionados juntos. Eu posso sentir o calor de sua pele através das minhas roupas. Ele está tão febril. Tão doente. Eu não deveria estar empurrando-o assim, mas não posso deixá-lo escapar de mim, e é o que temo que aconteça se eu não romper essa parede que ele colocou entre nós.

— Você não está errada. — Ele usa uma mão para segurar minha bochecha. Seu olhar é penetrante, e eu fico quieta, minha respiração me percorre no menor dos movimentos, meu corpo em chamas, cada nervo hiper alerta.

Eu vejo muito em seus olhos azuis. Tantos anos de vida. Tanta dor, tanta tristeza, mas também muita força, muita gentileza, muita ternura inexplorada, quero mais do que qualquer coisa alcançar sua alma e arrancá-la da escuridão que se impõe para a luz.

Ele se inclina e pressiona seus lábios nos meus. Eu tremo quando nossas bocas se conectam. Sua mão se move do meu rosto para a parte de trás da minha cabeça, enquanto ele enterra seus dedos no meu cabelo e me puxa para mais perto. Sua outra mão envolve minha cintura e se espalha contra minhas costas. Eu me deixo relaxar em seu corpo, enquanto eu me equilibro, meu peito pressionado contra o dele, meus braços envolvendo ao redor de seu pescoço.

O beijo se aprofunda, assumindo vida própria enquanto nossos corpos ganham vida um com o outro. Nossa alma se funde, e a urgência de nossa necessidade dança através de nossa pele, nos infectando com um abandono selvagem.

Eu agarro seu pescoço mais forte, meus dedos puxando seu cabelo, meu desejo arranhando através de mim como uma criatura faminta precisando de ar, vida... dele.

Ele tem gosto de folhas de hortelã, e seu cheiro é selvagem, terroso. Eu não consigo o suficiente dele, disso, de tudo que eu sinto quando estou com ele.

Suas mãos exploram meu corpo, e eu me empurro para mais perto dele, me ajustando em cima dele. Eu sei que ele me quer tanto quanto eu o quero.

Agora. Aqui. No meio de uma tempestade. Em uma caverna perto de um fogo.

Ele se move da minha boca para o meu pescoço e orelha, beijando, mordiscando, chupando. Eu gemo contra ele, meu rosto enterrado em seu pescoço. Ele me levanta sem esforço e nos reposiciona para que eu fique de costas. Ele se inclina em cima de mim, seu corpo pressionado entre as minhas pernas. Seu cabelo cai ao redor do rosto enquanto ele olha para mim na luz de fogo. — Nós não temos que fazer isso.

Eu estendo a mão para agarrar seu pescoço e puxar seu rosto para o meu. — Eu quero você, Fenris Vane. Agora.

Um grunhido ressoa profundamente em sua garganta, e ele me beija novamente. Seu corpo está quente. Muito quente.

Algo está errado.

Ele se afasta e rola de costas. Ele começa a tremer. Sua garganta está apertada. Ele está sufocando, eu sento e me inclino sobre ele. — Fen! Qual o problema?

Seu corpo convulsiona, e ele tosse espuma e sangue. Seus olhos perdem o foco, e ele fica mais pálido.

— Fen! O que eu faço? O que está acontecendo?

— O veneno — ele diz através dos lábios carmesim. — Algo no sangue.

Oh Deus. Ele parece prestes a desmaiar, ou pior. Barão vem até nós, choramingando e rosnando. Ele está ao lado de seu mestre e coloca suas grandes patas no peito de Fen, em seguida, olha para mim com tal expressão humana de tristeza, medo e implorando, que meu coração quase quebra.

Eu procuro por algo afiado e encontro uma pequena faca na minha mochila. Seguro meu pulso perto da boca de Fen, respiro fundo e corto minha pele com a lâmina.

O corte é profundo. Eu aperto meu queixo para não chorar de dor. Mas o sangue está fluindo. Eu o empurro para mais perto de sua boca.

Ele perdeu toda a razão. Seus olhos estão fechados. Ele não se move mais.

— Beba meu sangue — digo a ele, com lágrimas nos olhos. Existem maneiras de matar imortais, disse Fen. Os atacantes encontraram uma?

Meu sangue escorre da boca dele. Ele não está tomando. — Beba! — Eu grito para ele, empurrando meu pulso em sua boca e segurando sua cabeça com a outra mão para que o sangue desça pela sua garganta.

Eu não sei quanto tempo o sangramento continuará. Eu estou pronta para cortar meu pulso novamente se ele não acordar.

Eu estou perto disso, levantando minha adaga, quando ele se move, sua boca se agarrando, sugando o sangue de mim. Está funcionando. Ele está acordando. Ele está bebendo.

Agora, tudo que posso fazer é rezar para que isso o cure antes que me mate.

A woman with long dark hair, wearing a long red cloak, stands in a snowy, forested landscape. The background is a soft-focus view of snow-covered trees and a bright, hazy sky. The woman is looking slightly to the right.

Capítulo 14

PRINCESA ARIANNA

“Você é a escolhida, há uma profecia, um perigo e, é claro, meus encantos sensuais”.

— Asher

Eu estou com frio. Tanto frio. Eu não consigo parar de tremer. Envolvi meu pulso, mas as ataduras continuam ensanguentadas.

Nosso fogo está morrendo e quase estamos sem madeira.

A febre de Fen parece ter diminuído. Sua cor está retornando e ele está respirando bem, mas ele não acordou. Mas suas feridas estão curando. Agora eu só tenho que encontrar uma maneira de não morrer de hipotermia enquanto espero esta tempestade terminar e sua recuperação.

Barão fica ao lado de Fen, mantendo-o aquecido e olhando para ele como uma mãe preocupada.

Eu cruzo meus braços sobre o peito em vão, em uma tentativa de me aquecer com o fogo fraco. Não vai demorar muito para queimar e a tempestade ainda continua lá fora. Certamente alguém teria enviado batedores para nos procurar? Mas eles poderiam viajar nesse clima?

Olho para o sangue que escorre pelas ataduras novamente e suspiro. Esta ferida não cicatrizará rapidamente, mas pode ter salvado a vida de Fen, então não me arrependo. Este mundo, este reino, precisa dele.

Eu preciso dele.

Eu também preciso de mais fogo.

Eu me levanto e caminho até a abertura da caverna. Parece miserável lá fora. Uma rajada de neve se acumulou na saída ao ponto em que estamos quase presos.

— Barão, eu preciso da sua ajuda para sair daqui. Precisamos de mais madeira.

Ele vem rapidamente, e eu aponto para a neve bloqueando nossa fuga.

Ele entende minha intenção e começa a cavar, fazendo para mim um caminho. Eu o sigo para o outro lado. Nunca senti tanto frio em minha vida quando rastejei por um banco de neve.

O mundo está completamente coberto de branco. Minha única esperança é encontrar uma árvore que tenha alguns ramos inferiores que eu possa quebrar para queimar.

Barão se move para me seguir, mas eu me viro para ele e balanço minha cabeça, apontando para a caverna. — Guarde Fen. Venha me encontrar se ele piorar.

Barão olha para mim, depois de volta para a caverna, choramingando. Eu posso ver a incerteza em seus olhos. Ele quer tanto proteger nós dois.

— Está tudo bem, garoto. Eu não vou vagar muito. Volto em um minuto. Apenas mantenha a entrada aberta para mim.

Finalmente ele se vira para voltar para a caverna, e eu me pergunto se tomei a decisão certa quando minhas pernas afundam até a coxa na neve.

Eu sinto que a resposta é não. Mas Fen não pode ficar sozinho agora. Eu lembro de uma boa árvore, não muito distante daqui, que deveria ter alguns galhos que eu possa usar.

A caminhada é trabalhosa. Eu estou fraca pela perda de sangue, falta de comida e frio. Meus membros estão congelados. Mas ainda dou um passo na frente do outro. A árvore não deverá estar muito mais longe. Ela terá o que eu preciso e voltarei à caverna, e ela se sentirá positivamente tostada comparada a este inferno de inverno.

Posso perder alguns dedos dos pés ou das mãos, mas vou viver. Isso é o importante. Eu me pergunto se meus dedos cresceriam novamente quando eu me transformasse em um vampiro. Isso seria legal.

As palavras da minha mãe percorrem minha mente enquanto ando. *Dum spiro spero*. Enquanto eu respiro, tenho esperança. Eu ainda estou respirando. Eu não vou desistir da esperança.

Minha mente vagueia pela minha noite com Fen antes que ele desmaiasse. Antes que eu lhe desse meu sangue.

O jeito como a boca dele estava contra a minha. A maneira como me senti ao segurá-lo e ser segurada por ele. Apenas o pensamento disto parece me aquecer.

Eu vejo a árvore logo à frente e quase aplaudo em voz alta com alívio, mas parece muito difícil abrir minha boca.

Demora muito para chegar ao tronco, tão lento quanto eu estou andando, mas, quando o faço, fico feliz em descobrir que existem alguns ramos que funcionarão se eu conseguir removê-los.

Concentro-me nos mais pequenos. Eu não tenho forças para quebrar galhos mais grossos. Uma vez que eu tenho o máximo que posso carregar, viro e começo minha lenta caminhada até a caverna.

Tento imaginar o calor do fogo, o conforto de estar perto de Fen enquanto ele dorme e cura, a segurança de ter Barão ali. Qualquer coisa que me impeça de pensar no frio que invade meus ossos.

Até minha alma está congelando neste momento. A neve para, dando uma trégua do frio descendo sobre mim, e me permite seguir minha trilha de volta para a caverna. sem me perder. Eu apenas finjo que esse era o meu plano o tempo todo, que eu não estava preocupada com a neve escondendo meus rastros, me perdendo no meio de uma floresta no meio da tempestade e morrendo congelada.

Sem o som da tempestade passando pelas árvores, é um passeio tranquilo de volta. Meus braços queimam com o peso da madeira. Meu pulso doe quando os galhos se esfregam no meu corte. Mas é tão bonito e calmo que eu quase posso esquecer a dor.

É por causa dessa absoluta quietude e silêncio que eu os ouço antes de atacarem.

Eu deixo cair minha madeira na neve e aperto o punho da minha espada, diminuindo minha respirando para que eu possa ouvir melhor.

Eles se aproximam da minha direita. Há mais de uma pessoa, mas não soa como um grande grupo. Eu puxo Spero para fora lentamente, em silêncio, e caminho até uma grande árvore para me esconder atrás. Pode ser um grupo de busca procurando por nós. Alguém do castelo vindo aqui para ajudar. Eu quero acreditar que é o caso, que seremos resgatados e levados de volta para nos aquecer em Stonehill e tudo ficará bem.

Mas meu instinto diz o contrário.

Este não é um grupo de resgate.

É um Fae vindo atrás de mim.

Eles nos levaram para essa armadilha, trazendo Fen para cá. Eles são os únicos que sabem onde ele está.

Eu agacho atrás de uma árvore, espada pronta. Eu fui esperta o suficiente para pelo menos cortar minha mão esquerda, então meu braço de espada ainda funciona tão bem quanto pode neste clima.

Mas eu estou fraca e cansada e eles são muitos. E eu não tenho Barão para ajudar. Minha melhor chance é me esconder. Para não ser encontrada.

Mas e se eles encontrarem Fen? E se eles o machucarem para me encontrar? Eu não vou deixar isso acontecer. Vou me render primeiro.

Estou feliz por Barão estar protegendo ele. Se algo acontecer comigo, Fen estará a salvo. Eu posso pelo menos ter certeza disso.

Dois homens e uma mulher entram na clareira onde eu estava momentos antes. Eles estão vestidos com couro de peles e acompanhados por um lobo. Este é preto e menor que o Barão. O lobo fareja o chão, e então olha ao redor.

— Ela tem que estar em algum lugar perto — o homem mais alto diz. Ele parece jovem, como todo Fae, mas sua barba é comprida e cinza. Ele carrega um cajado ambulante com um cristal azul moldado no topo.

— Será difícil sentir um cheiro nesta neve — a mulher diz. Ela é quase tão alta quanto o homem com quem fala. — Nós deveríamos ter esperado até depois que a tempestade passasse.

O homem mais baixo olha para o céu e balança a cabeça. — Esta é a nossa única chance. Ela está sozinha, desprotegida pelo demônio com quem mora. Todos os sinais dizem que devemos agir agora.

Eles sabem muito. Mas como?

Eles circulam a clareira, verificando arbustos e árvores. Não demorará muito para que eles encontrem minhas pegadas, até chegarem à minha árvore. Se eu me mover ou tentar fugir, eles vão me pegar. Estou paralisada de medo.

O homem mais baixo ergue os olhos de repente, como se tivesse ouvido alguma coisa, mas eu não me movi nem um centímetro. Mal estou respirando.

Ele sorri. — Ela está aqui. Em algum lugar perto. Ela pode nos ouvir.

— Bom — a mulher diz. — Então ela saberá que só viemos para levá-la para casa. Princesa Arianna, saia e mostre-se. Nós não somos os inimigos que você teme. Nós somos seus parentes. Sua verdadeira família. — Sua voz é cheia de autoridade, mas eu não entendo o que ela quer dizer.

— Você não pertence aos demônios que tentaram destruir o nosso mundo — ela diz. — Você é Fae. E você é a verdadeira governante deste mundo.

Mãos me agarram por trás. — Encontrei ela! — É o homem mais baixo. Ele se esgueirou em cima de mim enquanto a mulher falava. Desta vez, eu estou fraca demais para lutar. Ele coloca um pano no meu rosto. — Desculpe por isso, Alteza. Mas é hora de ir para casa.

Quando acordo, me vejo pendurada no ombro do homem alto, luto para longe de seus braços e ele me joga sem a menor cerimônia no chão coberto de neve de uma floresta arborizada.

— Seja gentil com ela. Ela não deve ser ferida — diz a mulher.

— Ela me mordeu — diz o homem alto, esfregando o braço onde eu, de fato, dei uma mordida.

— Parece que ela aprendeu mais com os demônios do que percebemos — diz o homem baixo com uma risada.

O homem alto olha para ele, mas eu interrompo suas brigas. — Quem são vocês e onde estão me levando?

Minhas mãos e pés estão amarrados juntos com corda, e eu não posso ficar de pé ou mover muito, além de me sentar e olhar para os três, meu pulso ainda está sangrando, e com minhas mãos nas minhas costas, bato meu dedo no sangue e desenho na terra. Eu conheço o símbolo de coração, tendo-o traçado no pulso de Fen tantas vezes.

Se eu puder chamá-lo através da magia, talvez ele possa me encontrar.

A mulher se aproxima de mim antes que eu possa terminar o símbolo, e eu mudo minhas mãos para cobri-lo, então ela não vê o que tentei fazer. Preciso que eles abaixem a guarda, para que eu possa tentar de novo.

— Eu vou cortar as cordas em seus pés para que você possa andar — ela diz, — mas se você lutar comigo, você vai ficar nas cordas, entendeu?

Eu aceno e vejo quando ela puxa uma faca e libera meus pés das restrições.

Ela me ajuda a ficar de pé, e eu olho em volta para encontrar uma maneira de escapar, mas não tenho ideia de onde estamos.

— Você vai congelar até a morte antes de encontrar ajuda — diz o homem baixo. Ainda estou vacilando com a droga que me deram, e minha visão está embaçada. A mulher agarra meu braço e me leva para a frente,

para uma caverna esculpida na lateral de uma montanha. — Para responder à sua pergunta, vamos levando-a ao seu reino legítimo.

— Do que você está falando?

A caverna é grande, muito maior do que a que Fen e eu estávamos. Estalactites pendem do teto como armas de cristal ameaçadoras. Eles são lindos de uma maneira fria e dura.

— Você vai ver em breve — diz a mulher.

Caminhamos mais fundo na caverna e chegamos a uma caverna espaçosa. Dois imponentes blocos de pedra estão apoiados nos cantos de uma porta de pedra. No meio há uma marca na forma de uma mão com uma espinha pequena saindo da palma da mão. A mulher coloca a mão nela, empalando sua pele. A marca se ilumina com um branco brilhante quando ela se afasta, e o padrão intrincado no interior corre com linhas finas de sangue.

De dentro da estrutura, algo se desloca e se move, mecanismos metálicos se encaixam e então a porta se abre. O homem alto me empurra para dentro da caixa de pedra, e os outros nos seguem. As portas fecham, nos deixando na escuridão total. A mulher fala uma palavra que eu não entendo, e uma bola de luzes bem acima de nós brilha o suficiente para iluminar o espaço.

Magia?

Eu não tenho muito tempo para considerar isso, porque a caixa de pedra em que estamos começa a se mover. Eu suspiro e quase caio, mas o homem alto pega meu braço e me segura enquanto começamos a afundar no chão.

— Esta é uma das muitas passagens secretas que conectam os dois lados do nosso mundo, permitindo-nos viajar com facilidade, — a mulher explica.

— Para onde isso está nos levando? — Eu pergunto, minha voz escoando no espaço confinado.

— Você vai ver — diz ela com um sorriso secreto.

Começamos a nos mover mais e mais rápido, e meu estômago revira e cai até que eu sinto vontade de vomitar. Eu avanço até uma das

paredes e me encosto nela, meus ombros doendo de serem puxados atrás de mim.

— Vocês mataram o rei? — Pergunto, pensando na investigação de Fen e nas peças que faltam que ele não colocou, como o inimigo conseguiu acesso ao Castelo Principal. — É assim que você se infiltrou no castelo?

— Todas as suas perguntas serão respondidas com o tempo, mas nada é o que você pensa. Você foi recebida pelos enganadores finais. Os príncipes e sua espécie não são confiáveis.

O guarda da masmorra disse algo semelhante a mim no dia em que cheguei aqui, e embora eu certamente não confie na maioria deles, acho que os Fae estão errados ao julgar todos eles. Ainda assim, os príncipes têm a alma de minha mãe e eu não posso deixá-la à mercê deles.

— Eu tenho que voltar! — Eu digo, minha voz urgente. — Minha mãe é prisioneira deles. Se eu não cumprir o meu contrato, o corpo dela na terra vai morrer e a alma dela ficará presa na masmorra deles para sempre. — Eu não posso sacrificá-la assim. Fen tentaria protegê-la, tentar argumentar que fui levada contra a minha vontade, mas contratos de demônios não são tão facilmente violados.

— Sua mãe não é nossa preocupação — diz o homem alto.

A mulher franze a testa para ele. — O que Gerard quer dizer é que faremos tudo o que pudermos para garantir a segurança de sua mãe, mas nossa primeira prioridade é levá-la para casa em segurança.

Casa. Eu sei que eles não querem dizer a terra. E eles claramente não querem dizer o Reino de Inferna. Então onde é casa?

— Você tem a pessoa errada. Eu sou apenas uma garota normal tentando salvar minha mãe. Eu não sou sua líder, ou quem você pensa que eu sou.

Eles não dizem nada, enquanto o nosso elevador de pedra se move mais rápido.

Não sei quanto tempo demora a viagem. Minha mente ainda está confusa com drogas. Mas em um ponto, algo muda e eu começo a flutuar.

Todos nós fazemos. Meu estômago se revolve e eu vomito. Pedacos de comida deslizam na minha frente.

Eu tento segurar a parede, mas não há nada para segurar. Os três Fae se viram de um lado para o outro, apontando para os pés.

— Faça como nós — diz a mulher. — A gravidade vai mudar em um momento e você vai pousar em sua cabeça, se você permanecer como está.

Eu me viro de cabeça para baixo na hora certa. Quando a gravidade retorna, nós caímos no que antes era teto. Agora estamos subindo. Ou para baixo? Ou... Eu não sei o que aconteceu.

— Nosso reino está do outro lado deste mundo — diz a mulher. — Eu diria que no fundo, se você imagina que está vivendo no topo. Mas realmente não há fundo ou topo. É tudo gravitacionalmente relevante. Estamos agora na metade do caminho para casa.

Nenhum dos mapas pelos quais eu olhei indicava que havia algo no 'outro lado.' Parecia uma ilha flutuante no céu.

Mas se a mulher está correta e os príncipes não sabem, estão em perigo. Eles acham que os rebeldes estão isolados nas Terras Distantes. Eles não têm ideia de que há alguém vivendo do outro lado do mundo.

Sento no chão, minhas costas contra a pedra, e tento processar todos os meus pensamentos. Meu pulso está latejando e minha atadura está ensanguentada, mas eu não tenho nenhum estoque comigo, então eu pressiono minha mão contra a ferida, na esperança de conter a perda de sangue até chegarmos onde estamos indo.

A mulher vê a bandagem e franze a testa. — Você foi ferida?

Eu não quero explicar que eu estava alimentando um vampiro, então eu apenas aceno. Ela se ajoelha, corta a corda amarrada em minhas mãos e puxa minha mão em direção a ela, desembrulhando a atadura. — Isso é profundo. Nós devemos curar rapidamente. Você perdeu muito sangue.

Ela pega uma pequena faca e espeta o polegar, esfrega um pouco de sangue em uma pedra verde que ela tira do bolso, depois canta palavras em outro idioma com os olhos fechados até a pedra começar a

ofuscar. Com os olhos ainda fechados, ela pressiona a pedra na minha ferida. Queima e eu mordo o lábio para não gritar. Uma dor profunda se espalha pelo meu braço, e quando olho para baixo, a pele está se unindo, curando o corte.

Me sinto tonta, e a mulher parece mais pálida do que ela é, mas não estou mais sangrando. Não há nem mesmo uma cicatriz. — Como você fez isso? — Embora eu saiba a resposta. Eu vi Kayla fazer quase a mesma coisa com Daison.

Meu coração cai ao pensar no doce garoto.

A mulher sorri e coloca a pedra verde de volta em uma pequena bolsa de couro. — A magia está no nosso sangue. No seu sangue. Você vai aprender tudo isso e muito mais.

Embora a ideia de aprender magia me agrade, nada do que eles dizem pode ser confiável. Eu vi como eles atacam as pessoas que eu cuido. Como eles queimaram uma cidade inteira, uma cidade que incluía sua própria espécie, apenas para atrair eu e Fen. Eles não são meus parentes, e eu não serei seduzida por suas promessas vazias.

O elevador finalmente para, e a porta de pedra se abre, revelando um longo túnel iluminado por lanternas.

A luz brilhante acima de nossas cabeças desaparece, e eu sigo os três através dos túneis.

O homem alto tem minha espada amarrada às costas, e imagino pegá-la e lutar contra todos eles, mas ainda estou muito fraca. Não faço ideia de onde estou e como voltar a Fen. Então deixo que me conduzam até que eu pense em um plano melhor que possa funcionar. Talvez eu ainda possa desenhar a marca? Eu esfrego o anel. Fen deu um talismã para me dar sorte e força. Eu vou precisar dos dois antes que isso acabe.

Andamos por caminhos subterrâneos sinuosos, depois subimos as escadas até chegarmos a uma caverna gigante. Luzes azuis pendem do teto, iluminando a área. E diante de mim está um castelo. Mais majestoso do que qualquer coisa que eu já vi. É feito de cristal e mármore com o design mais gracioso e elegante. Pináculos altos erguem-se bem

acima, misturando-se com as paredes da caverna. O grande portão é decorado com dois veados brancos. Ele abre sozinho.

Eu sou levada para dentro, para um grande salão com uma mesa de madeira no centro. Está coberto de comida e bebida e na cabeceira um homem senta comendo um pedaço de carne. Ele olha para cima e sorri quando me vê, depois abre os braços.

— Princesa Arianna, aqui finalmente. É um prazer finalmente conhecer você.

Eu conheço seu rosto, mas é impossível. Ele não pode ser quem eu acho que é.

— Eu sei, é um grande choque. Eu deveria estar morto afinal, mas, infelizmente, como você pode ver, eu estou muito vivo.

— Rei Lucian? Mas, como...

— Eu temo que um pouco de truque fosse necessário para te encontrar e te trazer aqui, a fim de mudar as coisas no nosso mundo para melhor. Meus filhos não entenderam quando eu tentei explicar.

— Eu não acredito em você. Isso é loucura. — Eu estremeço. Confusa. Nada disso faz sentido.

— Eu posso entender por que você pode não confiar em mim ainda. Mas talvez haja outro cuja palavra você pode confiar mais?

Um homem sai das sombras. Um homem que eu conheci nas últimas semanas. Um homem que eu podia confiar.

— Olá, Arianna.

— Olá... Asher.

A woman with long dark hair, wearing a long red cloak, stands in a snowy, misty forest. To her right, a white wolf is visible, looking towards the viewer. The scene is ethereal and wintry.

Epílogo

Fenris Vane

“Eles desencadearam o Príncipe da Guerra”.

— Arianna Spero

Eu acordo de uma vez, meu coração martelando no meu peito. — Arianna! — Eu grito seu nome na escuridão. Está frio, frio demais para um humano. O fogo está morto há horas, e embora eu ainda possa sentir o cheiro de Ari no ar, ela se foi.

E ela está com problemas.

Seu sangue bombeia através de mim. Ele me curou mais rápido do que qualquer coisa deveria fazer. E agora entendo porque meu pai a escolheu acima de todas as outras.

Preciso ver Asher. Suas respostas às minhas perguntas determinarão se ele mantém a cabeça ou não.

Barão reclama na entrada e nós dois atravessamos a neve e corremos o mais rápido que nossas pernas nos levam. Seu perfume desaparece agora que estamos em aberto. A nova nevasca cobriu seus rastros e não demora muito a perder a esperança de encontrá-la. Eu grito na floresta, e Barão coincide com o meu luto com seu próprio uivo.

Nós corremos de volta para o castelo. Desta vez não espero Barão. Eu uso toda a minha força demoníaca, empurrando através da dor ainda em mim.

Uma vez lá, eu imediatamente envio batedores para procurar na floresta, e outro para trazer Asher para mim.

Todos me evitam enquanto eu atravesso o castelo procurando por alguma pista sobre o que aconteceu com Arianna, embora no meu coração, eu saiba. E isso significa guerra. Mais que a guerra. Isso significa aniquilação.

Quando Asher chega, ele sorri a princípio, pronto com uma piada arrogante. Eu apago esse sorriso com o meu punho.

Ele esfrega o queixo, parecendo confuso. — Esse é um tipo estranho de saudação para o seu irmão favorito. O que incomoda você, Fen?

Eu me aproximo dele. — Fale que você não sabia.

— Não sabia o que, irmão?

— Que Arianna é de sangue Fae real. Que você planejava se casar com o verdadeiro herdeiro de um de nós, para assegurar nosso reinado para sempre.

Seus olhos se arregalam e eu sei naquele instante a verdade. Eu o soco novamente, desta vez enviando-o voando para trás.

Seu rosto normalmente jovial fica duro. — Eu confirmo isso, mas não mais, Fen. Como você descobriu?

— O sangue dela — eu digo.

— Você quebrou o juramento?

Eu balancei minha cabeça. — Não conscientemente. Eu fui envenenado pelo sangue do invasor. Eles misturaram com algo. Eu quase morri. Ela me fez alimentar dela enquanto eu estava inconsciente.

Asher franze a testa. — Como o sangue dela não te deixou pior?

Eu dou de ombros. — Eu não sei. Eu pensei que você poderia saber. Talvez seja a mistura de humanos e Fae. Talvez tenha anulado o veneno.

— E quanto aos outros efeitos? — Ele pergunta.

— Aqueles não foram negados. Ainda é uma droga. Um elixir. Eu curei muito rápido. Eu me sinto muito forte.

Asher esfrega o queixo novamente. — Você certamente parece assim.

— Por que você não me disse quem eu estava guardando?

— Pai disse que para que isso funcionasse, tinha que permanecer em segredo. Ele disse só para mim e pediu que eu não contasse a ninguém.

Eu aperto meu punho. Mesmo na morte, meu pai favorece meu irmão.

Asher olha em volta. — Onde está a princesa agora?

— Ela se foi — eu rosno. — Eles a levaram enquanto eu estava inconsciente. Eu senti isso. Foi o que me acordou do estupor.

— Ela é a chave para tudo — diz ele. — Temos que encontrá-la. Agora, antes de perdê-la para sempre.

Meus olhos caem no chão. — Você não vê? Nós já a perdemos. Eles vão dizer a ela quem ela é de verdade, e ela vai pensar que a traímos. Que eu a traí. E nós estaremos em guerra. Como seu líder.

Asher coloca uma mão no meu braço. — Você a ama. — Não é uma pergunta, então eu não me incomodo em responder.

— Irmão, isso não pode ser. Você foi escolhido pelo Alto Conselho para ser seu guardião e protegê-la porque se recusou a ser rei.

Eu olho para cima, fúria em mim. — Isso não é sobre ser rei. Isso é sobre Arianna e sua vida.

— Ela não vai escapar tão facilmente de nós, irmão. Nós ainda temos a alma de sua mãe. Ela vai voltar, e vai escolher um príncipe. Ou seu contrato será quebrado e a alma de sua mãe irá passar a eternidade no inferno.

Meu punho age por vontade própria, aterrissando na mandíbula de Asher e derrubando-o desta vez. Deixo seu corpo no chão e vou embora.

Cinco semanas atrás, fiquei na frente do meu pai, o rei, segurando duas taças de vinho na minha mão. A indecisão me atormentou.

Um cálice continha vinho envenenado. E dependendo de como meu pai respondesse às minhas perguntas, determinava que cálice ele receberia. — Você nunca teve cabeça para o longo jogo — disse ele, da maneira condescendente que sempre teve. — Você só quer apunhalar a espada em um problema, mas algumas coisas exigem mais delicadeza. Mais manipulação.

— Você está falando sobre destruir seu próprio povo — eu disse, ainda segurando as taças.

Meu pai andou pela sala e continuou a fazer sua palestra sobre o bem maior e o destino deste mundo e como nós nunca iremos quebrar a maldição que nos atormenta se não sacrificarmos alguns dos nossos.

Quando ele pediu o vinho, eu dei a ele a taça à minha direita.

Eu dei a ele o veneno.

Ele o drenou, e esperei que ele caísse no chão.

Eu esperava que fosse doloroso.

Eu esperava a espuma na boca.

Mas eu não esperava que o coração dele parasse.

O veneno não era para matá-lo. Era para deixá-lo inconsciente para que pudesse ser preso e interrogado.

Eu agi rapidamente, arrumando a sala para parecer como se ele estivesse sozinho, e saí, permitindo que alguém encontrasse seu corpo.

Ele foi declarado morto.

Ele foi enterrado no mausoléu.

E eu assumi a caçada por seu assassino.

Era eu o tempo todo. Mas eu não destruí seu corpo. E eu nunca entendi como ele morreu. O relato de Zeb me disse uma coisa: Meu veneno não o matou.

Então o que foi?

Ou quem?

Meu pulso queima, me tirando da memória e trazendo para o presente. Eu olho para o meu pulso. Minha marca demoníaca brilha em vermelho vivo.

Adriana está me convocando. Me chamando.

E eu vou encontrá-la.

CONTINUA...